

Academia Guarulhense de Letras

PATRONO CADEIRA ACADÊMICO

João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	João Ranali
João Guimarães Rosa	4	(Vaga)
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	Milton Luiz Ziller
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Flavio Cleto Giovanni Trombetti
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hansen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Agular
Gustavo Corção Braga	11	José Alaercio Zamuner
Otávio Rodrigo Langgaard Filho (Luiz Otávio)	12	José Alves do Carmo
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ari Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Eugenio Shinji Asano
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	(Vaga)
Pedro da Silva Nava	22	Armando Attilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	José Luiz Negreiros
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanián Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	(Vaga)
Onofre Leite	28	(Vaga)
Silvio Ourique Fragoso	29	Ângela Maria Andeolli Gonçalves
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	(Vaga)
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	(Vaga)
Laerte Romualdo de Souza	33	(Vaga)
Geraldo Penteado de Queiroz	34	(Vaga)
Néfi Tales	35	(Vaga)
Antonio Filardi Luiz	36	(Vaga)
Normandio Meireles de Almeida	37	(Vaga)

Acadêmica Correspondente: Vanda Fagundes Queiroz

Acadêmicos Honorários:

Eloi Pietá

Rafael Rodrigues Filho

Teresinha Silva Maltez de Souza

Gasparino José Romão Filho

Revista da Academia Guarulhense de Letras Nº6, Ano VI, 2004

Academia Guarulhense de Letras



Revista Nº6, Ano VI, 2004

No livro dos livros há um conceito de sábia profundidade que diz: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. Em criação editorial, convencionou-se chamar de “ore-lhas”, as partes internas das capas dos livros. Porque, ninguém sabe. Trata-se de uma apreciação sucinta sobre a obra que vem a lume.

Logo, a orelha deve conter, não babujaria, mas algo de profundidade que impressione o leitor a deliciar-se com o livro.

Vem a propósito citar o pensamento do crítico Mario da Silva Brito (desaforismos): “Há certas orelhas de livro que valem muito mais que solenes rodapés de crítica literária. É sob esse aspecto que assistimos o surgimento de mais um número da Revista da Academia Guarulhense de Letras.

Acontecimento que, de há muito, ocorre no final de cada ano.

Edição que exige algumas palavras corajosas sobre esse esforço dos acadêmicos componentes do Sodalício. Sem apoio oficial, em-bora reconhecida como entidade de utilidade pública, vive no acanhamento de uma sala, promíscua de outras dependências, para as suas reuniões mensais e, de vez em quando, solenes.

Academia Guarulhense de Letras

Academia Guarulhense
de Letras

Revista da Academia
Guarulhense de Letras nº 6, Ano
VI, 2004



NAVEGAR EDITORA

AGL - Academia Guarulhense de Letras
Sede: Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 97
Vila Lanza - CEP: 07115-020 - Guarulhos - SP
Fones: (11) 6409-0098 - 6443-5618 - 6441-0751
E-mail: mautezadv@hotmail.com

Presidente - gestão 2004/6: *Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Comissão Organizadora
Alfredo Ibrahim Khouri
Plinio Tomaz
Terezinha Silva Maltez de Souza
Mauro dos Santos Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Revista Guarulhense de Letras. - São Paulo:
Navegar Editora

ISBN: 85-87678-50-7

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas brasileiras - Coletâneas
3. Ensaios brasileiros - Coletâneas 4. Poesias brasileiras - Coletâneas

02-4942

CDD - 869.9308004
869.9108004

Índice para catálogo sistemático

1. Contos : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9308004
2. Crônicas : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9308004
3. Poesias : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9108004



Copyright © by - Academia Guarulhense de Letras - 2004

Editor: *Rubenal Hermano*
Direitos reservados à AGL

Comercial Editora Hermano & Bugelli Ltda.
MF - Navegar Editora
Rua Belém, 93 - Belenzinho
Cep 03057-010 - São Paulo - SP
Fone: (011) 6096-8530
Fax: (011) 6096-8530
Internet: www.navegareditora.com.br
E-mail: www.navegareditora@superig.com.br

FICHA TÉCNICA

Projeto editorial: *Rubenal Hermano*
Preparação de originais: *Juliana Hara*
Composição e diagramação: *Editório VB Santos S/C*
Capa: *Fabio Vicente*
Revisão: *Maria Aparecida Salmeron*

ISBN: 85-87678-50-7

Impresso no Brasil 2004
Printed in Brazil

Diretoria 2004/2006

Presidente: *Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Vice-presidente: *Gasparino José Romão*

Secretário Geral: *Plinio Tomaz*

1º Secretário: *Espedido Pinheiro de Souza*

2º Secretário: *Alfredo Ibrahim Khouri*

Tesoureiro Geral: *Lineu Roque Aceiro*

1º Tesoureiro: *Clarimundo Aguiar*

2º Tesoureiro: *Clovis Domingues*

Conselho Fiscal: *Bismael Batista de Moraes, João Ranali e Milton Ziller*

Sumário

Antonio Darci Pannocchia	11
Ary Baddini Tavares	15
Augusto Pinheiro	25
Bismael B. Moraes	39
Clarimundo Aguiar	47
Clovis Domingues	59
Espedido Pinheiro de Souza	85
Eugenio S. Asano	103
Gasparino José Romão	111
A. Ibrahim Khouri	121
Isabel Borazanian	145
João Ranali	155
José Alaercio Zamuner	171
Lineu Roque Aceiro	191
Milton Ziller	205
Plinio Tomaz	223



Prefácio

Mais um Ano no Culto das Letras

Quando o tempo descerrar a sua cortina para escancarar a porta do ANO NOVO, eu quero alçar a minha voz para cantar alvíssaras nesse novo amanhecer.

Quero enrolar a bandeira do ano velho e, no entusiasmo do novo que desponta, desfraldar o pavilhão do futuro que está chegando e dizer “Bom Dia” ao novo Sol que nasce.

Varrer os resquícios do sol morrente que encerrou o que entenebreceu agora há pouco, no canto do “adeus ano velho e feliz ano novo” quando o pêndulo do relógio do tempo fez ecoar a meia-noite que sepultou as cinzas do velho que esalfou cansado nos estertores da noite em agonia.

Parafraseando o canto do silêncio que encobre o derradeiro suspiro do que já não mais é e que, tão somente, foi, repletar a alma de vida nova, fazer desabrochar das flores os botões da minha roseira para, no jardim das nossas vidas, acompanhar o murmuro do vento que, não se sabendo de onde vem, traz bandas para levar nas suas asas invisíveis o perfume das que desabrocham na alegria do novo amanhecer...

Também eu quero, nas nuvens que ainda entristecem de saudade de nossos pares que já partiram, saudar alvissareiro os novo que chegaram há pouco que, embora não suplantando a falta dos que foram, por certo, desvendarão novos horizontes com um outro brilho, aclarando um campo mais amplo para a sagração dos nossos sempre vivos ideais.

A nossa Revista, porta-voz da Academia Guarulhense de Letras, que comemora o seu 26º aniversário, tem a grata satisfação de apresentar o número 6 de sua publicação.

Consciente e cioso das suas finalidades e firme nos seus propósitos de sempre aprimorar o culto das letras pátrias, jamais se descurou de bem preservar a vereda em que Camões, Bilac e tantos outros trilharam por ela e, embora na singeleza dos seus parcos recursos, tudo tem feito na persecução dos seus objetivos no sentido de bem e melhor cultivar as letras pátrias, no culto da nossa língua, hoje tão deturpada e vilipendiada pelo arautos de sementes alienígenas que nem se preocupam em criar neologismos, mas apenas inserir expressões de outros idiomas, quiçá na pretensão inglória de demonstrar conhecimento de outras línguas.

A Academia Guarulhense de LETRAS, consolidada nos seus vinte e seis anos, representativa das letras da nossa nacionalidade, saúda àquele que, no culto da “última flor de Lácio inculca e bela” num quase místico ritual, fazem parônimo do bom gosto que atesta o sentido de bem apreciar o que de melhor existe na seara das letras pátrias e da gente laboriosa desta terra.

*Guarulhos, dezembro de 2004.
Gasparino José Romão
Vice-Presidente*

Acadêmico

Antonio Darci Pannocchia



Vidas Vividas...

No início de setembro do ano de 1981 adquiri em um “sebo”, na Capital Paulista, entre outros, um livro de autoria do jurista Clóvis Bevilacqua, editado em 1929. À noite, ao chegar em casa, em Guarulhos, comentei com Lygia, minha esposa, o meu enorme descontentamento por conta daquela então lamentável descuidada aquisição, uma vez que, posteriormente, o mesmo se mostrou “rabiscado”.

Por não se conformar com a estrondosa indignação que produzi, minha esposa desejou conhecer os pormenores dos absurdos reclamados. Mas, curiosamente, e sem qualquer esforço, apurou que se tratava de inúmeros autógrafos das candidatas ao concurso de “Miss” Universo-1930, dentre as quais, as

representantes da Alemanha; Uruguai; Líbano; Turquia; França e outras. Esse inusitado fato despertou ainda mais o desejo de Lygia, para também identificar a assinatura da vencedora daquele primeiro concurso mundial de beleza, ou seja, da bonita gaúcha, sua madrinha, YOLANDA PEREIRA.

Foi ela, pois, a primeira mulher a conquistar o título de “Miss” Brasil, em 1930. E de ter sido, depois, a primeira brasileira a vencer o conhecido e mundialmente famoso concurso de “Miss” Universo, realizado no Rio de Janeiro, em 1930.

Depois de ler e reler aqueles não mais “rabiscos”, se sentiu frustrada por não ter constatado ali o esperado autógrafa da tão querida e famosa madrinha. Por isso não se conformou de modo algum com a ausência daquele legado.

Com efeito, aos quatro dias do mês de setembro, de 1981, foi ela em minha companhia ao Rio de Janeiro, para ver, com incrível êxito, completada aquela aparente ingênua aventura de um então possível anônimo estudante de direito, como se algo sobrenatural estivesse assim a indicar ou a desejar, conforme ficou inserido na carinhosa e íntima dedicatória que a irradiante dona YOLANDA PEREIRA nos ofereceu, após ter transcorrido mais de meio século da realização daquele memorável concurso de beleza.

O mais curioso disso tudo, foi que depois de terem se passado dez anos da visita familiar que fizemos ao lar da encantadora “Miss” Universo - 1930, veio ao meu escritório para o trato de assuntos comuns, no mês de

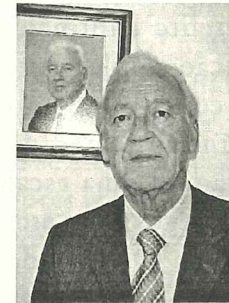
setembro, o empresário Hélio, que é um dos sócios da mega rede de estacionamentos “Stapar”. Nessa mesma oportunidade, ao falarmos sobre generalidades, disse-me ele também que havia, sem muita razão, adquirido diversos materiais usados de um prédio do século passado, em demolição. Onde, em um dos seus cômodos, estava uma velha, porém bonita e requintada escrivaninha de mogno. Sobre a qual estava uma “agenda” em forma de “diário” do ano de 1930. E que seu possuidor era um jovem estudante de Direito que, em ordem cronológica, registrava sistematicamente fatos ocorridos dias após dias.

Diante disso, evidente que não foi difícil a identificação daquele até então anônimo agente da incompleta coleta de autógrafos, por ter o galante estudante das letras jurídicas, de sobrenome “Camasmie”, registrado no mês de setembro, a presença no solo paulista das mais lindas mulheres do mundo de 1930, exceto, evidentemente, a mais linda de todas elas.

Foi assim que, curiosamente, setembro passou a ser para mim a estranha coincidência de uma base de rede transmissora entre o passado das vidas vividas, o presente, e quiçá também do futuro, uma vez que essa malha iniciada poderá ensejar outros sinais não revelados, por conta do seu longo percurso até atingir sua fonte receptora capaz de interpretá-los. Vamos aguardar!

Setembro, 2004

Acadêmico
Ary Baddini Tavares



Essa mania de quantificar tudo!
Com Quantos Graus o
Amor Ferve?

Não é humano quem não quantifica. Há uma matemática genética, ainda não provada entre os animais, que induz as pessoas a definir com números, ou pelo menos por medições indefinidas, cada acontecimento por mais intangível que seja. Entre dois grandes amores, invariavelmente um é maior e o outro é menor. Foram medidos e comparados. “Aquele foi o acontecimento mais feliz da minha vida.” Se foi o “mais”, é porque teve algum “menos”. Maior e menor, mais e menos, imenso e grande, pequeno e ínfimo, são expressões que, se cautelosamente analisadas e

pesquisadas, permitirão a elaboração de escalas numéricas de zero a cem, como de hábito, ou seja lá quanto for. Em muitos acontecimentos, essa escala já foi adotada e os pontos acabam sendo somados, diminuídos, divididos e multiplicados. A inteligência, embora ainda apresente enormes dificuldades para chegar a uma definição amplamente aceita, tem o seu quociente (QI) com consagração universal, expresso em números. Esses números, medidos e comparados, permitem a definição de uma escala que seleciona e exclui, tanto nos empregos e nas escolas, como na vida social. Os gênios, com QI elevado, são invejados e prestigiados. Os imbecis, com QI baixinho, lamentados e excluídos.

Se é possível construir escala numérica para inteligência, por que não usar a mesma para produzir uma escala de outros valores, como amor, tristeza, angústia, alegria ou qualquer outra sensação que se possa considerar atributo e que tenha uma avaliação de maior ou menor, pela pessoa humana?

Vale a pena tentar, junto com o leitor, construir uma escala aceitável para avaliar o amor e deixá-la como modelo, para que se possa aplicá-la na avaliação numérica de outras sensações, igualmente íntimas. Procurando tratar do assunto com a isenção segura de quem está simulando fazer ciência, em primeiro lugar é necessário elaborar uma escala, uma régua para medir as variações do estado de amor. Qualquer escala que mereça esse nome, deve ser decimal ou, mais propriamente, centesimal. A do amor, não deve ser diferente e começar do zero, amor nenhum, e ir até o cem, amor total. Cada centésimo é uma unidade de amor, que por falta de melhor nome, será chamado de

amol. Assim, os amores existentes estarão distribuídos entre zero amol e cem amóis. Simplificando: como a água, o amor congela a zero e ferve a cem.

Escala construída, fica faltando a definição dos dois limites. Zero amol é o amor que não se tem. Cem amóis, é o amor além do qual ninguém sobrevive. A tarefa não é tão fácil como parece, a partir da dificuldade de descrever um amor zero, que seja zero mesmo. Os humanos se afeiçoam com muita facilidade, dando pequenos amores até mesmo às pessoas que não conhecem e sabem que existem de forma indireta, por terceiros ou pelos meios de comunicação. Um amor de baixa intensidade, dois ou três amóis, por exemplo, todos tem para dar sem qualquer restrição. É da natureza humana ou da educação que cada um recebe desde a infância, desenvolvendo-se para a sensibilidade e certo grau de solidariedade.

Como a tendência de quem ama é absorver o estado de alma da pessoa amada, a presença difusa desse amor de pequena dimensão fica evidente pela reação que se demonstra diante dos acontecimentos que atingem a outra pessoa: se está infeliz, fica-se infeliz; se está alegre, fica-se alegre. Se algo acontece, quem ama é sempre atingido. Daí a dificuldade do zero. Amor inexistente só é dedicado a quem realmente também inexistente ou, se existe, de sua existência nada se sabe. O amor que o leitor tem pela pequena Flor de Lis, que mora em um distante cantão da China e que hoje pode não ter amanhecido muito bem porque teve um pesadelo desagradável durante esta noite, provavelmente seja zero. Isso se ninguém fizer comentários sobre o assunto, porque senão, há o risco de doação de alguma afeição, em solidariedade pela noite maldormida e... lá se vão alguns amóis!

Loucura total!

O amor de cem amóis, limite superior da capacidade de amar, obedece a expressão popular “louco amor!” Quem é atingido por ele não tem o comportamento de quem está com a cabeça no lugar. Confunde-se com algumas das mais graves psicoses e, se as pessoas do seu convívio não estiverem bem esclarecidas, podem pensar que estão diante de um autêntico maluco. Ou maluco beleza, se o leitor preferir. Se não é loucura, por que o apaixonado, independente da idade, se comporta como adolescente, ficando na porta de sua amada, horas e horas, apenas para vê-la pela janela? Ou toma atitudes ridículas de ciúme, insegurança, mesmo que não seja – nas demais atitudes – inseguro? Por que perde o juízo quando sente que, real ou imaginariamente, está sendo deixado por outro, pela amada? Por que tenta, mesmo sabendo que não tem esse dom, escrever poemas ridículos e sem pé nem cabeça? Pior ainda, por que perde o sono e passa a noite em claro, com um pensamento só – nesse caso ela – ela, como qualquer psicopata depressivo?

A ciência vem desenvolvendo, através da Ressonância Magnética Funcional, um mapeamento do cérebro, para localizar os centros de controle das diversas ações humanas, inclusive dos sentimentos. É provável que em pouco tempo consiga localizar o centro da paixão avassaladora que, em muito detalhes, se assemelha ao preocupante TOC – Transtorno Obsessivo Compulsivo, aquele distúrbio que tem sido muito explorado pela mídia, que leva seus portadores a lavar

as mãos, tomar banhos, colecionar objetos, não pisar nas riscas das calçadas e muitos outros comportamentos extravagantes.

Uma das identificações com o amor de cem amóis está na impossibilidade de o paciente (paciente?) deixar de pensar na pessoa amada. É atingido permanentemente por pensamentos intrusivos e idéias recorrentes, e desenvolve comportamentos repetitivos, só falando de seu amor. Esse pensamento impositivo, permanente e obsessivo, não difere do que tem o TOC. É muito chato.

Não há como não reconhecer a patologia do louco amor de cem amóis. Já existe até alguma comprovação de que provavelmente, no futuro, os filhos e netos do Prosac poderão eliminar a paixão avassaladora. Já se sabe que os desequilíbrios dos níveis de serotonina e noradrenelina são a origem da depressão e provavelmente do amor cem. O risco de tirar de alguém um amor dessa potência, pode sair emocionalmente caro e o pior mal pode estar na tentativa de cura. O uso dos remédios da espécie do Prosac, podem levar à redução da capacidade amorosa, inclusive no componente adicional do amor: o sexo. É a hora de deixar a ciência avançar um pouco mais, para que se possa chegar a afirmativas absolutas sobre a patologia amorosa. O perigo é que algum medicamento também possa eliminar, junto, o amor tão bem-vindo e benfazejo.

Ainda assim, patológico ou preocupante, o amor cem, a paixão avassaladora, vale muito a pena. Pois é. Quem já sentiu alguma vez na vida, jamais esquece e não precisa que lhe expliquem. Quem não sentiu, sinto muito, não vai entender. Mas qualquer um conseguirá entender por que o verdadeiro símbolo da paixão de cem amóis é o jacaré. Nada de

pombinha branca, gato angorá ou ursinho panda. Jacaré mesmo, pelo comportamento típico de apaixonado: quando caminha para encontrar a amada, traz os olhos esbugalhados, com uma lágrima no canto, a boca aberta, língua para fora, babando. E rastejando, sem nenhum constrangimento.

A sorte dos apaixonados é que nenhum amor sem incidentes chega aos cem. Com o máximo de boa vontade, chega até oitenta. Se houver a possibilidade de perda, aí então o apaixonado enlouquece e libera os últimos vinte amóis que havia racionalmente reservado, em legítima defesa. Amor só chega aos cem amóis a golpes de traição. Mesmo que essa traição seja apenas fruto da imaginação e do ciúme do apaixonado.

*De zero a cem,
como se fosse um folhetim*

Dependendo da capacidade amorosa e da personalidade de cada um, ir de zero a cem pode demorar pouco ou muito. Para compreender melhor, um folhetim ou uma microminissérie no estilo Global, pode pedagogicamente servir de exemplo. Uma sinopse simples, vista pelo lado masculino, como do autor, e para os demais sexos, bastando fazer as necessárias adaptações. Assim, no capítulo primeiro – e único – da microminissérie “O amor de zero a cem”, o personagem principal está caminhando, sem maiores preocupações, para o escritório de um amigo, que não vê há muito tempo. Seu olhar, despreocupado, se fixa em um pedaço interessante de mulher. Pedaço mesmo, porque a primeira visão é em *close* e não em panorâmica, por razões naturais que limitam o ângulo da visão central.

Aceita a primeira imagem, aí sim, o *zoom* funciona e o conjunto é gravado na fita da memória. Agradou. Se agradou, não ficou de graça. Lá se vão os primeiros dois ou três amóis. Se o telespectador, melhor, o leitor não acredita, imagine que a criatura, neste ponto do enredo já desejada, se atirar impetuosamente nos braços de outro que vem em sentido contrário. A frustração é inevitável e uma pequena e quase indolor decepção e sensação de perda virá em seguida, mesmo que sua permanência na memória seja efêmera. Digamos que esses pequenos volumes de amóis são como moedas. Podem ser desperdiçadas sem representar prejuízo. E são, realmente. Se em outra hipótese, a quase candidata ao amor seguir por outro caminho diferente do nosso, paciência. Basta recolher a moedinha e seguir em frente.

Como toda microminissérie que pretende pontuar no Ibope, esta não poderia terminar assim. Ela continua – bendita sorte – indo na mesma direção. Os amóis e as coincidências, vão fluindo a cada passo. Entra em um prédio, que o leitor já adivinhou, é o prédio do amigo citado no primeiro capítulo. Surge um momento mágico: a fila do elevador. Tão perto, ao alcance de qualquer desejo. Tão distante, pelas restrições sociais e pelo desconhecimento.

Se o feromônio for, como alguns cientistas acreditam ser, um elemento fundamental no relacionamento sexual humano, com certeza na fila do elevador o lobo olfativo deve estar a todo vapor, como qualquer macho animal, eriçando as penas ou os pêlos, pela presença da fêmea. Os amóis, a esta altura, já chegaram pelo menos nos quinze ou vinte. Ainda são bastante retráteis, podendo voltar ao estoque levemente chamuscados pela frustração da tentativa, mas intactos e prontos para novas ofertas.

Chega o elevador. Ela fala com o ascensorista e, mais alguns pontos: sua voz é exatamente igual a ela. Seria decepcionante se não o fosse. Há uma quase imperceptível harmonia na beleza. As cores, as formas e o som se complementam, formando um todo que, se harmônico, é belo. Mais amóis.

Ela desce no mesmo andar e segue para o escritório do amigo. Adivinhou: é a secretária dele, ele não está e deve voltar dentro de dez minutos. Ou seiscentos segundos, uma eternidade. Quem já passou por momentos como estes, sabe que o coração acelera, a adrenalina aumenta e cada palavra leva uma mensagem cifrada, traduzida livremente pela outra parte. Papo vai, papo vem, cada qual querendo mostrar sua parte mais valiosa e perfeita, seguindo a regra universal da conquista. Para aumentar o fluxo de concessões de amóis ela, quase entre os dentes, faz um sutil comentário: “Que coincidência!...” Ou seja, de lá para cá, também. Encurtando a história, o amigo não chegou e o encontro foi marcado, para sexta-feira, no final do expediente, na porta do prédio, para um *happy hour* ou, seja lá o que venha a ser.

O certo é que sessenta excelentes amóis já foram dados. Prova? Basta observar que na entrada, o prédio tinha degraus. Na saída, você flutuou sobre eles, nem notando. Se encontrar alguém, compulsivamente vai começar o diálogo dizendo “Você não imagina o que me aconteceu...” e conta tudo.

No primeiro encontro e nos sucessivos, se tudo der certo, mais vinte amóis, somando os oitenta do limite. Os outros vinte, para completar os cem, só se houver, como já foi dito, a angústia resultante da possibilidade de perda.

Foi construída uma escala de amóis, dentro de muita coerência que, se não permite uma exata generalização matemática, vale bem como exemplo. Mas, se não satisfaz o leitor – nem todos são iguais – basta alterar as quantidades, bolar um folhetim de acordo com sua personalidade e adaptar a entrega de amóis à sua realidade.

O arco-íris do amor

Há amor em tudo que o homem realiza ou sonha realizar. Para dar compreensão à escala criada para medir, foi necessário escolher uma e apenas uma forma de amor. Tudo o que foi apresentado, claro, foi em relação ao amor de um homem por uma mulher, ou vice-versa. Mas há outras, e igualmente importantes, formas de amor. O da mãe pelos filhos, dos filhos pelos pais, dos irmãos entre si, amor pelo *status* social, amor a Deus, à pátria, às coisas que se conquistou, e tantos outros. Todos eles no mesmo coração. E ocasionalmente, ou sempre, competindo uns com os outros.

Para facilitar a compreensão, dê o leitor uma cor a cada amor, para que não se confundam. Vermelho, vivo e quente, para o primeiro. Rosa, dos pais pelos filhos, azul, dos filhos pelos pais, cinza, pela sociedade onde se vive, dourado pelos bens materiais, branco por Deus, verde-e-amarelo, pela pátria, e assim por diante. A quantidade de amóis disponíveis em cada cor ou, em outras palavras, a capacidade de amar, varia de pessoa para pessoa. Mas quando a obtenção de alguns amóis de uma cor significa a perda de amóis de outra,

prevalece o princípio da vantagem – erroneamente conhecida como Lei de Gerson – que rege todas as ações humanas.

No mundo real, não é difícil compreender como funciona, se for usado um exemplo do cotidiano. Se em meados do século XX um honrado chefe de família se apaixonasse por uma jovem e pudesse mantê-la discretamente como amante, para ele tudo estaria bem com cerca de cem amóis a mais em sua vida. Mas, se o romance viesse a tona, a reação contra o “descarado” seria terrível. Se abandonasse o lar, pelos cem amóis vermelhos da amante, perderia os sessenta amóis azuis dos filhos, mais os outros sessenta rosas dos pais, os trinta cinzentos dos amigos e parentes, até os poucos brancos que o padre jurava que ainda tinha, com Deus, além de alguns dourados dos bens materiais que teria que deixar no velho lar, agora cruelmente desfeito. Resultado: ia perder quase uns duzentos, pelos apenas cem? “Sinto muito, amor. Fico.” E ficava, mesmo com uma enorme dor nos cotovelos, já que não poderia mais ter a felicidade de somar também os outros cem.

Se a história fosse hoje, novos tempos com uma nova sociedade, menos formal e mais compreensiva para com as reações humanas, certamente os filhos continuariam amando da mesma forma e com a mesma intensidade.

Os pais modernos, esses dariam o maior apoio para a felicidade do filho e é possível que ainda dessem mais alguns amóis. A sociedade, esta então, ficaria apenas curiosa e, ainda mais, mudar de mulher não é tão pecado hoje e até Deus perdoa. “Estou aqui, amor; vim com a mala.” E, sem perder nenhum, somar cem.

Acadêmico Augusto Pinheiro



Aquiles, seu Calcanhar
e o Perdão
*Palavras sinceras de reconciliação
fazem milagres*

Aproveitei uma folga da semana passada e fui ao cinema assistir ao filme Tróia, mais uma superprodução de Hollywood que consumiu centenas de milhões de dólares para nos sensibilizar com a história humana. Tróia se passa por volta de 3200 a.C. e apresenta os motivos, por vezes pessoais, que dão origem às infundáveis guerras de que se tem notícia. Todo o enredo é regado a romantismo, o que demonstra que mesmo o amor, se não estiver acompanhado

de sabedoria, pode causar sérias conseqüências para toda uma coletividade. Outro aspecto relevante que observei em Tróia foi a forma como a vingança, o orgulho e a prepotência podem ceifar preciosas vidas. Um destaque para o personagem interpretado por Brad Pitt: Aquiles é um grego de incrível destreza no manejo da espada, de uma surpreendente irreverência com reis e deuses, e capaz de arrebatrar corações femininos com espantosa rapidez. Contudo, o guerreiro ficou mais famoso por seu calcanhar; o filme apresenta o porquê disso.

Assim como na arte, a vida também tem os seus momentos inspiradores. Há dois meses, participei da aula inaugural de um curso. Ao chegar ao local, deixei meus pertences em uma cadeira e fui tomar café. Quando voltei, havia um colega no lugar. Ele olhou para mim, eu olhei para ele; estava criado um impasse, afinal meu material continuava lá. Para tentar ser agradável, eu disse que em situações como essa, o mais gentil cederia o lugar. Como ele não tomou a iniciativa, eu mudei de cadeira.

Para minha surpresa, quando retornei ao curso, ele me aguardava na entrada da sala de aula para tirar a história a limpo. “Você pegou o meu lugar na outra vez e me chamou de mal-educado. Não faça mais isso!” Foi quando me dei conta de que ele ficara bem chateado com a situação. Minha resposta: “Perdoe-me, por favor.” O colega abriu um sorriso, estendeu a mão e disse as palavras mágicas “tudo bem”. Estava encerrada mais uma lição de vida; para gregos, troianos e um guarulhense.

Diógenes Não Esteve Aqui

*Segundo o filósofo,
ser homem é ter uma vida simples e
naturalmente virtuosa*

Diógenes de Sinope viveu por volta do ano 400 a.C. Sua vida consistia em negar todo e qualquer luxo, e viver da forma mais simples possível. Das histórias que os séculos perpetuaram, a mais famosa é sobre seu costume insólito de carregar uma lanterna acesa, durante o dia, dizendo estar à procura de alguém honesto. Diógenes entendia que o verdadeiro homem é aquele que tem uma vida virtuosa e de acordo com as leis naturais, respeitando sempre os direitos do próximo. Em sua época, afirma-se, a busca foi em vão.

Caso fosse nosso contemporâneo, o filósofo teria sido bem-sucedido em Guarulhos, onde vivem inúmeras pessoas de bem. Desde que comecei a atuar junto ao Terceiro Setor, tornou-se uma constante eu conhecer pessoas altruístas e desprendidas de seus próprios interesses. O homem que me convidou para atuar em uma organização não-governamental (Agende) recebe hoje a minha homenagem e admiração sincera. Seu nome: Luis Roberto Mesquita.

O sorriso é a estrada que leva a Deus, portanto esta é a primeira característica que se observa em Luis Roberto. Seu rosto eternamente sereno e iluminado revela um olhar pudico e, por vezes, pueril. Suas atitudes cotidianas ostentam os nobres sentimentos de um cidadão cujas principais virtudes são a sensibilidade, o altruísmo e a responsabilidade – todas extremadas.

Excelente filho, chefe de família amoroso, empresário engajado e amigo fiel, Luís Roberto completou 45 anos na quinta-feira, 13/11. Um dia antes, desligou-se voluntariamente de seus compromissos de homem público (sem ser profissional da política). Valeu a pena esperar quase quatro décadas para conhecer uma personalidade como a de Luis Roberto Mesquita. Esse fato ajuda-me a renovar, diariamente, minha esperança em um mundo mais fraterno, justo e perfeito. Diógenes, nós o encontramos!

O Direito de Não Reclamar

*A oração mais eficaz
tem duas palavras: muito obrigado*

No início de agosto, assisti a uma palestra ministrada por Luís Eduardo Boudakian. A mensagem teve a eloquência de um choque elétrico de altíssima voltagem, pois ao final não havia uma só pessoa que não estivesse com o rosto molhado de lágrimas, que rolaram de forma descontrolada.

Luíz Eduardo é portador de uma doença degenerativa, decorrente de uma alteração genética no sistema nervoso central, que afeta a coordenação motora, o equilíbrio e a fala. Não existe cura, e com o passar dos dias, as dificuldades de locomoção e comunicação aumentam. As dinâmicas de grupo desenvolvidas pelo palestrante, bem como as histórias bem-humoradas de seu cotidiano, buscam valorizar a vida e mostrar o quanto todos nós somos felizes, caso vivamos intensamente – e com gratidão – o tempo presente.

Outra pessoa que me impressionou positivamente há poucos dias foi a paulistana Jucele Soares. Vítima de um seqüestro, Jucele ficou em poder de dois rapazes, em uma favela, durante nove horas. A principal conclusão à qual chegou: “Naquele dia, eu perdi o direito de reclamar da vida. Comparei-me com os seqüestradores, e vi o quanto meu dia-a-dia é bom; como sou abençoada por Deus. Tenho pais maravilhosos, uma casa limpa para morar, almoço e janto todos os dias.”

Quando observamos, com atenção, à nossa volta, percebemos que os obstáculos só tornam mais próxima a relação das pessoas com Deus – desde que não nos revoltamos. Por isso, proponho aos legisladores deste país o seguinte texto legal: artigo 1º - A partir deste instante, ser humano nenhum tem o direito de reclamar da vida ou de criticar pessoas, coisas e fatos; artigo 2º - Revogam-se todas as disposições em contrário.

Honrar pai e mãe

*Cinqüenta anos
de evolução e de amor*

Na semana passada, tive a felicidade de proferir uma palestra na Casa Espírita Joanna de Ângelis (rua João Panocchia, 126, vila Rosália), com o tema “Honrar pai e mãe”. O assunto é fascinante e entendi como um presente que me foi conferido. Ainda mais no meu caso, que tive o privilégio de enfocar a relação pais e filhos sob o ponto de vista de alguém que deseja homenagear aqueles que foram os responsáveis por sua vida.

Senhor Paulo é um homem de 76 anos, com cabelos tingidos de branco pela natureza, e muitas histórias para contar. Foi padeiro por profissão, o que proporcionou aos seus cinco filhos o sustento do dia-a-dia, e o exemplo de uma existência honrada. De origem humilde, e sem instrução formal, meu pai não poupou esforços para incentivar os descendentes ao estudo. Aposentado, hoje dedica-se à leitura e à meditação.

Dona Anna tem 67 anos (que, aliás, completa nesta quinta-feira, 25/8). Filha caçula de João e Brasília, dedicou sua trajetória atual à família, à prole e ao tricô. De sorriso farto e de conversa fácil, mamãe faz amizade com naturalidade, e, assim, exerce certa liderança entre as senhoras do grupo da terceira idade. Canta muito bem; encanta pela simpatia. Descobriu há pouco tempo que tem tino para o comércio... e está radiante por isso.

Paulo e Anna completam bodas de ouro no próximo dia 11 de setembro. Foram cinqüenta anos de evolução e amor, que se transformaram nos filhos João Paulo, Marilúcia, José Augusto, Jorge Luiz e Márcia; nos netos Thaís Helena, Tharcila, Thatiana, Santhiago Augusto, Érick Vinícius, Giulia, Beatriz e Mariana; e na bisneta Júlia (filha da Thaís). Foram 18.262 dias de convivência, que representam para mim um maravilhoso exemplo de tolerância, persistência e harmonia. Pai e mãe, parabéns pela conquista. Eu os reverencio e lhes dedico a minha mais sincera gratidão.

Meu Guru

Eu me lembro de um jovem idealista de 28 anos, que desejava ser útil à comunidade, prestando serviços de comunicação e, simultaneamente, ensinando cidadania às pessoas. Vivíamos o ano de 1981, ainda sob a tutela militar, porém com os primeiros vislumbres de um país democrático. Aquele jornalista carregava a bandeira da liberdade de expressão para enriquecer culturalmente o leitor guarulhense – eterno buscador da própria identidade.

Assim nasceu naquele 31 de janeiro o jornal *Olho Vivo*. Valdir Carleto foi seu pai biológico e responsável legal. Eu fico honrado e infinitamente grato a Deus por ter testemunhado a gestação e o nascimento daquela “criança”, que ora completa 23 anos.

Lembro-me do apartamento no Parque Cecap, onde Carleto morava com sua família. Um canto da residência abrigava uma escrivãzinha e uma velha máquina de escrever. Nesses anos todos, o *Olho Vivo* transformou-se na publicação mais lida de Guarulhos. A velha máquina de escrever foi substituída por computadores; o exíguo espaço num certo canto do Cecap transformou-se, com muita perseverança, numa disciplinada organização jornalística.

Apesar de todo o progresso e evolução do periódico, uma figura mantém-se como se o período de vinte e três anos fosse um minuto: no olhar, o mesmo idealismo; no sorriso, o incansável otimismo; no coração, o eterno altruísmo; na conduta, o caráter e a integridade de um líder.

Parabéns, Valdir Carleto! Seu sonho tornou-se realidade. Você é um grande vencedor.

Um homem de bem

Ele nasceu em 3 de agosto de 1937. Evoluiu em todos os sentidos, como poucos tiveram determinação. Foi um homem, na verdadeira acepção da palavra: inteligente, generoso, bom marido, bom pai, bom amigo... Possuía uma sutileza inofensiva, que trazia à tona um surpreendente senso de humor. Daniel Augusto Filgueiras Luxo. Eu o conheci em 1972, quando estudei com o seu filho mais velho no Grupo Escolar José Alves de Cerqueira César, na vila Galvão, Guarulhos. Eu me lembro dele dando um beijo de despedida no Danielzinho, em frente à escola. Aquele simples gesto seria, para mim, um exemplo de carinho a ser seguido.

Da amizade com o coleguinha até a primeira visita em sua casa, foi muito rápido. Eu fiquei maravilhado com a forma como fui recebido pelo jovem casal Daniel e Letícia, à época com 34 e 32 anos, respectivamente. Eles foram extremamente carinhosos e amáveis, como, aliás, seriam sempre para com todos que tiveram o privilégio de com eles compartilhar o tempo.

Daí por diante, qualquer que tenha sido o momento pelo qual eu atravessava, lá estavam o senhor Daniel e a dona Letícia, ao meu lado, nas alegrias e nas tristezas, sempre presentes e unidos; um casal perfeito: ela emoção, ele razão; mas com uma dose extra de atenção ao semelhante que confesso não ter encontrado, ainda, nada sequer parecido.

Naquele mesmo ano, eu e o casal iniciamos um ritual que seria respeitado por 29 vezes. A partir do Natal de 1972, passamos a trocar presentes. Começou com um peça de tricô, que minha mãe fez e que me pediu para presentear dona Letícia, que cuidara de mim e de meu irmão Jorge durante várias ocasiões.

Foram 29 presentes de Natal. Confesso que, às vezes, tinha dificuldade para saber o que comprar. Mas o importante não era isso, e sim a oportunidade de ficar com eles por algumas horas; ouvir as histórias alegres do senhor Daniel, observar o sorriso sincero da dona Letícia e compartilhar um pouco daquela harmonia contagiante.

O senhor Daniel representa, para mim, aquele pai que adotamos aqui na Terra. As palavras sempre amigas, a atenção de alguém que tem interesse em mostrar o melhor caminho para se viver, o abraço fraternal e desprezioso que queremos encontrar em um semelhante. Tudo isso eu pude desfrutar ao conhecer esse homem.

Foi dele que ouvi as seguintes palavras: “Zé Augusto, por dentro eu me sinto um menino – indefeso, pequenino, repleto de dúvidas. Só desperto para a idade que tenho quando me olho no espelho e percebo que o tempo passou.” Também ouvi desse grande homem: “Procure fazer aquilo de que você realmente gosta, pois, quando as coisas ficarem difíceis, o que vai restar é o amor pela profissão”.

A palavra certa na hora exata. Essa é a melhor definição do senhor Daniel.

Porém, foi em outubro de 2000 que eu tive a maior

de todas as lições de vida que o casal Daniel e Letícia poderia me ensinar. Eu me via preocupado com o fato de minha mulher, Rosana, ter sido furtada. Levaram seu carro e a seguradora não queria pagar a indenização. Então, quando era maior a minha preocupação, eu encontrei a dona Letícia...

...Ela ouviu atentamente as minhas lamentações sobre o “problemão” que eu estava enfrentando. Ao final, disse que também estava tendo uma grande prova: o senhor Daniel estava com câncer. Ao ficar ciente disso, eu não sabia se chorava ou se me ajoelhava aos pés daquela corajosa senhora, pedindo-lhe perdão pela minha insensibilidade.

Nos últimos dezessete meses, a luta de toda a família foi incessante. Remédios, tratamento quimioterápico, rotina hospitalar. Tudo foi tentado. A doença foi dominando, rapidamente, o corpo do meu querido amigo. A cada novo encontro, o físico do senhor Daniel parecia mais debilitado. Suas convicções, contudo, permaneciam intactas.

Eu não o vi lamentar em instante algum. Ele enfrentou a doença, aceitou suas próprias limitações e, afinal, venceu a luta. No dia 28 de março de 2002, por volta das 5 horas da manhã, Daniel Augusto Filgueiras Luxo despediu-se de seu corpo físico para vestir-se de luz. Seu intenso brilho pode ser encontrado, agora, bem alto, no céu. Lá, ele nos aguarda para um novo encontro, no momento certo, torcendo para que sejamos tão fortes em nossa passagem pelo planeta quanto ele foi.

De agora em diante, terei que me acostumar com a

sua presença de uma forma diferente. Sem as palavras, sem o sorriso discreto, sem o abraço. Agora, terei de seguir em frente, baseando meus passos no imenso legado de idéias e a filosofia de vida que o senhor Daniel me ensinou: *respeitar as diferenças entre as pessoas, porém lutando para ser feliz.*

Até breve, meu pai. Descanse em paz.

Muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, muitíssimo obrigado.

Em tempo – Ricardinho, que Deus lhe pague pela emoção que você me proporcionou no dia 26. Jamais me esquecerei do seu exemplo de amor. Você é uma pessoa muito especial.

Eterna força, meu irmão!

A Maravilhosa Arte de Servir

*A alegria genuína vem da convicção
de sermos úteis*

Stephen Kanitz é um dos articulistas da revista *Veja*. Há três semanas, ele escreveu um artigo intitulado “Preparadas para servir”, que despertou a atenção de muitos leitores, a

ponto de ter sido o terceiro assunto mais comentado da edição. Kanitz tratou da importância do trabalho voluntário para crescimento de quem o empreende, mencionou o preconceito quanto a esse tipo de atividade, e sugeriu que os empresários passem a contratar quem já foi voluntário em entidades beneficentes. Eu gosto do que esse articulista escreve. Há oito anos, ele criou o site *www.voluntarios.com.br* que objetiva aproximar entidades e possíveis voluntários. Vale a pena conhecer esse canal de comunicação.

No dia 23 de março, tive a alegria de fazer a minha parte, apresentando ao lado da colunista social da *Guarulhos Revista*, Sonia Lago, o desfile da coleção outono-inverno 2004, da Maison Maklas. O convite partiu dos organizadores do evento, Clara Nunes de Barros e Marcelo Marchi. Os frutos dessa iniciativa foram doados ao Lions Clube de Guarulhos e suas obras beneméritas.

Foi um prazer servir, especialmente em uma área na qual minha experiência era igual a zero. E realmente valeu! Fiz novas amizades, reencontrei amigos de longa data, e ainda assisti ao desfile de lindas modelos – todas profissionais, pelo meu ângulo de visão.

O Quarteto de Cordas da USP também pôde mostrar seu bom trabalho, tocando músicas que emocionaram as cerca de 300 pessoas presentes. Conversei, longamente, com um dos integrantes do grupo, senhor Gilberto Correia. Ele é português do Açores, mora no Jardim Tranqüilidade e toca violino. Além do sorriso franco que distribui a quem o encontra, Correia disse uma frase que traduz o espírito daquela noite no Caesar Park: “Vale a pena servir, fazendo o nosso melhor, especialmente quando tornamos as pessoas mais felizes.”

Acadêmico

Bismael B. Moraes

Mestre em Direito Processual pela USP, Advogado, Professor da Academia de Polícia "Dr. Coriolano Nogueira Cobra" de São Paulo e da Faculdade de Direito de Guarulhos, ex-presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo



A Quem Interessa a Privatização dos Presídios?

De tempos em tempos, volta à baila a discussão sobre “a privatização dos presídios”, embora, eufemisticamente, com outros nomes – “terceirização”, “parcerias”, etc. –, mas, no fundo e a bem da verdade, silenciando-se sobre o principal – a prevenção institucionalizada contra a violência e o crime, único meio de manter a segurança e a tranquilidade, salvando vidas, bens materiais e evitando penitenciárias lotadas e gastos públicos –, como se a repressão garantisse dividendos políticos e econômicos, enriquecendo os

“inatingíveis e incapturáveis”, de que falava o mestre Roberto Lira. Pois não é que a grande imprensa noticiou recentemente, de Brasília, que, sob a argumentação de que sobram mensalmente 3.500 presos sem cárcere e, sendo necessária a construção de sete presídios de 500 vagas todos os meses, isso consumiria cerca de 100 milhões de reais dos cofres públicos a cada 30 dias, dinheiro que o governo não possui, e que, por isso, as autoridades federais começam a pensar na *terceirização de serviços prisionais*, por intermédio das Parcerias Público-Privadas (PPP), porque o “déficit atual do sistema carcerário chega a 65 mil condenados sem espaço”.

Qualquer pessoa medianamente lúcida e séria sabe que, se não houver um programa rígido de prevenção criminal, envolvendo a escola, a família, as empresas, os Poderes do Estado (Executivo, Legislativo e Judiciário) e a sociedade como um todo, não haverá segurança e, conseqüentemente, não teremos a diminuição da violência e da criminalidade. Basta parar para pensar sobre o assunto.

A não ser por *falta de ponderação, desconhecimento crasso* ou algum *interesse escuso*, alguém jamais poderá dizer-se preocupado com as várias formas de violência, os crimes e o medo de que a população está possuída, e, sem qualquer medida efetiva de prevenção criminal institucionalizada, venha propor a construção e a administração de presídios por empresas privadas, sob a alegação da existência de milhares de mandados de prisão e de não haver mais espaço carcerário para tantos condenados, nem condições financeiras estatais para construir penitenciárias. Vejamos.

Falta de ponderação, porque optar por estabelecimentos prisionais privados é abrir as portas para o crime, uma vez que, para haver a matéria-prima com que vão trabalhar as empresas – os criminosos – é necessário que, antes, ocorram os delitos, com inúmeras vítimas e grandes prejuízos, e que os seus autores sejam descobertos, processados e condenados, e isso é um absurdo!

Desconhecimento crasso, porque haverá uma falha clamorosa, pois cabe ao Estado, por seus órgãos, possibilitar a segurança e a tranqüilidade ao povo, e isso somente será possível mediante as *três espécies de prevenção criminal* simultâneas – *primária* (com educação e meios materiais e condições sociais para as pessoas); *secundária* (com leis corretas e policiais bem preparados para fazê-las cumprir); e *terciária* (não descurando dos egressos, que saíram da prisão e precisam de ajuda e trabalho).

E – o que é pior – se tal ocorrer por algum *interesse escuso*, como, por exemplo, o de “facilitar a vida” de pessoas e empresas, públicas e privadas, na política, nas comunicações, nas finanças, na indústria e no comércio, que ganham muito com os reflexos da violência, do crime e do medo? Porque, na atualidade, uma das atividades que mais crescem e rendem cifras altas, no Brasil, é a *insegurança pública!*

Diante dessas realidades, uma pergunta oportuna: por que, até o presente, todas as propostas nesse campo são apenas *repressivas* (aumento das penas, diminuição da idade penal e construção de mais presídios), sem nenhuma sugestão preventiva, mesmo sabendo-se que fora da prevenção não há segurança?

Esdrúxulas Sextilhas de Amor

Estático ante a sua beleza,
qual gato à espreita de uma presa,
um homem é guri, volta à infância,
e sonha o brinquedo proibido...
Porém, para alcançar o pretendido,
impõe - se encurtar mais a distância.

No peito, a ferver como um vulcão,
parece não caber o coração,
em busca de achar uma saída...
O sangue corre quente em cada veia,
enquanto o pensamento serpenteia,
às tontas, nos labirintos da vida.

A mente, com mil olhos de radar,
sugere persistir e esperar...,
que o corpo costuma surpreender.
Decerto que o belo é instigante
e a pressa pode ser intolerante...
Por que não aguardar, para colher?

Os dias vão, comuns, sem luz, sem fausto,
e eu os absorvo, hausto a hausto,
até quase esquecendo aquela imagem...
O clima prenuncia uma mudança,
e, quando já não tenho esperança,
meus anjos guardiões chegam e agem.

Há chuva e vento forte na avenida,
e, às pressas, à procura de guarida,
colidimos, frente a frente, eu e ela!
No ato, sem dar escusa ou nome,
matamos nossa ânsia, nossa fome,
e a vida, com um beijo, se faz bela!

Pedofilia

Não é Crime

Bismael B. Moraes¹

Ensinam os filólogos que as palavras têm origem própria e devem ser empregadas em seu sentido específico. No que tange ao Direito, essa regra se faz essencial, para evitar falhas e sedimentação em prejuízo da sociedade. Por isso, chama-nos a atenção o desfoque que se vem dando às palavras *pedofilia* e *pedófilo*, procurando fazê-las ligadas a crimes contra crianças. Na verdade, *pedofilia não é crime*, e quem a pratica não é criminoso. Por outro lado, aquele que abusa de crianças ou pratica atos lascivos com menores, ou os corrompe, não pode ser apontado como *pedófilo*. Quem assim age é criminoso, por infringir artigos do Código Penal e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas não é *pedófilo*.

Palavra de origem grega, *pedofilia* é a “qualidade ou sentimento de quem é *pedófilo*”, e este adjetivo designa a pessoa que “gosta de crianças”. Assim, todo pai, toda mãe, os avós, os tios e quantos mais gostem de crianças são *pedófilos*, mas não são criminosos. Porém, o substantivo *pedofilia* e o adjetivo *pedófilo*, por uso irregular dos meios de comunicação, vêm se tornando costumeiros na acepção de infrações penais contra crianças, particularmente ligadas a questões de sexo e outros abusos nessa área. De tanto serem lidas, ouvidas e/ou assistidas nesse sentido, acabam tais palavras por serem assimiladas, pelas pessoas comuns, como verdadeiras. Fala-se de pedofilia como “crime” praticado por pedófilo!

Parece que isso começou, alguns anos atrás, quando a imprensa trouxe notícias do cantor *Michael Jackson*, que teria dito “gostar muito de crianças e até dormir com elas”, deduzindo os jornalistas, pela fama do astro do *rock*, que tal envolvimento era pouco ético... Então, alguém escreveu que “gostar de crianças” era pedofilia, levando essa palavra, de significado verdadeiro, à condição de “crime”.

De algum tempo a esta parte, a tomar por base o noticiário da imprensa escrita e mesmo da mídia televisiva, erroneamente, tem-se a impressão de que o indivíduo que usa de crianças para suas fantasias imorais ou delas abusa, para fins libidinosos ou outra forma de corrupção, estaria praticando a pedofilia e, portanto, seria um pedófilo. Mas as palavras, especialmente no Direito, têm significado apropriado.

Nenhuma lei pode proibir o pai, a mãe, os avós, os tios, os irmãos, os padrinhos ou quaisquer outras pessoas de gostarem de crianças, de as amarem, porque isso é um sentimento nobre e natural. O que não se pode permitir, e que deve ser punido criminalmente e com rigor, é a prática de atos atentatórios aos bons costumes das crianças e dos adolescentes e que firmam a lei penal!

Sem entrar em maiores indagações, conceitos ou classificações do crime, verifica-se, na lição do jurista Von Liszt, trazida pelo saudoso professor Basileu Garcia, que foi Catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito da USP, ser o “acontecimento a que a legislação relaciona a pena”. Aliás, diz a Constituição Federal, no art. 5.º, inciso XXXIX, que

“não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal”. Essa regra da anterioridade da lei é repetida no art. 1.º do Código Penal Brasileiro. Portanto, não existe pedofilia como crime, nem no Código Penal, nem no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mesmo na recente alteração.

Basta uma busca aos mestres Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Antonio Geraldo Cunha, Antenor Nascentes, conhecedores da filologia, e, mesmo, ao *Vocabulário Jurídico*, em sua última edição, do mestre De Plácido e Silva, e não se encontrará menção à palavra pedofilia como sinônimo de crime contra crianças. Só pode ser invenção de quem não atentou para o significado correto da palavra, possibilitando, infelizmente, que o erro vá se perpetuando pela repetição. Foi entristecedor ouvir em emissoras de rádio e ver em “programas de sangue” na televisão, e até no *Jornal Hoje* e no *Jornal da Globo*, bem como ler na revista *Isto É* e nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, notícias dos “crimes” de pedofilia ou praticados por pedófilos!

Por desconhecimento ou por deliberada intenção das chefias de redação, está havendo, sem dúvida, *desinformação* ao público que, de tanto ver e ouvir o noticiário, vai aprendendo o *errado* como se fora *certo*. Repita-se que *pedofilia* significa “gostar de crianças”, “amar as crianças”, e não praticar crimes contra elas! O Código Penal, nos artigos 213, 217, 218, 227, 228, 233 e 234, bem como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), nos artigos 232, 241, 242 e 243, falam de crimes de que podem ser vítimas as crianças, mas cujos eventuais autores jamais serão *pedófilos*.

O jornalismo pode e deve *informar*, mas, ao mesmo tempo, ter a precaução, recomendada pelos manuais de redação, para não *desinformar*, incutindo e sedimentando como *certa* uma palavra que a razão e a escola nos mostram como *errada*. Isso vale para todas as coisas escritas, faladas, radiofonizadas e televisionadas, ou passadas pela "Internet" ou outros meios de comunicação. Todos podem errar, e até a imprensa poderá fazê-lo, mas não pode permanecer no erro.

Da mesma forma como existem pessoas que gostam de crianças, que as amam e que, por isso, são *pedófilas*, há aquelas que têm aversão às crianças, são impacientes com elas e, desta forma, são *pedóforas*, sofrem de *pedofobia*. Não pode a imprensa desconhecer esses rudimentos. *Pedofilia*, na sua origem, é ato de amor e não é crime. Aliás, nos evangelhos, já dizia Jesus: "Vinde a mim as criancinhas." Elas são a alegria, a sinceridade e a esperança, e devem ser amadas e instruídas pelas pessoas de bem, para que aprendam e pratiquem os bons exemplos, para a melhoria da sociedade como um todo.

¹Bismael B. Moraes, Mestre em Direito Processual pela USP, advogado, Professor da Academia de Polícia "Dr. Coriolano Nogueira Cobra" de São Paulo e da Faculdade de Direito de Guarulhos, ex-presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo.

Acadêmico Clarimundo Aguiar



A Busca *Parábola - Conto 13*

A vida, na pequena ilha, ia seguindo pelo tempo sem qualquer obstáculo de monta, a não ser uma ou outra intempérie, muito frequentes nessa época do ano, que, muito longe de apavorá-lo, mais faziam era despertar-lhe o senso de beleza contido em todo o equilíbrio da natureza, que agora desfrutava em quase plena felicidade, pois felicidade plena é quase impossível.

Quando os temporais assolavam a praia e a força do vento fazia encrespar as ondas, em alvas muralhas que tomavam de assalto toda a enseada, sentava-se na varanda de sua casa, construída em cima de um

promontório, olhando maravilhado a titânica batalha das forças elementares.

Esses momentos místicos despertavam-lhe agora um enorme desejo de conhecer o segredo das forças cósmicas que tudo cercam, como, também, descobrir na natureza a verdadeira relação entre o bem e o mal e, conseqüentemente, tentar enveredar num dos maiores segredos da alma humana: a felicidade.

Essa questão era hoje o ponto cruciante de todas as suas indagações: Por que a grande maioria das pessoas não consegue alcançar a felicidade? Mesmo sendo possuidoras de poder e bens materiais, tanto quanto mais possam conseguir, pois o poder e o dinheiro convencionou-se achar ser o caminho mais fácil para obtê-la.

Desde que nascera, sua vida sempre fora levada por uma total despreocupação, na qual o passar dos dias tornara-se quase um tormento, e a frenética busca por emoções fortes, uma obsessão. A fim de compensar o sentimento de inutilidade que se apossara do seu espírito, impunha-se como um déspota perante as pessoas que habitualmente o cercavam, sempre fazendo prevalecer a sua vontade.

Óbvio, sentimentos assim acabariam por levá-lo a um maior egoísmo, caminho que fatalmente provocaria a destruição do que ainda restasse do seu caráter. Porém, um estranho incidente veio mudar completamente toda a sua maneira de pensar.

Tudo havia começado há muito tempo, quando a vida despreocupada, conseqüência de nada fazer ou precisar, tendo tudo e todos sob a sua vontade, tornava os dias imensamente grandes; a falta de perspectiva fazia aumentar um egoísmo desmedido; o excesso de poder, aliado a uma vida vazia e sem objetivo, estava criando dentro dele um monstro de terríveis dimensões.

Numa dessas tardes de intensa apatia, em que sequer um Sol radioso nos faz ver o mundo inundado da sua intensa luz, chegou ao seu portão um velho negro, vestido de andrajos, solicitando um pouco de comida e algumas peças de roupas, para substituir as suas já esfarrapadas; mais por ócio e egoísmo que por bondade, mandou que o pedinte subisse até a sua varanda. Naquele momento queria se divertir com o pobre homem, deixá-lo embaraçado com a sua opulência, humilhá-lo com tudo aquilo que lhe faltava e ele tinha em demasia.

Deitado preguiçosamente em sua rede, olhando de canto de olho para o infeliz e sem responder ao respeitoso boa-tarde, mandou que buscassem em meu guarda-roupa alguns dos seus ternos mais antigos, com sapatos e até roupa de baixo.

Quando todo esse aparato de roupas chegou, levantou-se para mostrar ao pobre homem a qualidade de cada peça, a leveza dos tecidos, como a sua padronagem e beleza. Em momento algum o rosto do estranho mostrou-se alterado com o que lhe estava sendo mostrado; muito pelo contrário, a cada peça mostrada, sentia-se a total indiferença por tudo aquilo.

Vendo que toda aquela demonstração não surtira

qualquer efeito, por pura maldade estava prestes a mandar recolher tudo, quando o velho, demonstrando segurança pessoal e personalidade, adiantou-se e escolheu entre todas as peças somente uma velha camisa, uma calça escura, um par de sapatos, algumas roupas de baixo e um par de meias.

– Por que escolheste as mais velhas e as mais simples de todas essas roupas? perguntou, a princípio espantado.

– Somente uso roupa por necessidade, e não por vaidade.

A resposta objetiva, porém, feita de modo delicado, demonstrando um gesto orgulhoso, de quem tem tudo, apesar de nada possuir, deixou-o tremendamente aborrecido; na realidade queria, ao dar essa pequena esmola, sentir o agradecimento desmedido na exaltação da sua piedade, sentir-se glorificado com a subjugação daquele indivíduo pelo fato de ter recebido algumas migalhas da sua abastança.

Como na miséria pode haver arrogância e orgulho, perguntou a si mesmo. Nunca alguém lhe falara desse modo. Movido pela raiva e pelo despeito, a sua primeira reação foi vontade de humilhá-lo, fazê-lo sentir que era muito mais forte e que todos estavam debaixo da sua prepotência e poder.

– Mas não era sequer para escolher, são todas suas; é só fazer uma trouxa e carregá-las. Esperava, com isso, despertar-lhe a cobiça, porém o velho, impassível, retorquiu:

– Por que não as dás a outros pobres? Assim,

distribuí calor por mais pessoas e podes aumentar o teu prazer, em te sentires um bom samaritano.

Se a intenção era atingi-lo, podem crer que essas palavras atingiram o alvo com toda a precisão e maestria. Naquele momento, deu-lhe ímpetos de escorraçá-lo, jogá-lo no meio da rua, revoltado que estava com a sua arrogância. Contudo, essa experiência estava-o divertindo sobremaneira, a qualquer momento poderia chutá-lo, tão logo esse colóquio começasse a ficar aborrecido.

– Quer dizer que o amigo não tem vaidade e para ser feliz basta somente o essencial. Não acredito que haja pessoas a quem o dinheiro e o poder não possam corromper.

– A riqueza do homem está somente na sua completa satisfação, e eu sinto-me completamente satisfeito com o que tenho, portanto, sou feliz.

– Se eu lhe der dinheiro e poder, venderia a sua liberdade? A pergunta repentina, feita de surpresa, não alterou a impassibilidade do velho, que lentamente foi depositando, sobre uma cadeira, as roupas que havia escolhido.

– Se a roupa que me dás é condição para o meu confinamento, limitando-me o direito de viver em liberdade, toma-a, é pouco preço para tamanho penhor; é a liberdade a mais divina de todas as coisas do homem, porém, não é somente a liberdade do corpo, mas acima de tudo a da alma; o sagrado direito de pensar, de viver, de amar, de ser o próprio eu, sem ninguém a dizer-lhe o que deve fazer.

– Mas com poder e dinheiro, será você que irá impor

aos outros a sua vontade, e pode ter a certeza que todos se curvarão a seus pés e lhe obedecerão praserosamente, isto enquanto lhes pagar; todos lhe serão completamente servis.

—Por que achas que iria aceitar o teu dinheiro, só para me sentir forte e poderoso, se, em contrapartida, teria de vender-te a minha alma?

—Porque o dinheiro é o rei dos homens; é o poder; é a sua religião.

—Não de todos os homens; alguns ainda procuram a felicidade nas coisas simples, tais como a liberdade, a natureza...

Nesse momento, a raiva estava tomando conta dele; quem era aquele miserável que tinha a petulância de lhe dar lições de filosofia, negro maltrapilho e fedido! Com um gesto de impaciência, interrompeu-lhe o discurso.

—Balelas, são só balelas; onde já se viu alguém ser feliz na miséria!

—Estás certo, muito certo, na miséria ninguém é feliz; a felicidade está em ter-se aquilo que almejamos e em não sentirmos falta de nada.

—Eu tenho tudo o que quero; é só levantar um dedo e todos ao meu redor correrão para satisfazer as minhas vontades; portanto, eu sou um homem feliz!

—Se és feliz, por que tanta amargura?

A pergunta foi como o coice de uma mula, atingiu-lhe na mais profunda zona de sua alma, e só nesse

momento deu-se conta do quanto era infeliz, de quanto vinha procurando essa felicidade, e que por mais que a procurasse sempre estava distante. Tentando galhofar, para fugir à embaraçosa resposta, perguntou-lhe:

—Por que acha que estou amargurado ?

—Tudo em ti é amargura: a prepotência, na qual te escondes, serve para disfarçar a tua solidão; o constante predomínio sobre aqueles que te cercam, tem a finalidade de mantê-los sob o teu domínio e assim te cercares com um escudo, onde escondes os teus sentimentos.

Naquele momento, as palavras do mendigo agiram como um forte remédio, fazendo-o olhar para toda a sua vida e perguntas, feitas no passado, às quais ainda não obtivera resposta, passaram novamente a atormentar o seu espírito.

Por que, apesar de nada lhe faltar, não conseguia sentir felicidade e, tampouco, preencher aquela sensação de vazio que sentia dentro de si?

Esta indagação sempre o atormentara. Passa, então, a ter uma nova visão, de tal modo que a necessidade de perseguir a resposta volta tenazmente.

Primeiro, procurou no isolamento o caminho para obtê-la, longe da influência dos grandes centros populacionais; mantendo-se afastado dos centros urbanos, todavia, verificou que só isso não era o bastante e procurou, então, maior afastamento, contudo sem deixar de estar ainda bastante perto,

porém, afastado por algumas centenas de metros ou mesmo quilômetros, que o manteriam distante, mas não tão longe dos acontecimentos.

Durante algum tempo, talvez anos, pôde manter um pseudo-isolamento, porém, não havia conseguido a tão almejada felicidade; por vezes, era a solidão o seu grande problema, outras, a total apatia de tudo e quando sentia que estava próximo dela, quase podendo tocá-la, deixava tudo se perder, por prepotência e imposição sobre o objeto da sua pretensa felicidade; cobrava das pessoas ao seu redor o quinhão da felicidade ao qual dizia ter direito.

Para vencer essa solidão, trazia, para junto de si pessoas com quem pudesse partilhar esse isolamento. Todavia, essas pessoas não agüentavam a solidão imposta e em breve partiam, deixando-o totalmente entregue à sua apatia. Apatia gera ainda mais apatia, que, por sua vez, gera infelicidade, e o fato de estar infeliz produz mais abandono e o abandono resulta em mais apatia...

Círculo vicioso, que vai desmoronando a fortaleza da alma, restando, por fim, a ruína total de um ser; infeliz por opção, abandonado por vontade, mal-amado por falta de amor; tudo isso, somente por ter perdido a capacidade de sonhar, de amar, como também de doar, para poder sentir a vida em toda a sua plenitude.

Todavia, apesar de ter mudado a sua forma de viver, a tão sonhada felicidade estava longe de ser conseguida, até que lhe veio à memória o velho negro que conseguia ser feliz apesar de nada possuir. Ele também procurara

seguir o seu exemplo, abandonara os grandes centros, fora viver em pequenos povoados, contudo, continuava infeliz e ainda mais solitário, apesar de ter tanta gente ao seu redor.

Seus dias eram povoados de problemas, suas noites, vazias e solitárias, não obstante o mundaréu de pessoas que delas participavam, e a todos tinha de distribuir algum sorriso, alguma frase sem importância e acabava deitando-se com a angustiante sensação de nada valer, transformando seus sonhos em pesadelos.

Num desses pesadelos o velho negro voltou ao seu mundo. Ria com o riso iluminado pela brancura dos dentes, demonstrando aquela felicidade que está além de nós mesmos. Estava totalmente nu, porém não sentia frio ou mesmo pudor; e ele, sentado numa poltrona, ricamente vestido, tremia de frio e enrubescia de vergonha.

Ao acordar, dera-se conta da mensagem: a sua grande necessidade era não ter necessidades, e para não ter necessidades, bastava simplesmente nada ter, viver com aquilo que a natureza podia lhe oferecer.

Guarulhos, 18/11/1998

Receita de Amor

Deixe a vida fluir sem sobressaltos,
deixe o tempo passar sem atropelos.
A vida tem mais baixos que altos
E o amor se consegue sem apelos

É só esperar que chegue mansamente,
pois o amor é sensível às tempestades
vem com a branda brisa, lentamente,
esperando encontrar afinidades.

Depois, é cultiva-lo com carinho,
sem deixar as tempestades abatê-lo
pois, o vento forte abala o ninho.

Assim, é cuidar para não perdê-lo,
basta regá-lo suave e de mansinho
carinho é o segredo para obtê-lo.

21/09/2003

Amor de Outuno

Saudade de ti, saudade!
dos dias felizes, do passado,
dos carinhos trocados com fervor,
do real em fantasia tornado.
Hoje, restos de outonal calor.
Saudade de ti, saudade!
do tempo que te amei com veemência,
loucuras do outono, feito em flor,
de cuja paixão restou carência
e somente, para mim, restou a dor.

O outonal amor deixa a saudade,
no peito, para quem ama. finca dor,
a alma partida, em cacos feita,
como espelho quebrado sem fulgor,
e tempo não haverá a ser refeita.

30/12/2003

Antídoto

A angustia que meu peito aperta,
desperta no meu ser ansiedade,
revela na minh'alma inquietude,
deixa a mente de perguntas repleta,
até de duvidar, do que é verdade.

Procuro uma verdade encoberta,
disfarçada na luz da realidade,
porém de profunda amplitude,
de todas a mais bela e completa,
e mais doce será a humanidade.

Se é um só, o mundo em vivemos,
Porque em conflito, teremos de viver?
É o ódio a mais natural das atitudes,
como posso sonhar que nos amemos?
se tudo que me impele é sofrer!
Resta à humanidade a esperança,
de um belo e puro sentimento,
muito além de crenças e beatudes,
que acalanta a dor e sofrimento,
fazendo o homem tornar a ser criança.

Para nascer a ternura dos tormentos,
a compaixão florescer em meio a dor,
a lágrima refletir a luz na negritude,
fulgaz resplandecer, por momentos,
espalhando pelos homens o amor.

Acadêmico Clovis Domingues



Apresentação

O escritor Clovis Domingues é autor de várias obras; entre elas, os livros mais vendidos: VIVA FELIZ, Pensamentos, Assertivas e Orações, POEMA MAIOR, Orações em Versos para todos os Momentos, e CAMINHOS E DESCAMINHOS, Sugestões para os Desafios da Vida Presente.

Acadêmico efetivo desde 2001, faz eco com aqueles que defendem o viver fraternal, cultivando a utopia de um mundo melhor, com mais justiça, verdade, fraternidade, amor e paz para todos.

Seus artigos sempre se pautam na filosofia de viver o bem e o amor, no acolhimento e promoção sem acepção de

peçoas, pois entende que existe um destino eterno prometido por Deus a cada filho seu, e que deverá ser conquistado nos desafios desta experiência terrena.

Agradece a Deus, primeiro, e a cada um que, na convivência, permite o viver partilhado buscando testemunhar a grande maravilha da filiação divina.

Por acreditar na possibilidade de somar na direção da felicidade de todos, atreve-se a deixar nas poucas páginas que seguem, reflexões e sugestões sobre comportamentos pessoais, familiares e comunitários, na ótica do bem e do amor.

Mensagem Pessoal

Aos meus familiares, irmãos de comunidade, aos confrades acadêmicos e a tantos amigos, que ao longo de algumas décadas, o Senhor me permite ter, dirijo meus augúrios de muita paz em todos os ambientes que experimentarem a felicidade de suas preciosas presenças.

Com o coração alegre e agradecido vos apresento ao Senhor, para que ELE vos recompense por tanto bem.

Clovis Domingues

Meu Testemunho Familiar na Vida e na Morte

*“Acreditar na vida é vivê-la, com amor,
em todos os momentos.”*

É sempre muito importante transferirmos experiências positivas na intenção de, através do testemunho pessoal, passarmos a notícia da vida, o dom maior.

Mais importante ainda quando o fazemos por amor e na vivência do mesmo, na família, nas diferentes situações, doces ou amargas, alegres ou tristes.

Sempre tive muito amor à minha família e assim procurei pautar todos os meus atos, iluminado pela Palavra de Deus e pela dimensão comunitária do meu batismo.

Se falhas aconteceram ou acontecem, são elas reflexos das nossas limitações, que nem sempre conseguimos superar. Mas tenho a certeza que foram muito mais acertos que permearam meus atos, e por isso ousei expor meus sentimentos para que outros possam também sobreviver nas mais difíceis etapas que experimentarem.

Trata-se da experiência de perder a companheira querida, Gracinda dos Anjos de Sá Domingues, parceira de tantos sonhos e tantas lutas em pleno planejamento de dias mais tranquilos, depois de semear sementes de bem e de amor e de preparar uma situação um pouco mais cômoda para pessoas após os 50 ou 60 anos. O golpe foi muito forte, e se não

fosse a fé que sempre procurei professar, certamente teria sucumbido em problemas maiores advindos deste fato tão doloroso.

Passados os primeiros dias e meses, mesmo com toda fé, dormindo em um mar de lágrimas provocado pela saudade deixada após 35 anos de especial união, na reflexão do dever cumprido pela minha querida esposa e querendo também cumprir com dignidade a minha missão, despertou-me um novo e também especial sentimento que me fez aproximar da minha atual e querida esposa Marta Pinho dos Santos Domingues, também viúva, e que com muita coragem e competência trouxe sua família com os mesmos ideais que norteiam a família Sá Domingues.

Duas histórias de fidelidade, de coragem e responsabilidade, de fé e de respeito às coisas de Deus; duas pessoas carentes pela falta dos companheiros, assim nos colocamos diante do desafio de formarmos um segundo lar, fruto da união das famílias Sá Domingues e Pinho dos Santos.

Achamos providencial e oportuno transcrevermos nossa própria experiência para que possa servir de apoio a outros que, porventura, passem pelas mesmas situações. Fazemos, com muito carinho, este testemunho: Nos amamos, nos casamos (religioso e civil) e procuramos viver os valores que sempre defendemos. Estamos felizes e guardamos com muito amor a doce lembrança dos nossos companheiros, Gracinda e Walter, até conservando suas alianças junto às nossas, pois são e sempre serão nossos queridos companheiros, mãe e pai dos nossos queridos filhos, e certamente, nossos intercessores.

Acolher a Todos

Estamos vivendo um individualismo que chega a machucar, pela rudeza ou pela hipocrisia do nosso tempo, ou ainda pelas limitações próprias que temos.

Ouvimos discursos que nos comovem e assistimos atitudes que nos desencantam. Todos reclamam a falta de acolhida nos diversos seguimentos da sociedade, não poupando nem a Igreja.

Muitos usam como desculpa do afastamento de trabalhos nas igrejas a falta de acolhimento, a indiferença e até comportamentos mais graves de líderes ou até de irmãos na fé.

Que dizer, ou que fazer para despertarmos o cristão que temos dentro de nós, o cristão que usa o nome, mas recusa a atitude de Cristo, que veio para salvar e não para condenar?

Quem deve acolher? Como deve acontecer o acolhimento?

*“A quem muito foi dado, muito lhe será cobrado.”
Mas quem recebeu pouco? ...*

Se vivemos é porque recebemos muito, pois o dom maior é a vida. Então todos seremos cobrados.

Acolher o irmão, segundo o próprio Cristo, é acolher a Ele próprio, e desprezar o irmão é também desprezá-lo. Será que conseguimos, ainda assim, abraçando a Palavra, deixar de acolher bem? ...

Se reclamamos da falta de acolhimento de setores públicos, ou de pessoas com as quais temos dificuldades no convívio, devemos fazer uma introspecção e, com sinceridade de propósitos, nos propor um verdadeiro acolhimento mútuo na busca de uma sociedade mais parecida com o projeto do Senhor.

Acolher não é apenas fazer uma saudação, ou coisa parecida, é muito mais. O acolhimento deve ser algo contínuo, independente das diferenças que percebemos, pois são mais importantes as semelhanças que, às vezes, deixamos de perceber. Todos merecem respeito, pois a fraternidade não é algo que existe em palavras somente, mas sim em atitudes que temos em nosso cotidiano, assumindo o compromisso com a verdade e agindo na direção da verdadeira fraternidade.

Na proposta de Jesus, a grande luz para descobrirmos e vivermos o acolhimento devemos ter a sabedoria de escolher sempre o melhor. Ao lado dEle, imitando sua prática, viveremos no respeito e na promoção de todos.

Crianças, jovens, adultos, idosos, de todas as classes sociais, religiosas e culturais, hão de merecer de nós, cristãos, toda a atenção em favor da vida, como o propósito do Mestre: *“Vida plena para todos.”*

Deus não faz acepção de pessoas.

Carências Humanas

Uma realidade de pobreza, desemprego, abandono e violência, numa terra pacífica, produtiva e boa.

Comportamentos que desencantam aqueles que sonham com uma sociedade igualitária e justa.

Omissões de tantos que poderiam ajudar e o conformismo de outros sem forças para reagir ou até acomodados.

Prepotência de profissionais que deveriam acolher, ou de pessoas com mais poder econômico que além de não ajudar, ainda exploram.

Descuidos e maus-tratos onde se deve curar as doenças...

Quem é mais carente, o doente que é mal atendido ou o profissional que atende mal?

Quem é mais carente, o desempregado, ou aquele que despede um pai de família para que aumente, ainda mais, o seu lucro?

Quem é mais carente, aquele que é violentado, ou aquele que é violento?

Essas reflexões de nossas carências querem nos lembrar que devemos nos esforçar para superá-las, pois as mesmas nos impedem de sermos felizes.

Somos seres sociais e devemos nos preocupar uns com os outros, promovendo-nos mutuamente, para que haja a

realidade que sonhamos, e se assim não o fizermos, corremos o risco de sermos reféns de nossas próprias limitações.

Não podemos esperar que aconteça a desgraça para acreditar que ela existe. Devemos sim, nos ajudar, para juntos construirmos felicidade e partilharmos com todos os frutos da nossa jornada.

Que possamos compreender as carências dos outros e os outros as nossas, perdendo-nos e animando-nos no bem e no amor, para a verdadeira construção da paz permanente.

Idosos: Amados ou Desprezados

A idade faz com que a gente vá somando experiências, mas também vá participando de gerações diferentes e, muitas vezes, de difícil convívio e cada vez mais se percebe, graças ao próprio preço que pagamos pela “evolução”, mais também, e em grande parte pelo comportamento dos mais jovens, que não tendo a mesma história, valorizam apenas seus sentimentos e objetivos, esquecendo-se dos sentimentos, recordações e experiências dos mais idosos.

A sociedade que não respeita os seus idosos, no mínimo, é ingrata.

Você quer morrer cedo, ou envelhecer? Claro que prefere envelhecer. Então, como será?

Uma vida longa a serviço da família, do estado, e uma velhice discriminada e com aposentadorias indignas, assistência precária da própria família, que por um pouco mais de conforto, logo pensa em asilos, casas de “repouso” ou coisa parecida...

Uma geração que quase não teve creche já faz do asilo a desculpa e a justificativa pela omissão; então, como será com a geração que pelos mesmos motivos já tem creches para justificar o injustificável.

Crianças jogadas hoje em creches pelos motivos de consumismo, terão mais facilidade e até desculpas para aumentar o número dos asilos e a frieza e indiferença pelos donos da história, pelos nossos idosos.

Doenças e outras carências que possam existir poderão dispensar medicamentos, mas nunca dispensarão o calor humano. Amem seus pais e avós, nunca os abandonem.

“O cuidado com o idoso deve estar em todos os lares que queiram construir e viver a felicidade.”

“A gratidão às gerações passadas é o mínimo que se espera dos mais jovens.”

Liberdade de Imprensa

Existem conquistas que gostamos de comemorar e existem conquistas que somos reticentes em festejar.

A liberdade de imprensa é algo que gostamos de pensar que possa existir, porém não temos a alegria de comemorar, sabedores que somos de muitos que aproveitam dessa possibilidade e promovem a violência, a pornografia e a degeneração da família e dos mais importantes valores para todos.

Se for isto que devemos considerar como Liberdade de Imprensa, esta é uma data que ainda não conseguimos festejar. Pelo contrário, nos causa muita preocupação pela irresponsabilidade de quem tem em suas mãos tão poderosos meios de comunicação e fazem uso inadequado destes, pois estamos, com isso, construindo uma sociedade, para nós e para as próximas gerações, muito sombria.

A imprensa, seja ela qual for, é formadora de opinião; e com essa força teria de ser mais prudente em selecionar os conceitos, imagens e notícias que publica, sob o risco de promover a inversão de valores na contramão do bem e do amor.

Cada indivíduo é co-responsável pela calamidade implantada pelos meios deste século, evoluído tecnologicamente e involuído moralmente. Ao adquirirmos produções dos meios que nada somam para a moral e para o crescimento de todos, colaboramos e até financiamos a imoralidade; ao ligarmos o computador, a televisão, o rádio

ou outros meios em programas contra a família, fazemos com que atinjam picos de audiência e chovam patrocinadores para, ainda mais, reforçar os programas perniciosos.

A liberdade de imprensa é bem-vinda, desde que haja responsabilidade e menos ganância por parte dos produtores e fiscalização por parte do povo, reprovando tudo que possa ser feito em prejuízo do próprio povo.

A sociedade vai formando culturas perigosas em detrimento dela própria.

Precisamos prevenir para não precisar remediar.

“Devemos usar todos os meios existentes na construção de um mundo melhor.”

Qual Estrela que Seguimos?

A força da mídia e a fraca formação que temos nos induzem a seguir caminhos que, quase sempre, não nos levam a nada. Ora conseguimos dar uma audiência para um canal violento e pornográfico, ora damos a outro

que conseguiu ser um pouco pior, e assim caminhamos seguindo estrelas falsas, estrelas que no lugar de nos levar até Belém, nos levam para costumes destruidores da moral e dos bons costumes.

...Parece um discurso moralista demais, parece que não devemos assistir ou gostar de nada, parece um grande exagero?!...

Essas colocações que muitas vezes ouvimos, no nosso modo de entender, também são causas fortes da existência de tantos contra-valores que empobrecem as famílias e provocam traumas, que são verdadeiras chagas na sociedade atual, refém assustada, em sua própria tenda.

Na defesa de uma pseudodemocracia, da liberdade da expressão, de luta contra o autoritarismo e tantas outras desculpas, produtores sem nenhum princípio cristão conseguem manter no ar, programas absurdos e justificá-los, em entrevistas, dizendo que são “retratos da vida.”

Pergunto, que vida? Qual vida? Talvez a vida dos próprios que assim falam, pela ausência de pudor e pela corrida desenfreada em busca de lucro financeiro, a qualquer preço...

Pensamos que a sociedade, como um todo, tem uma parcela importante de culpa na situação que estamos refletindo, pois é avalizadora, dando audiência ao inútil e deixando de assistir programas que trazem informações importantes para o dia-a-dia.

Cuidado, a comunicação é para gerar a vida e não a morte.

Tememos o propósito de banir de nossas casas cenas que

sejam contra o respeito e a paz familiar. Sigamos a estrela, como os reis magos e vamos ao encontro do Senhor, que quer se manifestar todos os dias, em nossas famílias. Levemos a Ele os mais preciosos presentes que podemos ofertar: nossa fé, nossa esperança e o nosso amor, dons que dEle recebemos e que provam estarmos seguindo a estrela certa.

Sejamos também essa estrela a guiar outros até Jesus, através da nossa vida de comunidade, vivendo a partilha dos dons, manifestando assim a Sua presença, resgatando valores e vivendo a experiência de ser feliz.

A Força do Comunicador Jesus

Jesus nos fala de felicidade: “Bem-aventurados (Felizes) os pobres no espírito, porque deles é o reino dos céus.” (Mat. 5,2)

Qual palavra pode ser mais forte, qual comunicação poderá cativar tanto quanto esta? Ele afirma que existem muitas formas de conquistar e viver a felicidade e vai relatando algumas delas.

Quantos poderão interpretar a pobreza material como

sinal de felicidade, quantos poderão confundir pobreza com miserabilidade?

Não entendemos que o Senhor esteja pregando a pobreza que exclui e traz infelicidade. Acreditamos, sim, que Ele prega o desprendimento dos bens efêmeros em vista dos bens eternos.

A pobreza assumida no espírito nos faz irmãos amorosos e preocupados com a felicidade de todos; nos tira do egoísmo que destrói a relação de fraternidade, e essa pobreza produz em nós o amor e a partilha. Conseguimos a partir daí socializar os bens que temos, pela graça de Deus, na direção de sermos bons administradores para um dia prestarmos contas de tudo ao Senhor.

Através de gerações a comunicação do Mestre se faz presente, mesmo com toda evolução tecnológica. Sim, podemos mudar instrumentos de comunicação, usar os meios mais modernos, mas sua mensagem permanece a mesma, igual àquela dirigida aos pescadores de sua época.

O que Mateus registra é resultado do seu testemunho ocular, é algo que cativou a todos naqueles tempos e haverá de cativar para sempre.

O Comunicador do Pai continua a sua missão através de cada um que se compromete com Ele, que procura entender e viver os seus ensinamentos; continua e continuará, porque aquilo que viveu e ensinou é verdade e vida: Ser pobre no espírito é condição de felicidade.

O convite está lançado, faça a experiência e veja.

Celebrar a Páscoa é Viver o Amor de Cristo

Ajudados pelas liturgias, em cada tempo, temos celebrações que nos remetem a reflexões sobre nossos compromissos para com Deus.

No tempo maior da Páscoa, vitória da vida sobre a morte, até por necessidade, queremos celebrar a vida plena, conquistada por Jesus Cristo.

Nossos momentos de oração, de vida familiar e comunitária, são permeados pela esperança maior da vida, da vitória sobre tudo que nos impeça de viver em plenitude. É quando paramos e percebemos o quanto temos feito para que a Páscoa seja verdade em nossa vida e na vida de todos.

Cristo é a nossa Páscoa. Ele passou pela experiência humana e venceu as tentações que queriam afastá-lo do projeto do Pai. Ele venceu o mundo e está vivo para sempre. *E nós, como estamos vivendo?...*

Na dependência das nossas atitudes, muitos de nós podemos deixar de perceber e celebrar a Páscoa. Quer queiramos ou não, a nossa adesão à comunidade nos faz referenciais de uma sonhada realidade, que, no fundo, todos almejam.

Se quisermos celebrar e levar outros também a fazer o mesmo, precisamos viver o amor de Cristo sem restrições, bem acolhendo a todos, fazendo o bem e vivendo como Jesus

viveu. Precisamos aproveitar esse tempo de santidade para nos deixar alcançar por Jesus Cristo Ressuscitado, Pastor que nos há de conduzir à vida plena.

Na medida em que vivermos o amor de Cristo, haveremos de celebrar a Páscoa, passagem da morte para a vida.

Nosso convite-desafio a todos que queiram celebrar a Páscoa:

Entrem pela porta que é Cristo Jesus, vivam em comunidade, construam fraternidade e solidariedade, e aí então, celebrem sempre a Páscoa do Senhor.

“A maior celebração da Páscoa, e a mais verdadeira, é o viver dando testemunho de que Cristo ressuscitou, por meio do nosso compromisso com Ele, expresso no amor aos irmãos.”

Desejos de Paz

Em meio aos sonhos consoladores na noite, aproveitando a quietude, sonho que um dia os meus amores transformem, enfim, este homem rude.

Sonho em poder ser até um poeta que possa, olhando a natureza, satisfazer esta minh'alma inquieta e perceber, em tudo, mais beleza.

Mesmo que me provem o contrário e até me imponham sofrimentos. Quero que em todo o meu itinerário não sobre lugar para lamentos.

Mesmo com um olhar umedecido na minha aparência sofrida. Quero a Deus ser agradecido em todos momentos desta vida.

Por que será que penso assim? Alguém poderá até me perguntar. Porque quero ser fiel até o fim, e a face do Senhor contemplar.

Se o meu objetivo alcançar mesmo sentindo-me tão pequeno. Aí então irei alegre ancorar no coração de Deus, amigo e sereno.

Talvez seja este desejo de paz algo muito grande e adorável. Mas creio que ele não se desfaz e viverei este momento inefável.

Minhas faltas, o Senhor perdoará naquele dia do final juízo. E finalmente Ele me acolherá dando-me as chaves do paraíso.

Minha Casa

Onde houver um amor para viver,
carinho sempre amigo e paciente.
Eis a minha morada, meu querer,
essa é minha casa, certamente.

Não precisa ser grande ou luxuosa,
nem precisa ter fino acabamento.
Precisa apenas que seja prazerosa,
a vida que eu viver no aposento.

Onde o elogio e a crítica possam estar
sem traumas, respeitando os moradores.
Onde possa o bem e o amor ali morar,
dando a Nosso Deus todos os louvores.

Onde o divino e o humano possam viver
na mais perfeita, doce e feliz unidade.
Para a construção de todo bem acontecer,
na conquista da esperada felicidade.

Um Braço

Eu vejo o sol,
nascendo lindo.
Eu o vejo indo
rumo à lua.

Eu vejo o sol,
no dia findo.
Eu o vejo indo,
na sombra tua.

E bem junto de ti,
em teus braços
neste abraço,
o meu sorriso

E bem junto de ti,
estou também
Meu doce bem
no paraíso.

Palavras

Uma palavra destrói,
uma palavra constrói.

Uma palavra desanima,
uma palavra anima.

Uma palavra fere.
uma palavra cura.

Uma palavra produz o mal,
uma palavra produz o bem.

Uma palavra entristece,
uma palavra dá alegria.

Escolha Sempre a Melhor:

Uma palavra : ó d i o,
Uma Palavra : A M O R.

Vou Caminhando

Vou caminhando, como alguém
que parece conhecer o caminho.
Mas desvio minha direção indecisa,
sou como alguém que precisa,
mas quanto mais caminho,
o caminho parece um descaminho

Pois as horas passam e os dias também...
Vou descobrindo tantas maravilhas.
E, maravilhado, humildemente, percebo,
O quão pouco consigo vislumbrar.

Minhas perguntas, algumas respondi.
Minhas dúvidas, algumas esclareci.
Mas sinto na imensidão,
que mais e mais, não tenho o chão,
sinto-me inseguro, insuficiente.

Mas vou caminhando...

Muitos amigos e amigas, queridos e queridas,
Já partiram, sem nada me explicar.
Então por que caminhar, se tudo mistério é???
Eu só vou caminhando, pelo grande Dom da fé.
Aí me sinto seguro e cada vez mais crente.
O meu caminho é Deus quem sabe.
Refletindo esta verdade,
vou em frente.
*“Eu caminho na esperança de encontrar o
caminho.”*

Mensagem de Jesus Menino

Já sabemos como *Jesus* foi prometido durante séculos e como *Ele* nasceu para cumprir todas as profecias. “*Um pobre entre os pobres*”, reconhecido por anjos, pastores e reis.

Em meio às preocupações naturais da espera de um filho, Maria e José caminharam na procura de um lugar, para que a criança pudesse ser acolhida e a mãe ajudada naquele momento divino. A expectativa certamente foi muito maior, pois além do anúncio do anjo e do testemunho de Isabel, Maria guardava em seu coração tudo que a mãe guarda, na espera de um filho, e mais ainda, a realização da promessa e a esperança de muitas gerações, o sonho acalentado por séculos, a vinda do *Ungido* de Deus, o *Libertador*.

Um choro na noite de Belém denuncia que a criança nasceu. Envolto em panos, acolhido com muito amor pelos pais, estava ali, naquela manjedoura, o *Salvador*, aquele que haveria de anunciar o ano da graça definitiva e conquistar para todos o direito à eternidade feliz.

Um Deus nascido na humildade. A natureza humana criada pelo Senhor, agora também é experimentada por Ele. Vindo à luz para ser a Luz que eliminará as trevas do pecado; um clarão anuncia a vitória do amor: Como Deus nos criou por amor, por amor Ele veio ao mundo revestido de nossa natureza pobre e vacilante, para passar pelas nossas agruras e vencer a luta contra todo tipo de morte.

Não, não foi um sonho. A *criança* ali estava e o santo casal olhava em adoração, sem entender a grandeza daquilo que acontecia. *Jesus se* abandonava nas mãos de Maria e José, e a partir daí, para o alimento em defesa da vida, para todos

os momentos, a segurança de *Jesus* eram seus pais terrenos. Ele se deixou entregue na forma de uma *criança* indefesa porque confiava no projeto do Pai Eterno, sabia, como *Ser Divino*, que seu Pai nunca lhe abandonaria. Eis a mensagem no silêncio do *Menino Jesus*: Sou Filho de Deus e meu Pai nunca me abandonará, creio do seu amor e no seu projeto.

Jesus nos comunica a confiança plena naquele que nos criou.

Mais tarde Ele vai afirmar: “*Tudo que o Pai possui é meu.*” (Jo. 16,15)

O Verdadeiro Presépio

Muitos são os preparativos que antecedem a festa do Natal. Muitas preocupações com ambientes, roupas, calçados, presentes, alimentação...

Ao sentirmos a chegada das festas natalinas, percebemos essas e outras tantas atividades para festejarmos a chegada do menino-Deus.

As vezes, nem ao menos conseguimos reunir nossas

famílias, por interferência de outros interesses que desviam o sentido maior do encontro, o motivo maior que celebramos.

Nossos presépios, cada vez mais, são sofisticados e construídos com os mais diferentes materiais e viram motivos de exposições, como se a obra fosse maior do que o Criador.

Por tantos comportamentos, concursos de presépios e outros, o *principal* corre o risco de ser esquecido ou até substituído por “obras de arte”, com peças frias que não conseguem deixar sentir e viver a verdadeira mensagem de um Deus feito homem. Cada lugar quer ficar melhor, com um cuidado especial para luzes e enfeites que embelezem e transmitam o espetacular.

Ao aprofundarmos o sentido verdadeiro do Natal, o que significa e como tudo aconteceu, veremos que o verdadeiro presépio, o mais iluminado de todos, deve ser o *nosso coração*, acolhendo Jesus-menino em cada semelhante e principalmente naqueles que necessitam da nossa presença.

Então, como devemos fazer?

Como acolhermos e como vivermos o Natal de Jesus?

Devemos limpar o nosso coração e deixar que Jesus nasça a cada momento, realizando um Natal permanente, onde o cuidado pode estar na parte externa, mas essencialmente estará na parte interna, na disposição de viver o anunciado: *Glória e Deus e Paz na Terra*.

Como os magos, vamos perceber o sinal e sair em busca do Rei que vai nascer.

Como os anjos, cantemos com a nossa vida, em gestos de fraternidade, o Hino de amor ao Messias.

E como os pastores, corramos anunciar a todos a grande alegria do nascimento do Salvador.

Façamos do nosso coração o mais verdadeiro presépio e o mais acolhedor. Deixemos que Jesus nasça em nossa vida a cada momento, vivendo a partilha dos dons, cumprindo todas as profecias que falam de um Filho Bendito, com nome maravilhoso de Conselheiro, Pai da eternidade e Príncipe da Paz.

Se cada um de nós conseguir deixar o coração fazer-se presépio para acolher o Senhor, estaremos adorando o menino e dando-lhe um lugar especial em nossa vida e em nosso mundo, carentes de Sua presença e de Sua PAZ.

Natal Encantador

– Com a esperança renovada, na expectativa da vinda do Senhor, queremos renovar também nossos propósitos de fraternidade e solidariedade, propósitos que estão impregnados na prática do Salvador. Na idade adulta, o menino de Belém concretiza o projeto do Pai e nos deixa o mandamento do amor.

Os magos, representando todas as correntes, todos os povos, avistam a estrela tão esperada, o sinal do céu, e partem com um único objetivo:

“Vimos uma estrela no oriente e viemos adorá-lo.”

Adorar é reconhecer como criador. O culto de adoração (latria) só deve ser feito a Deus. Jesus é Deus que se encarna, toma a nossa vida humana para se tornar visível e realizar o sonho de Deus-Pai: “Salvar a todos.” Deus quer salvar a todos.

Vem, Senhor, vem nos salvar. Vem, Senhor. Vem nos libertar.

Que o sonho do Pai seja realidade em nós.

Que o sonho da Trindade seja a nossa realidade.

*Natal é data do amor.
Entre todas a mais pura.
E o Criador se faz criatura.*

*Todos os olhos olham Belém,
todos os ouvidos ouvem o louvor.
E até os anjos cantam também,
hinos de paz ao Menino-Senhor.*

*Mais forte batem os corações.
No ar se confundem os sentimentos.
E cantamos muitas e lindas canções
traduzindo as emoções do momento.*

*Nem conseguimos o que sentimos traduzir.
Mesmo percebendo em tudo o gde sinal.
E então podemos apenas falar e sentir:
Como é ENCANTADOR celebrar o NATAL!*

Acadêmico Espedito Pinheiro de Souza

Motivo de Satisfação na Carreira de Um Professor de Direito

Após ter lecionado por mais de 25 (vinte e cinco) anos, ininterruptamente, diversas disciplinas jurídicas na Faculdade de Direito de Guarulhos – FIG, mais de 9 (nove) anos, cumulativamente, na Universidade Bandeirante de São Paulo – UNIBAN e por três anos na Academia de Polícia Militar do Barro Branco-APMBB, para minha grande satisfação, depois de ter enviado o “curriculum vitae” à Universidade Presbiteriana Mackenzie, fui convidado, e submetido a uma avaliação prévia, para lecionar na Faculdade de Direito dessa tradicional e conceituada Casa de Ensino Superior.

Devo enfatizar que, sendo o escolhido entre outros concorrentes, senti-me feliz, orgulhoso e honrado.

Agora, como coroamento da minha função de professor no Magistério Superior, é muito bom continuar a carreira que abracei e sempre gostei de lecionar numa Instituição renomada do nosso País, sem, todavia, desmerecer as anteriores em que lecionei. Esclareço que tal vocação começou mesmo quando estava no serviço ativo da Polícia Militar e que já o fazia com muito amor, vez que essa é a minha embocadura natural, até quando o Senhor da Vida chamar-me para outra missão.

Nessas condições, como compromisso de foro íntimo, se Deus assim me permitir dando-me saúde e o talento que sempre me concedeu, e, enquanto contar com o necessário respaldo da Instituição, pretendo ficar doravante apenas e tão-somente nessa Universidade, para poder transmitir a experiência profissional adquirida ao longo desses anos aos alunos da 1ª série e outras do curso de bacharelado em Direito da Universidade Mackenzie, período matutino e noturno, na cadeira de Ciência Política (T.G.E.), assim como noutras do ramo do Direito Público.

Democracia

1-ORIGEM E CONCEITO (NOÇÕES)

1.1. Embora sendo um termo antigo, cuja origem remonta aos gregos, a democracia moderna é

efetivamente o resultado das doutrinas liberais que encontram a síntese na Declaração do Homem e do Cidadão. Ali está o JUSNATURALISMO, com concepção dos direitos naturais e da igualdade humana; nela se configura a liberdade do contratualismo; o famoso documento de 1789 também estabelece os meios por que tais direitos encontram a garantia, através do próprio mecanismo da divisão dos poderes.

1.2. A concepção democrática teve em ARISTÓTELES um precursor, quando disse serem a IGUALDADE e a LIBERDADE os fundamentos do governo democrático. Porém, literalmente, a definição inicial de democracia liberal é: “Governo do povo, pelo povo e para o povo”, segundo ABRAHAM LINCOLN. (cf. art.1º parágrafo único, da C.F.).

1.3. Como se sabe, ARISTÓTELES classificou os governos segundo as suas formas.

1.3.1. As formas puras de governo, para ele, são:

- a) monarquia (governo de um)
- b) aristocracia (de alguns, dos melhores)
- c) democracia (governo do povo)

1.3.2. As formas impuras (degenerescência)

- a) tirania
- b) oligarquia e
- c) demagogia.

1.4. O filósofo grego teve a noção moderna da Democracia, ao afirmar que a verdadeira liberdade só se realiza politicamente quando há a rotatividade

do poder, um dos postulados básicos do direito público contemporâneo.

1.5. “A primeira espécie de democracia é aquela que tem a igualdade por fundamento.” *A Política*, Livro VI, cap. IV. “O princípio fundamental do governo democrático é a liberdade; a liberdade, diz-se, é o objetivo de toda democracia, ora, uma das características essenciais da liberdade é que os cidadãos obedecem e mandem alternadamente” (idem, Livro VII, cap. I).

1.6. Entre os gregos, a noção de democracia caracteriza-se, sobretudo, pelos elementos:

1.6.1. a Isonomia (igualdade de direito em relação às funções públicas);

1.6.2. a Isotimia (igualdade de direito em relação às funções públicas);

1.6.3. a Isogoria (direito de expressão).

1.7. O conceito democrático não pode ser aplicado ao mundo antigo com modernas características. A sociedade não era democrática, pois pequena parte da população gozava de plenos direitos. Não só os indivíduos como também as cidades não gozavam de liberdade civil e religiosa. A idéia de liberdade política surge com o LIBERALISMO, indicando a extinção de privilégios ou direitos hereditários, quando, realmente, o povo, que quase nenhuma importância desempenhou no mundo medieval, passa a ter uma noção política.

1.8. Historicamente, a democracia foi um fenômeno tipicamente americano, pois, no Mundo Novo, as condições sociais e econômicas propiciam aos

colonos, imbuídos das idéias constitucionais, a realização da liberdade.

1.9 Quando se fala em democracia, o problema essencial não consiste propriamente em defini-la como “governo do povo, pelo povo e para o povo”, na expressão de LINCOLN, como vimos anteriormente. Mas conceituar o seu elemento básico, a liberdade, e assegurar-lhe a efetiva realização. A democracia, para ser realmente o ambiente de liberdade, precisa propiciar as mesmas possibilidades a todos os cidadãos (art. 5º da C.F.).

Nesse passo, é interessante consignar o conceito de democracia dado por ADERSON DE MENESES, “in” *Teoria*, p. 304.5: “Democracia é o ambiente em que um governo de feição constitucional garante, com base na liberdade e igualdade, o funcionamento ativo da vontade popular, através do domínio da maioria em favor do bem público, sob a fiscalização e critério da minoria atuante.”

1.10. HAROLD J. LASKI, “in” *La Libertad em El Estado Moderno*, pág. 17, entende por liberdade “a ausência de coação sobre a existência daquelas condições sociais que, na civilização moderna, são as garantias necessárias de felicidade individual”.

1.11. A liberdade consiste não só na possibilidade de resistir ao poder, tendo, para isso, meios suficientes na lei e na estrutura social, como também na possibilidade de participar do governo. Para isso, BURDEAU conceitua a liberdade-autonomia como faculdade de participação no poder. Vale lembrar que o Estado Liberal procurou organizar a sociedade de

modo que esses dois tipos de liberdade pudessem coexistir.

1.12. Não se entende mais a igualdade política como o nivelamento ou a uniformidade dos homens, mas igualdade de trabalho, a saber, oportunidade para todos, sem privilégios.

1.13. Vê-se que o moderno conceito de democracia repousa na efetiva realização da liberdade, e não em uma liberdade meramente formal e inscrita em textos legais.

2. O INSTITUTO DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

2.1. Inicialmente devemos ressaltar que resistência ao poder e participação no poder são os dois aspectos essenciais da democracia, segundo a conceituação dos Revolucionários Franceses.

2.2. Vale observar que a democracia é, porém, um sistema, uma doutrina, uma ideologia; é mais do que isso, porque a democracia é uma concepção de vida que envolve a existência do homem considerado em face dos indivíduos e perante o poder.

2.3. Uma concepção de vida e de poder precisa formular-se em termos objetivos, a saber, estabelecendo os meios práticos de sua efetiva realização. Portanto, a democracia moderna encontrou-os no instituto da "representação política", e é preciso frisar que a doutrina liberal francesa considerou-a a própria essência do regime democrático.

2.4. QUEIROZ LIMA, "in" *Teoria*, p, 210, ensina que a idéia de representação política foi esboçada e realizada, de certa forma, no Estado Romano, pois o Príncipe não exercia o poder por si mesmo, mas em virtude de um mandato que o povo lhe conferia pela *LEX REGIA*. O Imperador era um magistrado que enfeixava todas as magistraturas, porém não governava com poder próprio.

2.5. A representação é o exercício do poder em lugar de outrem. Numa democracia direta, como a helênica, não havia necessidade do sistema representativo, porque os próprios cidadãos exerciam o direito de voto em praça pública (democracia direta).

2.6. No Estado Moderno, a representação repousa, sobretudo, na doutrina da vontade geral, expressão da soberania da Nação, como postulou J.J. Rousseau em *O Contrato Social*.

OBSERVAÇÃO:

A representação política e a democracia são expressões equivalentes. Porém, SILVEIRA NETO entende que não são termos coincidentes, pois pode haver representação de uma minoria. O regime democrático pretende que todo o povo se represente e, assim, é de sua essência o sufrágio universal, o que veremos, mais adiante, neste Capítulo.

2.7. O instituto representativo originou-se do mandato civil, mas se transformou com a sua aplicação em direito público.

2.8. O mandato civil é de natureza imperativa, pois alguém recebe poderes expresso para realizar atos jurídicos em nome de outrem.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

Essa relação pode deixar de existir, desde que o mandante casse o mandato conferido, ou o mandatário não queira mais exercê-lo (por renúncia).

O chamado mandato imperativo já foi aplicado noutra época, quando os deputados franceses eram eleitos pelas respectivas circunscrições (hoje, tal fato não ocorre mais).

2.9. A representação política moderna realiza-se através do mandato representativo (cf. art. 1º, parágrafo único da C.F.). Por este, entende-se que o eleito representa a soberania nacional e não apenas um grupo de eleitores. Significa que o representante é irresponsável pelos seus atos e expressões, no exercício de suas funções, gozando de imunidade, como também seu mandato não pode ser renovado (exceto em caso de reeleição), porque ele representa a vontade geral da Nação (cf art. 53 e parágrafos, da C.F.).

2.10. MONTESQUIEU achava que o povo, por si mesmo, não tem condições para gerir os próprios interesses; além do que, isso seria impossível nos grandes Estados. Daí a sua defesa na representação política (*L'Esprit des Lois*, Livre XI, cap. VI).

2.11. JOHN STUART MILL, in *governo representativo*, revela-se um dos grandes defensores do instituto da representação política, considerando-a como o tipo de governo.

2.12. Vale notar que, se a representação política já se tornou uma realidade consagrada no Direito

Constitucional, doutrinariamente ela ainda suscita controvérsia pelo fato de que não sendo representação no sentido jurídico, não seria verdadeira representação.

2.13. O problema é demais complexo para ser resolvido sumariamente, mas é bom lembrar as observações de GIOVANNI SARTORI, quando mostra que representar é um modo de personificar outrem, através da escolha popular. Mas é bom que se diga que representação não significa obrigatoriamente eleição. Todavia, esta é a melhor maneira que a democracia encontrou para assegurar a liberdade política, que não é também um simples problema jurídico, mas uma exigência moral do homem e um imperativo da vida social.

A verdade é que o sistema representativo é um processo de aferição da opinião popular e da realização do exercício do poder.

2.14. Vale acentuar que PAULO BONAVIDES analisou a representação sob um duplo aspecto:

2.14.1. o da duplicidade; e

2.14.2. o da identidade entre representante e representados.

O primeiro aspecto resulta do princípio da soberania nacional e foi adotado pela Revolução Francesa. Situa o representante como um elemento independente do eleitor. Designados os representantes livres para resolver os negócios públicos, agindo em nome da soberania nacional. Têm vontade autônoma, pois, ao contrário do mandato imperativo, podem decidir como bem entenderem sobre os destinos da Nação.

BONAVIDES deriva o princípio da identidade da doutrina da soberania popular, cujas raízes estão no Contrato Social, de ROUSSEAU. A soberania popular não podia ser representada, essa doutrina que abriu caminho para o sufrágio universal, a participação de todos nas decisões políticas, ao sufrágio restrito.

3. TIPOS DE DEMOCRACIA

3.1. Na Grécia e em Roma antigas, era direta. Os cidadãos reuniam-se em praça pública para tomar decisões (deliberar) sobre os mais importantes problemas da comunidade (da *polis*).

Atualmente, além de alguns cantões suíços, onde os cidadãos se reúnem periodicamente para votar, não há exemplo de democracia direta, pois seria impraticável, dada a grande extensão territorial e a grandeza da população (número de eleitores) nos Estados Modernos.

3.2. DEMOCRACIA REPRESENTATIVA (INDIRETA)

A Nação pode exprimir a vontade própria por si mesma e o faz por meio de representantes eleitos pelo povo (art. 1º parágrafo único, da C.F.).

3.3. DEMOCRACIA SEMIDIRETA

É o sistema em que, havendo normalmente a representação política, o povo intervém, em alguns casos, na órbita legislativa. Os meios de intervenção do povo são:

3.3.1. o veto popular;

3.3.2. o *referendum*;

3.3.3. a iniciativa popular;

3.3.4. o plebiscito; e

3.3.5. *Recall*.

Explicação acerca de cada instrumento:

VETO POPULAR: entende-se que uma lei só se torna definitiva, quando, após algum tempo, um grupo de cidadãos se oponha a ela. Se tal acontecer, há necessidade de uma consulta a todo o povo.

REFERENDUM: é condição para a validade de uma lei sobre a qual o povo se manifestou.

INICIATIVA POPULAR: o povo, por intermédio de determinado número (grupo) de eleitores, tem o direito de propor leis.

PLEBISCITO: para alguns autores, tem o mesmo significado do *referendum*, porém há distinção entre eles. Via de regra, o plebiscito é uma consulta *a priori*, e o *referendum*, *a posteriori*. Quando a questão a resolver tem por objeto um assunto de interesse público, tem-se o *referendum*. Quando se trata de aprovar ou não a investidura de uma pessoa no poder, tem-se o plebiscito.

RECALL: tem por finalidade destituir funcionários e juízes eleitorais pelo povo, mas é um processo de aplicação local. Em nossa Constituição Federal de 1988, a matéria (Democracia Semidireta) vem tratada no art. 14 *caput* e incisos.

4. SUFRÁGIO UNIVERSAL

4.1. CONCEITO (COMPREENSÃO)

4.1.1. O sufrágio é o meio pelo qual os cidadãos escolhem os seus representantes para exercerem as funções de governo. Origina-se do próprio conceito de soberania, pois estando o poder no povo, cabe a este dizer quem deve exercê-lo.

4.1.2. A questão que se coloca é a seguinte:
O voto é um direito ou uma função (dever)?

Vamos tentar respondê-la, com base na doutrina de SILVEIRA NETO, *in Teoria*, p. 215. Diz o autor.

“Na categoria da soberania popular, o voto é um direito conferido a todos os cidadãos, indistintamente; entretanto, o indivíduo não é obrigado a exercê-lo.

Ao contrário, a teoria da soberania nacional considera o sufrágio como uma função (dever), de que advêm duas consequências importantes:

- a) o exercício do voto obrigatório; e
- b) pode ser restringido.

O nosso direito pátrio adota, como norma principal, a doutrina do sufrágio como função (obrigatório), com algumas exceções legais. Somos todos partes de um organismo político e, como tal, não podemos ter a faculdade de exercer ou não o voto. Este é obrigatório, salvo exceções (cf. art. 14, parágrafo 1º, da C.F.)

4.2. MODALIDADES DE VOTO

4.2.1. O sufrágio comporta numerosas modalidades, sendo essencial a que o distingue em:

a) UNIVERSAL; e

b) RESTRITO (censitário – de capacidade).

O sufrágio restrito limita-o às pessoas de determinadas condições (é aristocrático, quando vinculado aos privilégios de nascimento, como no Antigo Regime);

Sufrágio censitário, por motivo de situação econômica (como existiu no Brasil, no Império);

Sufrágio universal não conhece tais limitações, senão aquelas oriundas da própria capacidade jurídica de cada pessoa.

4.3. VALOR ATRIBUÍDO AO VOTO

4.3.1. O sufrágio pode ser igualitário, em que o eleitor dispõe de um só voto; e

4.3.2. não igualitário, com duas submodalidades.

a) O múltiplo: O eleitor dispõe de um só voto de cada vez, porém vota mais de uma vez, na mesma eleição, conforme a sua qualificação.

Assim, um bacharel, também industrial, pode votar duas vezes, por causa da sua dupla condição.

b) O plural: O eleitor vota uma só vez, mas seu voto vale mais. Assim, no chamado sufrágio familiar, o chefe da família tem tantos votos de acordo com o número de filhos.

4.3.3. O voto distrital, já utilizado no Brasil, até 1930, consiste em que, para fins eleitorais, o Estado seja dividido em circunscrições ou distritos. Cada distrito eleitoral tem os próprios candidatos; os eleitores só podem votar nestes e não nos candidatos de outros distritos. Isso acontece no chamado voto

distrital puro, mas há também o voto distrital misto. Nesse há uma parte dos candidatos que só podem ser votados no distrito, havendo outros candidatos que podem ser votados no distrito, havendo outros candidatos que podem ser votados por todos os eleitores, pelo sistema proporcional.

4.3.4. O sufrágio pode ser: UNINOMINAL e PLURINOMINAL.

No primeiro caso, o eleitor escolhe apenas um candidato, pois este representa a sua circunscrição. Já no voto PLURINOMINAL, o eleitor pode votar vários nomes, como é o caso do voto por listas.

Deve-se assinalar que há distinção entre o sufrágio individual e o sufrágio por listas. Naquele, o eleitor escolhe indivíduos, neste o eleitor escolhe uma lista entre os apresentados pelos partidos.

4.3.5. Convém lembrar que o sufrágio é direto e indireto (sistema eleitoral):

a) DIRETO, quando o eleitor designa o próprio representante, sem intermediários; e

b) INDIRETO, quando o eleitor escolhe certo número de delegados, para votar nos candidatos. O sistema indireto é, portanto, um sufrágio em duas etapas: *na primeira, votam todos os eleitores; na segunda, vota somente o colégio eleitoral escolhido por aqueles.*

Nos Estados Unidos, apesar do presidencialismo, que, geralmente, adota o sistema direto, o sufrágio é indireto: os eleitores, em cada Estado, escolhem certo número de delegados para, em âmbito federal, votarem no Presidente da República.

Nos sistemas parlamentaristas de governo, a escolha do Presidente faz-se, geralmente, por via indireta.

4.3.6. Considerações gerais sobre o sufrágio.

Diz-se que o voto é público, quando não se cerca das precauções do sigilo; é secreto, quando a lei toma as medidas para que o segredo do sufrágio seja resguardado.

Exemplo: um tipo de voto público, pouco utilizado e geralmente aplicado em certas votações de Assembléias, é o voto nominal: o eleitor (deputado, senador) diz em quem vota

OBSERVAÇÃO:

Uma distinção do sufrágio de grande interesse é a que se refere ao sistema majoritário e ao sistema proporcional.

Pelo primeiro (majoritário), elegem-se os candidatos que obtiverem o maior número de votos sem outra circunstância, podendo tal sistema ser em um turno (quando há somente uma eleição) ou dois turnos (quando se faz nova eleição, não tendo a primeira preenchido as condições previstas em lei).

4.3.7. Por outro lado, no sistema de representação proporcional, elegem-se os candidatos que obtiverem a maior quantidade de votos dentro de suas listas, as quais correspondem aos vários partidos. É o chamado voto de legenda, a saber: o voto que tende a fortalecer os partidos e propicia a representação dos partidos menores. Além disso, os candidatos mais fortes geralmente ajudam a eleger os candidatos menos

votados, de acordo com a proporção de votos obtidos pelos respectivos partidos. Elegem-se os mais votados em cada partido.

4.3.8. Os sistemas eleitorais têm grande influência na expressão da opinião pública; argumenta-se que o sistema proporcional tende a multiplicar os partidos, enquanto o majoritário de um turno promove o bipartidarismo, o majoritário de dois turnos se aproxima, pelos seus aspectos, do sistema proporcional.

4.3.9. Após longa exposição sobre a matéria, na ótica da doutrina de T.G.E. resta frisar que o problema do voto não é de natureza exclusivamente jurídica e técnica; depende, em grande parte, do grau de cultura e discernimento do povo, pois uma autêntica democracia só existe onde o cidadão possui consciência do valor e da responsabilidade do sufrágio.

4.3.10. A grande importância do sufrágio para o exercício das democracias, isto é, para preenchimento dos cargos políticos; não sendo infalível, o sufrágio é o mais democrático de todos os meios de escolha dos dirigentes de uma sociedade política, sendo ainda de notar que, pela sua periodicidade, sempre propicia a substituição de governantes, que não satisfazem às exigências populares.

4.3.11. A propósito, vale lembrar a lição de MAURICE DUVERGER, ao distribuir os processos de escolha dos governantes em duas categorias: - os democráticos (quando os governados participam da escolha); e - os autocráticos (em que a escolha dos governantes não tem a participação dos governados).

4.3.12. No Brasil, desde os tempos coloniais, sempre houve o exercício do voto. É bom frisar que no Direito Constitucional Brasileiro, tem variado o sistema de voto: o voto censitário (Constituição de 1824); a Constituição de 1891 estabeleceu o sufrágio universal, com algumas restrições: o voto era direto; a Constituição de 1934 trouxe a inovação do voto feminino.

A Constituição de 1967 consagrou a eleição do Presidente da República pelo processo indireto, através de um colégio eleitoral constituído pelos membros do Congresso Nacional e de delegados indicados pelas Assembléias Legislativas dos Estados.

A Constituição Federal de 1988 restabeleceu o sistema direto (cf Artigo 14).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. Azambuja, Darcy – *Teoria Geral do Estado*, 16ª ed. Porto Alegre – Editora Globo – 1977.
2. Bastos, Celso Seixas Ribeiro – *Curso de Teoria do Estado e Ciência Política* – 2ª ed. – São Paul – Saraiva 1989.
3. Campilongo, Celso Fernandes – *Direito e Democracia* – Max Limonad – São Paulo – 1977.
4. Maluf, Sahid - *Teoria Geral do Estado* – 20ª Ed. São Paulo – Saraiva -1990.
5. Silva, José Afonso da – *Curso de Direito constitucional Positivo* – 5ª Ed. São Paulo – Editora RT - 1989.

Acadêmico
Eugenio S. Asano

A Fome, A Fera, A Fome
*Do livro: Assobiando Ray Conniff
na escada de incêndio*

Não era comum uma onça por aqueles arredores. Vez por outra uma cobra e olha lá. Em terra de gado gordo, café e feijão sustentando a paz do local, medo mesmo só da seca brava ou da chuva forte pra estragar a colheita. De resto, enxada e rede em sua hora certa.

A história da onça vinha de longe, de lá das bandas de Umbu Azul, distante uns 300 quilômetros, onde a mata é fechada, reserva florestal protegida pelo governo. Protegida uma ova, que governo tem mais o que fazer que vigiar árvores. Atraídos pela terra boa pra pecuária

e plantio, os homens foram se chegando, invadindo, derrubando, queimando, matando e desmatando como sempre lhes era peculiar impossibilitando a sobrevivência dos animais nativos. Alguns morreram lutando enquanto outros se entregaram aos homens. A onça preferiu procurar outras paragens.

Ah! A fome! Sempre a fome!

A tal fera primeiro atacou o boi de alguns pequenos criadores, mas só se tornou inimiga pública número um quando comeu um novilho do Doutor Braga, homem de posses, de mandos e desmandos daquela região.

Urrando de ódio, o homem brandiu seu chicote feito de rabo de tatu, e de cima do seu cavalo decretou a morte do animal. Onde já se viu, que atrevimento, comer a criação do homem mais poderoso daquelas e de outras bandas. Um desaforo sem precedentes!!! Aquela onça ia virar tapete na sua sala de estar, prometeu a quem quisesse ouvir.

Sua decisão bateu de frente com a opinião dos funcionários do IBAMA.

Capturar sim, Doutor, mas matar não. Pois bem, convençam então a bichinha a se entregar, seus frouxos, desafiou o dono das terras e das leis. E assim foi o valente mandatário, seguido pelos medrosos colonos e pelos homens do governo.

Da pintada encontraram rastro, restos de animais mortos, mas da sua presença nem a sombra. Sendo animal de hábito noturno, escondia-se bem escondido em algum lugar da mata durante o dia. Doutor Braga

espumou, esporeou o cavalo, xingou os colonos, mas nada disso ajudou a encontrar a onça.

Cosme, um dos colonos que acompanhava a expedição, ia dizer, mas ficou quieto, prudente. Pensando nas doze bocas pequenas mais a da mulher prenha e mais a dele, ia pedir ao Doutor Braga mais um crédito na Cooperativa pra farinha e um pouco de feijão. Já devia muito, ao certo não sabia quanto, que era analfabeto de letra e número. De qualquer maneira, o certo era esperar pelo menos até amanhã. Hoje o “ôme” tá com o tihoso por causa da onça. A cautela soprou em seu ouvido, dizendo que qualquer pedido naquele momento só ia piorar as coisas. Daria um jeito para passar a noite. Comida bem que tinha nas plantações: milho, feijão, batata, mandioca, alface, até galinhas e ovos, todos muito bem cuidados pelo próprio Cosme, que patrão não pegava no pesado da enxada. Só mandava de lá de cima. Por isso ele era colono e Doutor Braga o dono. Bem que podia apanhar alguma coisa pra janta, mas cadê permissão pra isso?

Exatamente nessa noite, quando Cosme atiçava o fogão de lenha e mexia no parco jantar de feijão e carne seca, ouviu um miar fino e curto às suas costas. Virou-se e ali viu, não propriamente uma onça feroz, uma besta fera, sanguinária e astuta como diziam, mas um gato pouco crescido além do tamanho, já bem molambento e sem viço nos pêlos. Enfim, um pobre coitado que atraído pelo cheiro da comida de Cosme, resolveu arriscar a sua vida. Se achegou, sentou e ergueu a pata dianteira como a cumprimentar Cosme. Não era. Tinha entre as unhas sujas e velhas um enorme espinho. O caboclo ajoelhou-se, arrancou o estorvo e

aproveitou para fazer um carinho em sua cabeça. Como paga, o felino lambeu-lhe a mão. Naquela noite, ninguém se importou em dividir a janta magra com a visita inesperada. Depois de comer, a bichinha foi pro quintal e dormiu. Estava tão sossegada que nem se importou quando Cosme passou uma corda em seu pescoço, amarrando-a na árvore. Amanhã aviso o doutor.

Quando a noite caiu por completo e o instinto animal despertou, a onça deu uma espichada e miou fino e longo, coçando a corda enrolada em seu pescoço. Cosme foi até a janela atraído pelo miar, olhou para o terreiro e mediu a bichinha. Olhou para dentro e mediu a fome dos meninos que dormiam espalhados pela casa.

Quando pela manhã Doutor Braga chegou para dar um fim à história do perigoso animal, encontrou o terreiro vazio. Cosme desculpou-se: a onça fugiu, doutor, paciência. O doutor se encheu de raiva, mas Cosme estava tranqüilo: pelo menos as catorze bocas não iriam passar fome nos próximos dias.

A fome. Ah! Sempre a fome.

Aniversário de Casamento

Do livro: Assobiando Ray Conniff na escada de incêndio

Desceu da lotação decidido: ou hoje ou nunca. Entrou na locadora pisando ansioso e foi direto para a prateleira. O aviso de ALUGADO parecia rir da sua cara. Procurou o atendente que tirava poeira de alguns DVD's encalhados.

- Escute aqui, o Romeu saiu e não volta mais? O rapazola, novato na loja, olha para o moço de gravata e terno roto com a pasta preta e ensebada.

- Desculpe, não trabalha nenhum Romeu aqui.

- E a Julieta? Cadê a vadia da Julieta?

- Também não conheço nenhuma Julieta, senhor.

- Não me faça de bobo. É da fita Romeu e Julieta que eu estou falando.

- Ah! Desculpe, está alugada.

- Droga! Há mais de um ano que passo aqui todos os dias e essa bendita fita está sempre alugada-exagerou.

- Foi devolvida hoje, mas uma moça passou e levou, acho que amanhã. . . .

- Não quero saber de amanhã. Quero hoje. Hoje, entendeu?

O menino até que entendeu, mas nada podia fazer. Ele que passasse mais cedo, reservasse, mas esses tipos

de comentários, melhor guardar para si. Primeiro dia de trabalho, o mais certo era tratar bem o cliente, mesmo que fosse um sujeito mal-educado e mal-humorado como aquele.

Por sua vez, o homem também tinha lá suas razões, embora não justificasse a grosseria. Na volta do serviço, dentro da lotação, lembrou que hoje era aniversário de casamento e não comprara nenhum presente, sequer um mimo para a esposa. Pensou rápido e lembrou que ela há tempo estava querendo rever o drama de Romeu e Julieta. Era o filme da vida dos dois: o namoro deles começara numa sessão de matinê assistindo àquele filme. Ambos ainda sem idade para entrar, falsificaram a carteirinha da escola e lá foram, de mãos dadas, chupando drops Dulcora e Mentex e os corações batendo forte. Assistiram o filme comportados, sem sequer um beijo na face. Na saída, ela estava de olhos vermelhos e ele tentando mostrar-se adulto: é só uma história, bobinha.

Depois de muito tempo, ela confessou o desejo de assistir novamente o filme, reviver o romantismo da adolescência. Mas na única locadora em que havia o filme a fita estava sempre locada. Por isso a raiva exagerada do homem diante da frustração.

Com o sangue subindo pela face redonda, sacou do bolso a carteirinha da locadora e com as mãos trêmulas, rasgou na cara do balconista e arrematou a fúria:

– Nunca mais boto o pé nesta porcaria de locadora
– e saiu chutando a própria sombra.

Para compensar a perda passou na padaria e

comprou um bolo, o último pedaço que estava na vitrine, e foi para casa.

Abriu a porta do apartamento depois de respirar fundo e deixar a raiva lá fora. A esposa veio recebê-lo como sempre, com a mão cheirando alho e cebola. Agradeceu o bolo e disse:

– Ah! Estou tão feliz hoje.

– É mesmo?

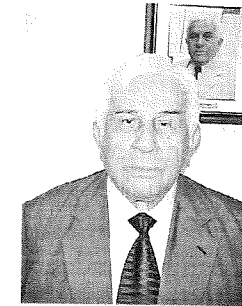
– Verdade. Sabe o que vou assistir hoje à noite? Romeu e Julieta. Finalmente consegui pegar na locadora.

Ele gaguejou, engasgou em duas gotas de saliva, e disfarçando foi para o banheiro. A mulher parecia provocá-lo do corredor:

– Amanhã você passa lá na locadora e devolve a fita? Não esqueça de agradecer ao menino novo que trabalha lá. Ele foi muito gentil.

Ela ficou até tarde assistindo ao filme, enquanto ele foi dormir cedo. O bolo na geladeira ficou para o dia seguinte.

Acadêmico
Gasparino José Romão



... E Ele Chutou
o Pau da Barraca

Eles sempre gostaram de uma praia ou, mais precisamente, adoravam a proximidade com as salgadas águas que, em ondas, vinham descansar nas areias de beira-mar, quando o pélogo se agitava nos vai e vens das vagas espumantes, que se amansavam no cair da tarde.

Por muito tempo eles se satisfaziam em descer a serra na companhia dos tios e acoitarem-se nas casas destes em Caraguatatuba ou Mongaguá, onde não poupavam a alegria do marulhar sempre poético das salgadas águas nos seus momentos de férias escolares ou de descansos anuais do serviço, quase sempre mal remunerado.

O ideal do ser humano, contudo, é fugir das peias do que lhe é dado de favos e, conseqüentemente, no seu próprio hábitat poder, com largueza, desfrutar da bondade divina e que a ninguém pode ser negada.

E eles decidiram um dia que, livres dos favores dos familiares, deveriam ter o seu próprio refúgio numa acolhedora e descansável praia, para refrigério nas suas temporadas de férias.

Para que se não os pensassem iguais aos outros, num meio-termo entre Caraguá e as praias mais ao sul, firmaram seu ponto em Bertiooga e, para uma dimensão um tanto quanto invulgarizada, acertaram com um grupo que vê em tudo uma comunidade global, sem limites de propriedade particularizada, um apossamento de uma área pública, com a conivência da Prefeitura local, à beira-mar plantada e, lá, num exíguo espaço de tempo, se estrelou um núcleo de barracas, com sanitários próprios, confortadas com luz elétrica, de maneira a nada desejar sob o ponto de vista de um acampamento não provisório, porém, a concluir numa permanência que o tempo, concomitantemente, com o gosto do lugar, lhes faria definitivo um dia.

E, a filosofia do “um por todos e todos por um” implantou-se ali como a lei maior e a fraternidade transparente em todas as atividades da grei não poderia ser tão estreita, de forma a despertar inveja a conjuntos condominiais que os mais afortunados, nas redondezas, iam levantando, mas que não gozavam do privilégio divino daquela amizade fraternal, inspirada em pulsares até além do convívio da Terra.

Naquela plêiade de irmãos em Cristo, cujo

pensamento comum transparecia na figura do “eu não posso, mas, nós podemos”, onde todos contribuíam para a geral felicidade dos instantes felizes ali proporcionados, respirava-se o ar da graça extraterrestre que o próprio lugar dava, o conceito de um mundo sem percalços ou dissabores...

Para ali não havia fim de semana que não houvesse o calor de um grupo a alegrar, já nem tanto pelo sussurrar das ondas marinhas, quiçá, pelo calor da amizade que tomou conta do aglomerado, que alguns deles até confienciavam descer a serra pela alegria de um encontro de amigos.

E, assim, o tempo foi passando e, mais e mais, se aperfeiçoando os laços naquele convívio alegre e contagiante, que todos até se conheciam e se respeitavam.

De vez em quando o velho que sempre se mostrara casmurro e rabujento, já se abria em sorrisos e ficava estático a sondar no mistério do mar o próprio mistério de Deus que, tendo feito as coisas todas e não se esquecendo de nada, até determinara que o mundão de águas salgadas que avançava em fúria impetuosa, apenas chegasse até ali e, tornando-se dócil, não ultrapassasse o limite do areal da praia.

Às vezes vaticinava que aquele infinito de águas poderia ser a própria sentença final, que apenas avançava no seu turbilhão, ameaçando a parte sólida da terra para, a qualquer hora, sem menos que se esperasse, cresceria até aos Céus e, de roldão, levasse tudo no seu impetuoso furor, como num novo Dilúvio que viesse castigar os pecados constantes dos homens todos que não se cansam de contrariar as ordens divinas; uma

sentença que, quem sabe, não se executasse à espera de uma prescrição que a misericórdia de Deus sempre oferece às indignidades dos homens, após decorridos os milênios que fora preestabelecida para o seu cumprimento ou na profecia nostradâmica do “mais de mil chegará, mas, não passará de dois mil” que os homens, na sua curta visão das coisas, entendendo de forma equívoca, ainda, não entenderam que o dois mil nostradâmico é o milênio que só estará cumprido na passagem do ano 2999!

Entrementes, aquela paz, até nostálgica, que sempre reinara no seio de Abraão, e que vislumbrara reinar no acampamento da prainha de Bertioiga, estava se tornando rotineira e contrariando o “esprit-de-corps” da vida para a qual o local fora engendrado, e começou a passar por uma transformação quando o espírito da juventude entendeu de dar uma vida mais agitada a contrastar com a serenidade de então, já que as plagas bertioiguenses não foram, naturalmente, feitas pelo Criador do Mundo apenas para serem usadas e tidas como refrigerio para a velhice aposentada, porém, e mais ainda, para gozo e lazer dos velhos e da juventude, enfim...

Foi assim que, aos poucos, sorratamente, a calma foi sendo quebrada pelo vendaval do zunzunar dos jovens que, às vezes, chegava às raias de um vendaval em fúria, quando os mais exaltados se manifestavam nos seus arroubos nas disputas do pebolim, do bilhar e de outros dispositivos de lazer.

A algazarra dos mais novos até que era tolerada pelos idosos que foram chegando à conclusão que ali não era um lugar para descanso e sossego *interna-corporis* dos

seus barracos, que não eram intransponíveis à zoeira dos mais barulhentos e alegres.

Quanto ao velho casmurro, que ia-se acomodando ao bate-fundo da molecada, o barulhar era ainda maior. A sua barraca que, diga-se de passagem, fora feita com maior capricho, até um pouco incrementada para se destacar da semelhança da maioria das outras, fora levantada num simulacro de praça, que deixaram livre para estacionamento da comunidade.

Naquele fim de semana, e mais segunda e terça-feira, havia chegado a data do entrudo e era natural que a moçada alegre não se satisfizesse dentro das barracas, e ficou combinado que na praça do acampamento não se estacionasse nenhum veículo, que lá fariam uma bagunça para celebrar a data e, desde a tarde de sexta-feira, já era grande a zoeira de pandeiros, tamborins e zabumba, enquanto, de uma forma geral fremia o acampamento e, como cada acampado trazia sempre dois ou três convidados, era de se esperar um estouro com a alegria geral.

Naquela data, entretanto, não era época apropriada para descanso do velho e ele, com os filhos, começa a apresentar o seu desconsolo e desconforto com a virada a que a mocidade estava imprimindo ao tão sonhado Shangrilá, que até então era para os velhos o refúgio sereno dos aposentados de bem com a vida.

Na sexta-feira à noite já começara o bate-fundo, e tudo indicava que quem quisesse sossego, que o fosse buscar fora e não ali.

Para melhor animar a *avant-première*, combinaram que, como o Carnaval começava no sábado, na sexta-

feira seria o encerramento do campeonato que disputavam ali, de pebolim e bilhar, e a cervejada, já na tarde, estava rolando solta para a maior animação da turma.

Quanto ao velho casmurro ele já estava perdendo o controle emocional e se dispusera que, no sábado, logo de manhã, ele e a esposa, que era mais complacente e até admirava a animação dos jovens, estariam voltando para a residência deles em Guarulhos, limitando as temporadas da praia a períodos menos atribulados.

Afinal, para eles qualquer época era apropriada, já que ambos aposentados, e não precisavam de feriados ou férias para viajar, e que os outros aproveitassem os dias de folgas como melhor lhes aproovessem.

Entretanto, naquela tarde aportam-se na barraca do velho o seu filho mais novo, apelidado Ratinho pela sua semelhança com um animador de televisão, e mais o João Preto, filho de criação do velho. Desceram a serra de caminhão, já que resolveram levar uma tranqueira, inservível para a casa da cidade, contudo, muito útil para a praia.

O Ratinho e o João Preto disputavam entre si a primazia de qual seria o mais valentão e brigão, de sangue esquentado que, a qualquer esbarrão formam uma briga, que sempre adoram. Quando pararam o caminhão já começaram a encenar com os foliões, que lhes pediram para estacionar o caminhão fora da pracinha, pois lá estava sendo preparada a folia do carnaval que iriam fazer naquele ano.

Mal-humorados e a contragosto atenderam ao pedido, não sem antes perguntarem se era um pedido que faziam ou uma ordem que lhes estavam dando.

Como lhes respondessem que era um pedido, retiraram o caminhão e o estacionaram em uma ruela ao lado.

Corria tudo normalmente, até que à noite começa uma zoeira entre os competidores do pebolim e do bilhar, e o Ratinho já se enfezava com a gritaria, dizendo que por mais que pudessem tolerar a barulheira, depois das vinte e duas horas era fora da lei, estaria transgredindo a lei do silêncio. E ficaram ele e o João Preto a consultar os relógios a toda hora até chegar as vinte e duas horas, dez horas da noite!

Passados dez minutos de tolerância, às 22:10 horas foram com bons modos ao local da jogatina e, educadamente, pediram que cessassem o jogo para não perturbarem os que quisessem repousar.

A molecada não estava para a serenidade pretendida e, para responderem ensaiaram um *hip-hurra* aos reclamantes, dizendo que o seu Renatão, um dos condôminos e, aparentemente, o xerife do local, é quem daria ordens, e não o Ratinho e o João Preto.

Ainda educadamente, dirigiram-se ao seu Renatão e este, brincalhão, respondeu-lhes que ninguém ia à praia para rezar e que agora era tempo de se divertirem, e que o mais correto era participarem com a mocidade da alegria contagiante dos jovens, e entrou para dentro do barraco.

O João Preto olhou agitado para o Ratinho e os dois voltaram ao local da algazarra e carregaram as mesas de pebolim e bilhar e as colocaram junto à porta do barraco do Renatão.

Quando a rapaziada levou as mesas de volta, os dois, alucinados viraram-nas de pernas para o ar, arrebataram

das mãos de dois animadores um tamborim e um zabumba, rasgaram-lhes os couros e os despedaçaram aos pontapés.

A comunidade, revoltada, já se aglomerava, e os dois plantaram-se esperando a reação.

Nesse instante a turma do “deixa disso”, liderada pelo seu Renatão, pediu calma e um dos moradores foi mais além, dizendo que o acontecido não condizia com o espírito do conjunto e que ele ia embora para não passar por mais um vexame desses.

O velho casmurro, então, fez a sua proposta dizendo que também estava magoado e que se lhe quisessem pagar o que gastara no barraco ele com a sua família iriam embora na mesma hora.

Não foi preciso nenhuma outra ponderação, pois na mesma hora o Renatão perguntou a ele quanto queria pelo barraco e, ao que parece, já estavam até combinados. O velho zureta respondeu: “dezoito mil reais!” No mesmo instante os barraqueiros se cotizaram, que já estavam todos ali indignados, e entre-garam ao zureta, não dezoito, porém, vinte mil reais que dois seriam para as despesas com a mudança, e já!

Duas horas depois todos os trecos e tarecos já se achavam amontoados no caminhão do João Preto e, ainda de madrugada, desnecessária qualquer despedida, os despejados iniciavam a subida da serra, engasgados às lágrimas que lhes desciam pelo esôfago e, misturadas ao suor, rorejavam-lhes as faces...

O João Preto ia com o caminhão à frente e, atrás, os dois carros do zureta e dos outros acompanhantes, que com eles haviam descido para o recanto

comunitário a comemorar, num descanso prolongado, os dias do carnaval daquele ano.

No sopé da serra o João Preto e o Ratinho deram uma parada, acompanhados dos dois carros do séquito dos retirantes, e lançaram um derradeiro olhar rumo ao acampamento, para uma despedida, talvez, de saudade àquele recanto onde, por fugazes instantes, conviveram com a felicidade que, como o disse o poeta

“existe sim, mas, onde nós a pomos, e nunca a pomos onde nós estamos.”

Lá na baixada, contrastando com os primeiros albores da madrugada, puderam, ainda, assistir ao incêndio da barraca destruída, última reminiscência de um sonho que terminou em pesadelo... e eles desandaram a rir, desengonçadamente...

...a alegria do palhaço é ver o Circo pegar fogo...

Acadêmico
A. Ibrahim Khouri



S Ó

Estou só...
No semblante um sorriso tristonho,
felicidade tornou-se um sonho
e eu só...

Lá fora, a chuva caindo,
cá dentro, eu resumido a pó.
Só...

Estou só, no meio de tanta gente
você flutuando na mente,
e eu continuo só...

Ah! Eu e a minha liberdade
andamos juntos e sós,
mas, quando um olhar sincero me enche de emoção,
quando no meu peito um novo amor começa a
habitar,
nós nos separamos, é hora de amar.

E enquanto eu fico a esse amor preso,
na pura ingenuidade de colher felicidade,
a liberdade fica lá fora me esperando,
ela sabe que eu nunca saio ileso
e quando eu volto machucado,
quando novamente nós dois nos encontramos
ela fica me escutando:
Que pena! Que pena que tudo tenha acabado.

E aí, vem a saudade,
uma saudade que ameaça,
que me fere, que me deixa sozinho.
Um sentimento, uma vida sem graça,
sendo a causa do meu desalinho.

Tristeza que chega ao auge,
ao desprender-se do meu cativeiro,
flutua no meu pensamento
e absorve meu corpo inteiro.

Sinto, então, uma vontade de nada,
fico alheio aos rumores lá fora,
e vejo a vida despetalada,
nos dias que vão embora.

Por isso, o sorriso no rosto,
como um fraco sol de inverno,
é a maneira diferente que tenho,
de tentar esconder meu inferno.

É... A minha mente vai brincando de presente,
por isso eu pinto esse sorriso aberto
e quando você me pergunta:
– Como você está?
– Eu só respondo, está tudo certo.

Enquanto isso, cá, em minha mente,
trato as feridas que não cicatrizam,
cacos de mim, estilhaços na mente
e comprimidos que me tranquilizam.

Sigo afastado, sigo foragido,
tão pouca paz e muita amargura,
enquanto busco o tempo perdido,
me equilibrando sobre a sepultura,
pinto no rosto um sorriso alegre.
Assim, eu choro a existência dura.

Há neste silêncio um mistério, uma vontade louca de caminhar pelos seus pensamentos, conhecer suas ruas, ganhar suas avenidas, beber amor na sua fonte, atravessar, sem hesitar, a sua ponte e cair no seu Universo...

Ficou...

Quanto amor, de você ficou, comigo,
uma ansiedade, uma retida loucura,
um desejo louco, sem oposição,
um doce olhar, uma figura pura,
que não podia usar o coração:

Ficou em erupção meu pensamento,
você, sequer, cessou de borbulhar,
prende-se sua lembrança, cá dentro do peito, o
desejo de invadir, sempre seu leito,
sonha, velar, lhe possuir, amar.

Tatuei sua imagem na retina,
o tom da sua voz nos meus ouvidos,
o calor da sua pele num abraço,
aquele seu jeito gostoso de menina.

Ficou na lembrança a saudade,
este amor, sem começo, não termina
e permanece, ainda, a vontade,
de beber água nesta fonte cristalina.

Ah! Mas, qualquer dia,
alguma coisa há de quebrar esse silêncio,
hão de terminar, todas as dificuldades,
nós ocuparemos, não sei por quanto tempo,
um só espaço,
nenhum obstáculo irá detê-la,
você ganhará as alturas nos meus braços,
será minha e não a inatingível estrela.

Agora, um raio risca o horizonte – uma chama viva liga o céu à terra. Deixe-me dedilhar os versos no meio do caminho, foram inspirados num ser tão importante, que surgiu no corredor da minha vida – um fecho de luz – como os relâmpagos no Universo. Riscou as sombras do semblante e a solidão, chegou ao fim. Foi como se o sol chegasse de repente e parasse de chover dentro de mim.

Aquela Estrela

Que culpa tive eu, por ser incauto
e agora olho o céu, tentando vê-la,
jamais pensei olhar assim tão alto,
mas, tento encontrá-la numa estrela.

Enquanto eu procuro no espaço,
um vestígio, um sinal, um rastro,
os meus olhos que a buscam, passo a passo,
distráidos, vão, assim, contando astros

E quando lá fora fica escuro,
nuvens cinzentas ou, então, fina garoa,
eu fico a consertar, do meu futuro,
enquanto minha estrela brilha à toa.

É... Mas, este meu jeito de esperar,
não sei o que, nem a quem,
esta ansiedade no ar,
quem eu espero nunca vem.

E eu com tanto pra dizer,
a alguém longe e incerto,
que até as minhas fantasias,
procuram deixá-la perto.

Enquanto vou consertando
sobre o tempo perdido,
grita a carência no peito:
— quero o meu espaço preenchido.

É isto que sempre acontece,
que eu definir, nunca soube,
mas, pode crer que é realmente,
vontade do que não houve.

Quem inventou o destino não escolhido que aceitei covardemente? E agora a vida vai soando como tapa, exteriorizo o que não sinto e a verdade sempre escapa. E o tempo passa e continuam os tapas em forma de imposição: “Não faça isso que é errado! Não faça aquilo que é pecado! Além do mais, o que os outros não vão dizer?” Trago bem na memória os rótulos: certo, errado, pode, não pode, pecado. Todos tentem fazer nossa história e chegamos até aqui sem viver.

Herança

Quando algo aflora à mente,
um fio de esperança vem me aquecer,
a herança coloca-se à frente
tentando até de mim esconder,

os pensamentos que trago guardado,
que os olhos tentam, em vão, ocultar,
porque me ensinaram que tudo é pecado,
mas, até quando, seguirei sem pecar?

se nos valores onde embaraço
os meus instintos, muito embora,
muita coisa, hoje não faço
esperando que chegue a hora

de renunciar o legado aceito:
hábitos, costumes que carrego
e esta mania do ser perfeito
que tanto tem machucado o meu ego

Contudo há um clarão lá adiante, um lume pra espantar os meus fantasmas e meus medos, um sinal que me leva mais distante, onde há alguém para escutar os meus segredos.

Renascer

Estes meus impulsos instintivos,
que em vão eu procuro controlar,
pouco a pouco, vão me delatando,
numa palavra, num gesto, num olhar.

Enquanto eu busco no presente,
ver o passado voando ao léu,
alguma coisa a nível inconsciente,
não me deixa representar o papel.

embora neste tempo passado,
tenha acumulado mil e uma experiências,
eis que explode num vulcão de lembranças,
vencendo toda e qualquer resistência

E os sentimentos que pensei findos,
que só, momentaneamente, perderam o valor,
hoje despertam-me os sentidos,
brotando, novamente, em forma de amor.

É... Mas, a você revelo o que oculto,
há quanto tempo, dia após dia,
eu vivo este puro sentimento,
entre a realidade e a fantasia.

Há quanto tempo no peito guardado,
nesta lareira que inflama, que arde,
meu Deus do céu quanto receio, quanto cuidado,
na esperança de vivê-lo mais tarde.

Tenho aqui no peito guardado,
um segredo, o amor de uma vida,
e se até então, não viveu no passado,
hoje acorda e busca guarida.

Mas, como será o primeiro passo?
E esta vontade louca de olhar e de ver?
Como será o verdadeiro abraço?
Só meu verso revela como vai ser.

Ah... Mas quem me dera se em vez desses meus versos
aparecesse você com seus receios,
e me embriagasse com o vinho dos seus seios
e desnudasse o seu imenso Universo

Agora estou só em frente ao espelho
e quem me dera surgisse você tão atrevida,
como alguém que faz com paz a vida,
com seus lábios úmidos e vermelhos,

Porém, só a imaginação se faz presente
e como a natureza por si só revela Deus,
tudo o que há no meu sentimento,
meus olhos vão revelando aos seus.

Ele chega, ninguém explica ao certo, de onde veio, como chegou, porém, nunca surge de uma forma qualquer, sempre estará presente na fortaleza da fragilidade num rosto de mulher. Não se sabe como começa e ninguém prevê como termina. Surge espontaneamente pela misteriosa mão do destino e nos faz viver as grandes loucuras o encanto de momento a sós e, após tão sublime descoberta, ela assustada com o barulho lá fora, fará uma única pergunta: meu Deus do céu!...

E Agora...

E agora? E agora que passei noite afora,
vivendo um doce momento,
vendo astros e estrelas, sendo por ela tragada,
sem ter ânimo de vencê-la?

Meu Deus do céu! E agora?
Que fazer com os meus valores?
Tão aqui junto, bem perto,
fazendo tanto barulho,
me enchendo de receio,
me abatendo em céu aberto...

E agora, que volto pra casa marcada,
pelo sereno da noite, pela poeira do vento,
tendo como companhia,
o encanto e o arrependimento?

E agora, esses meus pensamentos
e as suas visitas incertas,
e esta doce lembrança,
da sua mão que me apalpa,
da minha mão que lhe aperta?

E agora, que conheço o meu espaço,
que passei noite afora,
que sinto medo e saudade,
bem antes de ir embora?

Há, amor! E agora que eu conheço o meu corpo,
que me entrego, não me oponho,
sabe... eu gostei da realidade,
muito mais do que do sonho.

E agora amor! E agora...

Assusta-me o momento futuro, mas tenho que viver o presente, sem deixar que o momento não vivido, este que tenta fixar-se na memória, tome conta do meu pensamento, tentando mudar minha história.

O Aqui, o Agora

Sou um pássaro livre no espaço,
não busco a sorte de um amanhã sequer,
sem direção, não busco o norte,
no Universo eu sou ponto qualquer.

Em cada dia, uma nova surpresa,
mil idéias boas, juntam-se às vãs,
vivo, somente o aqui, o agora
não me importa a certeza do amanhã.

Só o aqui, o momento presente,
este que o meu coração vive agora,
creia! É único, além da emoção,
que enriquece a minha história.

... A chuva continua, bate insistentemente na vidraça, molha a calçada, as árvores, a rua. Tudo é melancolia, este viver que despercebido passa, as coisas se repetindo, tornando tudo sem graça. Há um temporal também no pensamento, o desânimo é bem mais forte que a vida, hoje vazia, sem horizonte, sem norte. Um caminho que me leva a nada, um fim de história, um abandono, uma espera de morte...

Angústia

Alguma coisa, não sei o que, me acontece.
Sabe! Longe de pensar que faço manha,
mas tudo o que buscava, já não busco,
está acontecendo a mim coisa estranha.

Já não me importa os troféus de tanta luta,
sei, não alcanço mais novo horizonte,
sinto o veio que habita minha gruta,
sem água que alimente minha fonte.

E embora, a tempo, eu sigo ensaiando,
um sorriso pra iluminar a minha face
e fingir que tudo corre bem,

só aos outros eu passo esse recado,
quanto a mim, sigo aqui, bem esquecido,
como se tudo estivesse acabado.

Vamos olhar o mundo lá fora, seguir o caminho não percorrido, entre a guerra e a paz, entre o sorriso e o pranto, você me acompanhará por onde eu for, mostrar-lhe-ei o inferno e o paraíso que habitam o meu interior. Venha! Vamos procurar a pedra preciosa, o mundo encantado tão bem escondido dos seres "civilizados"...

Primavera

Quero sonhar mil sonhos coloridos,
há nos pensamentos mil pétalas multicores,
existe alguma coisa, cá, dentro do peito,
se abrindo como se desabrochasse em flores,

mas que pena! O verde deixou de ser tão verde,
talvez porque vivemos nova era,
só algumas folhas e pétalas desbotadas,
dizem-me que chegou a primavera.

Ah, está tão desfalcada a estação das borboletas,
que eu não saberia, não fosse o calendário,
cujas fotos são de um passado sem poluição.

Hoje, nós vivemos a era das provetas,
flores e crianças de laboratório.
O que será da nova geração?...

(Poema inspirado nas telas da artista plástica, Angela Monfardini)

Chora, chora o mundo, porque no fundo as pessoas são como areia movediça, um pantanal inacessível em forma de oásis, cuja calma superficial e a beleza aparente escondem o veneno mortal, como os dentes da serpente.

Chora o dia numa manhã chuvosa e fria. O balconista serve-me um café, várias pessoas tomam lanches bem reforçados, outros compram pão, leite, queijo, presunto, manteiga, é um entra e sai constante de pessoas bem arrumadas, mas de repente entram no café dois garotos magros, descalços, rasgados, sujos, reviram o cesto de lixo e retiram pedaços de lanches, repartindo entre si e começam a comer. O gerente sai do balcão e grita — Fora! Vai, vai, vão embora. Os garotos jogam o cesto e o lixo cai pelo chão e o gerente sai em perseguição gritando: — Fora daqui, seus trombadinhas.

Os garotos fazendo malabarismos entre os carros ganham o outro lado. O café esfriou e eu fiquei olhando a rua engolindo aqueles dois garotos sob a garoa fria a procura do que comer...

Surpresas

Surpreende-me o frio da manhã,
o sol brilhando sacana,
surpreendeu-me a chuva miúda
e o temporal da semana.

Surpreendeu-me também a Mary,
outrora simples Maria,
não só o tempo muda,
hoje, até a pessoa varia.

Surpresas – tudo vai mal –
e ninguém para fazer um protesto,
é comum ver-se nas ruas,
as crianças comendo resto

e a gente que é “normal”,
que não chegamos à loucura,
estamos nos petrificando,
somos anormais em miniatura.

... Mas o mundo está cego e não adianta falar para ouvidos onde não aporta o murmúrio, que não ouve o sopro do vento. O mundo está cheio de homens de olhos grandes, vivos, enigmáticos, olhos de quem não dorme, olhos de loucos, de fanáticos. Fera sempre pronta ao ataque, que não hesitam diante de um corpo, gostam de vê-lo eliminado num baque.

... Mas, cuidado! Há um sentinela sempre atento, são modestos guardiões da sociedade, não se intimidam, são atuantes, ousados, não codificam, dilatam o fato social em profundidade.

Alerta

Como podem, nestes tempos difíceis,
mundo faminto de comida e ternura,
ameaçados pela linguagem dos mísseis,
sobreviverem essas estranhas criaturas?

Estão feridos e mutilados,
trazem a chaga que não se regenera,
gritam no presente, como no passado,
e ninguém consegue calar essas feras.

Cuidado! Andam às soltas pelo mundo,
não se entregam, embora estejam cercados,
estão armados de versos e poesias,
contra o nosso mundo robotizado.

...E aí quebra o silêncio, um suspiro que não conseguiu ficar preso no peito, molhou a face e com emoção começou a conversar com a solidão. Em vão, tentei pensar em nada, fazer segredo, não deixar ouvir meu coração. Não teve jeito... Quebrou o silêncio, um suspiro que não conseguiu ficar preso, foi um grito, um gemido à felicidade que se foi. Veio o suspiro cheio de ardor e as lágrimas molharam a face e sem parar, começaram a falar do nosso antigo amor...

Nós

Há um Universo a nossa volta,
nos surpreendendo a cada instante,
ontem, agora, amanhã, depois...
há muito o que aprender
sobre a relação de vida a dois.

É... Há um Universo a nossa volta,
uma procura constante,
um ceder, um dominar a cada momento,
nesta existência linda,
que termina, inevitavelmente, em pó.

Sabe, há mil coisas nos separando
e outras mil tentando evitar,
eu só... Você só...

Que pena! Você decide parar no meio do caminho, sem angústia, sem desânimo ou melancolia. Simplesmente, você parou sem se preocupar com o amanhã ou com as lutas do dia a dia. Quis fazê-lo levantar, esforço inútil o meu, você parou, não quis continuar. Partiu sem endereço e sei que não voltará desta viagem, não leu mais meus pobres versos, nem sequer mandou-me uma mensagem.

Despedida

Um olhar segue sério,
segue à noite a lua,
olhar triste, olhar funério
a dor da ferida crua.

Saiu bem cedo do palco,
sem força, sem fé, sem ação,
e eu perambulo na rua,
atrás da razão da extinção.

Do ser que se perdeu no espaço,
entre lutas, entre preces,
há nos meus olhos cansaço...
Será que amanhã amanhece?

Chorem, chorem bastante,
pensamentos pela rua,
só astros, folhas e vento
e a dor da ferida crua.

...E num abraço, num interminável beijo, cheio de amor e de desejo, iremos, silenciosamente, nos contemplar. Uma forma diferente de amar. Minhas mãos percorreram a maciez do seu corpo, outrora um campo minado, que apaixonado e louco, comecei, pouco a pouco, a percorrer sem cuidado. Há! Com é boba esta minha inocência, pensar em tê-la nos meus braços sem nenhuma resistência.

Fio de Esperança

Deixe-me correr atrás do sonho,
antes que ele cresça e não se torne realidade
ou que morra sem que a musa o conheça,
ou que alguém me acorde por maldade.

Quero viver, mais uma vez, o feliz sonho
e deixar, mais uma vez, a solidão,
posso até voltar abatido e tristonho,
porém, nada que tentamos é em vão

E se agora surge um fio de esperança,
em forma de amor, é o que importa
e eu que pensei tê-lo no peito, frio e morto,
sinto-o vivo como a luz da estrela morta.

JONNY DOIN – IN MEMORIAM
Despertou no universo em forma de diamante...
(A. Ibrahim Khouri)

Nós Dois

Se estás perto de mim tudo me agrada:
– um sentimento bom de segurança,
faz com que a vida seja alegre e mansa,
transbordando de amor nossa jornada.

Se estás longe de mim tudo me cansa:
– não tenho paz nem sinto gosto em nada,
pois sofre o coração longe da amada
num misto de saudade e de esperança.

Que aventura completa não exista
no ermo castelo de um prazer egoísta
ninguém pode negar – porque é verdade.

Almas gêmeas que o amor uniu e eleva,
São dois archotes removendo a treva
Para o banquete da felicidade.

A Voz do Povo

Não queiras de modo algum
atirar pedras a esmo,
pois bem sabes – cada um
julga os outros por si mesmo...

Splício

Na angústia do ostracismo
desesperado eu cismo
olhando para o abismo...

Paixão

Todos dizem, pois é fato,
que a paixão mata e não vê.
de amor aos poucos me mato
e cego estou por você.

Esta Quadrinha

Esta quadrinha é inodora
– não tem nome e nem cor,
mas tem o brilho que mora
nos olhos do meu amor.

SILVIO OURIQUE FRAGOSO – *in memoriam*

Chuva

A chuva escorre lenta na vidraça.
Rola o trovão, correndo o firmamento.
Teu nome eu julgo ouvir na voz do vento,
chorando esta saudade que me abraça.

A natureza, triste, está sem graça
e qual se me entendesse o sofrimento,
irmana o seu chorar ao meu lamento
no gotejar da chuva que não passa.

Se eu te pudesse ter de mim mais perto,
a dor que hoje me dói então por certo
nas águas da enxurrada fugiria.

E estando já bem longe esta tristeza,
viria em tom de festa a natureza
na luz de um novo sol dizer – bom dia!

Controversia

Que bom se esta saudade fosse embora
deixando de ferir tanto o meu peito!
nunca pensei magoasse desse jeito,
a dor da ausência, como dói agora.

Não sabes o que é estar hora após hora,
acabrunhado, triste, contrafeito,
sem nem ao menos conseguir direito
fugir do sono ao mal que me devora.

Como vai longe o dia em que partiste!
fico cismando se ainda acaso existe
a chance de voltares, mas em vão,

Pois ao pensar se voltas para mim,
o peito, esperançoso, diz que sim
e o relógio, teimando, diz que não.

Acadêmica
Isabel Borazanian



O Quadro Pendurado na Parede

Duas forças, dois lados
não formam o esquadro
do quadro pendurado na parede

A sede do afago
está além do quadrado
do quadro pendurado na parede

Passamos no tempo
o tempo virou passado
no quadro pendurado na parede

Viramos o tempo
somos donos do esquadro
do quadro pendurado na parede

Um mundo redondo
um registro quadrado
no quadro pendurado na parede

Emoções infinitas... momentos tão largos...
ficaram abraçados
no quadro pendurado na parede

Olhares

Busco nos olhares da vida
os olhares que a vida tem
Busco a vida nos olhares
a vida que os olhares tem

Olho pra vida e percebo
percebo a vida no olhar
E cada vez eu percebo
um mistério a desvendar

É que os olhares revelam
O que a alma conduz
Às vezes revelam trevas
Às vezes revelam luz

Universo

Uni o verso e percebi o Universo
Nas suaves nuanças que o tempo revela
Inspirada na tela do azul infinito
Viajei na aquarela de um céu tão bonito
E na dualidade entre o instinto e a razão
Restou em meu peito somente emoção
Sentimentos tão mágicos minh'alma sentiu
Olhava pro céu quando a noite surgiu

Beijo

Um segundo
Um beijo
Meu mundo

Um momento
Um beijo
Meu desejo

Meu mundo
Um desejo
Seu beijo

Meu desejo
Seu mundo
Num beijo

Encontro

O Amor ampara meus sentidos
Traduzindo com magia
o aconchego e o bem-querer

A Arte ampara minhas cores
Traduzindo em verdades
a minha essência de ser

Na liberdade sincera
onde o encontro é real
A Arte encontra o Amor
O Amor encontra a Arte
E não existe final...

Reflexão

Querer traduzir o Universo
Baseado só na razão
É negar que somos essência
É não ouvir o coração

O Sapo

O sapo dormia na lagoa
Quando o menino chegou
O sapo levou um susto
E o menino se assustou

Quatro olhos arregalados
Duas bocas bem abertas
Cada qual gritou de um jeito
Que assustou toda a floresta

Abraços de Luz

Pra mim as estrelas são anjos
Que brilham à noite no céu
Embalam o sonho criança
São luzes, são esperanças
Pra vida que corre ao léu

E num momento singelo
Que minh'alma traduz
Sinto os anjos tão perto
Eles me abraçam em luz

Amigos

Quando o tempo passado
foi lembrado de repente
O sentimento saudade
fez morada no presente

E as ricas emoções vividas
bálsamo constante pro coração
Na memória fez guarida
que aqueceu meu coração

Ah! Que o doce viver revele
em minha face o que vivi
Ah! Que o amor sempre impere
no futuro que há de vir

E nas andanças do tempo
Da vida, muitos amigos recebi
Trago na alma doces momentos
Valeu a pena existir.

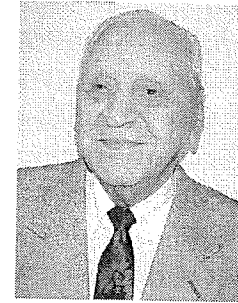
Bailado

Folhas suaves
dançam ao vento
Criando um bailado
que eu nunca vi

Parece que os anjos
coordenam os passos
Das folhas que dançam
um lindo compasso

Que bela harmonia
Que rara beleza
Suave bailado
Da mãe natureza

Acadêmico João Ranali



O Xará

Viviam ao deus-dará. Perambulando pelo mundo sem pouso certo nem esperança de tê-lo. Encontravam alento para os seus tristes dias, na caridade pública. Alimentavam-se das pitanças estendidas por mãos piedosas que se confrangiam com a presença daquele casal, sem estribos nem montaria que carregava, ora no colo da mãe ora no do pai, uma criança linda como se fora um anjo. Carinha resplendendo um eterno sorriso, cabelos encaracolados, inocência distanciada das maldades do mundo. Quando o casal se acercava para pedir telheiro ou comida, os solicitados dirigiam os seus olhares, não para os pais pedintes, mas para a criança que lhes fazia companhia. E pela criança e não

pelos pais, a côdea de pão sempre era arranjada, bem como o repouso em alguma edícula desprezada onde abrigavam os corpos martirizados pelo cansaço. Paupérrimos eram, sem dúvida. Mal possuíam os andrajos que lhes cobriam as carnes desprovidas de gorduras, dada a deficiência da alimentação que conseguiam. Mas, ao lado dessa miserabilidade, tinham a riqueza do filho que amavam com intenso apego. Para ele todos os desvelos. No inverno, despojavam-se das poucas roupas para cobrirem o menino, fortuna das suas almas, enlevo dos seus corações. Davam-lhe o melhor que o sobejo da mesa dos ricos lhes atirava; vestiam-no com o que de menos remendado e puído arrebanhavam aqui e ali. Podia faltar-lhes tudo, menos esse carinho pelo garotinho, bênção maior das suas vidas.

Eis que chega o Natal.

Frio de mumificar os desprovidos de agasalhos nos países de rigoroso inverno, calor asfixiante nas terras tropicais. E o casal, sem estrela-guia para apontar-lhes o caminho, suando por todos os poros dos corpos esqueléticos, andando ao léu, foi bater, no dia consagrado à natividade, num povoado decadente. A maioria das casas feitas de taipa de sopapo com cobertura de palmas de buriti. Galinhas ciscavam pelas ruas estreitas e tortuosas; porcos fuçando à procura de raízes para saciar a fome. Nos quintais e nos roçados, raquíticas espigas de milho atestavam a pobreza da terra.

Uma ermida, à garupa de um outeiro, estava aberta. Alguns fiéis aprestavam os preparativos da missa de

logo mais. Obter socorro de quem, se a vilota era tão carente, como necessitados de tudo eram os mulambentos recém-chegados. Atreveram-se a entrar. O sacristão, atarefado em enfeitar o altar, enxotou-os. Ah! Se o padre Cirilo, de grande formação humanitária e coração perfeitamente adaptado à sagrada missão sacerdotal, soubesse desse ímpio procedimento. Por certo, o sacristão iria receber um sermão de derrubar o topete do desalmado. Onde se viu, na véspera do Natal, tratar com tanta crueza aqueles coitados, contrariando os ensinamentos de Jesus, voltados para os excluídos. Sorte do sacristão de estar o vigário na casa paroquial, a preparar a homilia que diria, logo mais, no púlpito da modesta capela. Palavras, com toda certeza, contrastantes com a atitude do seu afoito auxiliar. Carregando o desapontamento daquela rejeição, o casal chegou a uma casa de razoável aspecto. Ousaram solicitar acolhida por uma noite. Atendidos por uma mulher que circunscrevia a sua obesidade num vestido ramado e com folga bastante para facilitar-lhe os movimentos, o chefe da família indagou, em tom de súplica:

– A senhora, pelo amor de Deus, tem um lugarzinho de favor para abrigar a gente? Tamo de passagem e manhanzinha vamo simbora.

Olhando para o menino que exibia um sorriso angelical, a resposta, num correspondente de amigável propósito, não podia ser outra:

– Meceis vão lá pro fundo do quintá. Bem ao lado do galinheiro tem um celeiro. Meceis se deem na páia que há por lá e durmam com Deus.

A noite, límpida e estrelada, abafava. Revolteavam as mariposas em torno dos poucos lampiões de querosene, precária iluminação do vilarejo. De alguns casebres partiam, para quebrar a monotonia da noite silente, toques de tambores, apitos e estridentes gargalhadas, coisas de gente simples e folgazã, adequadas à data prestes a ser comemorada. Acomodados no paiol, a mãe, apertando no peito o corpinho do menino, contava-lhe, com singeleza dos humildes, as peripécias do nascimento do Filho de Deus.

– Num lugá, dizia ela, tar e quar como este em que nós estemo. Também de favô, se recolhero, José e Maria, pouco antes do santo fio deles nascê. Só qui pranóis farta o burrinho e a vaquinha, como si vê nos presépios.

Estafada como estava, começou a cochilar, a fez interromper a narrativa. E o casal, estafado pela canseira do dia, logo adormeceu. Mas, o menino, matutando sobre a história que a mãe lhe contava, abruptamente interrompida, não conseguia conciliar o sono. Direcionado pela inocência e não sabendo dos obstáculos que tornam perigosos os caminhos, como que impelido por uma força estranha, deixou o celeiro onde os pais ressonavam a bom rressonar, e pôs-se a andar a esmo. Passou por gente modestamente vestida que, ruidosamente, dirigia-se à capela. Magotes de roceiros apressavam os passos para a Missa do Galo. De vez em quando era saudado por um bêbado que, de borracho às pampas, mal conseguia emitir palavras audíveis. Não se receava de nada que ia encontrando pelo caminho, e não se amedrontava diante da figuração fantasmagórica

formada pelo arvoredado farfalhante. Nem o piar agourento de algum curiango vadio assustava-o.

Como que, num abrir de cortinas, viu uma clareira destacar-se numa sobra de mata nativa, não muito distante da estrada. Um repuxo inesperado conduziu seus passos para aquele deslumbrante espetáculo de luz. Achevou-se. E viu, sentando no tronco de uma árvore recém-caída, um homem de longa túnica branca, envolto numa auréola beatífica. Nada receou. Foi avançando rumo à aparição. Já perto da imagem que o atraía, percebeu que o homem fazia-lhe sinais para que se aproximasse. O menino, num desembaraço comovedor e inusitado para a sua idade, sem temor, foi chegando. Acedeu ao convite do iluminado, que levantou-se para abraçá-lo. Tomou-o pelas mãos e sentou-o em seus joelhos. Os cabelos longos e negros chegavam-lhe aos ombros, sombreando-lhe o semblante amigo e acolhedor. Seu falar era um embalo de amor, de fácil alcance para uma criança. Com doçura indagou:

– Como você se chama?

– Jesus, respondeu o menino sem titubear.

– Que bom. Então somos xarás. Eu também me chamo Jesus.

O menino sorriu e abraçou aquele homem, para ele, há pouco, um desconhecido, que logo se fez amigo. Encorajado, o menino destramelou a língua. Aquele homem era diferente de todos os outros que conhecera até então, invariavelmente ríspidos, ao escorraçarem os pais quando lhes pediam comida e abrigo.

– Sabe, xará, posso chamá-lo assim?

– Claro, respondeu de pronto o Jesus homem ao Jesus menino.

E o garoto começou a contar tudo o que o Jesus homem já sabia de sobra, e fingia ignorar os pormenores que o menino detalhava com desenvoltura: que os pais não tinham posses, nem um cantinho de seu para acomodar a família; que andavam a perambular pelo mundo; mas que, apesar de tudo, eram bondosos para com ele; deixavam, às vezes, de comer o pouco que almas generosas lhes davam, para que ele não passasse fome; quando o frio era rigoroso, desgarravam-se das suas poucas roupas, mais farrapos do que roupas, para aquecê-lo.

– São muito bons, sabe, xará? Só que não têm sorte. Não arranjam serviço em nenhum lugar. E sabe? Vontade para o trabalho, até que rude seja, eles têm de sobra. Mas, cadê a terra?

Para cortar a conversa do Jesus menino que começava a alongar-se, o Jesus homem retomou a palavra.

– Escuta aqui, meu menino, você pode ser de grande ajuda para os seus pais. Você gosta muito deles, pois não?

– Gosto e muito – retrucou o Jesus menino.

– Então escuta bem o que vou lhe dizer. E faça tudo direitinho para as coisas darem certo.

– Tá bom, pode falar.

– Metendo os cotovelos nos joelhos, levou ambas as mãos ao rosto para não perder uma só palavra que dizia o homem iluminado.

– Você vai dizer aos seus pais que, daqui a alguns

quilômetros desta estrada, a cujas margens estamos sentados, existe um convento.

– O que é convento, xará?

– É uma grande casa onde alguns homens solitários, que todo mundo chama de frades, dedicam-se ao serviço de Deus. Lá eles rezam e cultivam os campos para suprirem as necessidades do convento. Os frades irão recebe-los. Mas, não deixe os seus pais falarem. Converse você mesmo com eles. Diga-lhes que um homem chamado Jesus, mandou você, que também é Jesus dizer que os seus pais gostariam de ter um chão para plantar e um casolo para morar. Nada mais do que isso.

– E eles vão atender a gente?

– Transmita-lhes as minhas palavras e tudo dará certo. Depois de haver assim falado, o homem que encontrou envolto numa auréola fulgurante, levantou-se, acarinhou o Jesus menino e desapareceu na escuridão.

Só então é que o garoto deu-se conta do quanto se afastara do celeiro, onde não conseguira conciliar o sono. Urgia voltar para que os pais, ao acordarem, já que a madrugada não tardaria, não temessem pela sorte do filho. Resoluto, encheu-se de coragem. Meteu-se a caminhar. O caminho a percorrer, que lhe parecia tão distante, começou a encurtar à medida que andava. Reconheceu, em breve, a casa que os acolhera. Foi ao celeiro. Os pais ainda dormiam. Deitou-se, rememorando a façanha que vivera, e dormiu pesadamente, até ser despertado por uma sacudidela. Era a sua carinhosa mãe que o chamava.

– Vamo, fio, precisamos ir embora. Aproveitemo a boa vontade da dona da casa que vai dá inté um café pra gente. Precisamo aproveitá, porque num é sempre qui se encontra gente de bom coração.

– Ergueu-se. Esfregou os olhos. Fez uma carinha de quem punha em dúvida o que lhe acontecera durante a noite e começou a matutar: será que eu sonhei? Que saí à toa do celeiro e dei com aquele homem bondoso que me disse que era meu xará e mandou que eu procurasse um convento que fica na beira da estrada? Ou é verdade isso que eu vivi e senti? Despertou do seu cismar quando ouviu o pai determinar:

– Vamo vortá di donde nois viemo. Num dianta tá batendo perna por aí.

– Não sinhô –levantou-se a voz do Jesus menino.
– Nois vamo in frente, porque nunca se deve de vortá pra donde a gente foi infeliz. O negócio é i in frente.

A disposição do garoto espantou o pai:

– Uai! Ele nunca foi de dá parpíte, e agora tá querendo dá orde pra gente.

Pelo sim pelo não, ele que sempre caminhara em vão, deu uma olhada de esquelha para a mulher, como que em busca de um conselho.

– Quem sabe, né? –sussurrou ela ao ouvido do marido. E vamo segui o rumo que ele tá sugerindo.

E partiram. Fresca a madrugada. Assanhada com o nascer do sol, a passurada abrilhantava o espetáculo da natureza, com suaves gorjeios na demanda de frutinhas silvestres que pendiam das árvores que margeavam o caminho. O andar já extenuava quando vislumbraram,

na grimpa da montanha, um austero casarão de pedra, cercado de vistosa plantação. Chegaram. Ofegantes, por íngreme a estrada que conduzia à sóbria edificação. De perto, parecia mais um castelo, com dois pavimentos, larga portada e janelões a demonstrarem severidade. Os forasteiros viram-se à frente de um portal de grandiosas proporções, com detalhes de esmerado acabamento. Na parte dianteira da pesada peça, uma aldrava destinada a chamar os habitantes do casarão. Bateram com firmeza. Demora pouca, abriu-a um frade jovial, rosto avermelhado e ventre denotando uma precoce protuberância. Deixou-os entrar.

– Louvado seja Deus. A que vêem os senhores?

E o Jesus menino, lembrando-se da recomendação do xará, sem titubear, soltou a fala:

– Posso falar sozinho com o senhor?

– Como queira, – respondeu o frade. E levou-o para uma sala contígua à da recepção, onde os pais ficaram à espera. Uma grande árvore de Natal enfeitava o cômodo, adequada à simplicidade monacal. Sem cerimônia, o Jesus menino foi logo desembuchando. Contou o seu encontro com o Jesus, seu homônimo. Estava ele iluminado como se todas as estrelas do céu tivessem se juntado para dar-lhe aquele fulgor. transmitiu o recado que lhe fora recomendado.

– Sabe, seu frade, eu não sei se sonhei ou se isso tudo é verdade.

O bondoso religioso que por sinal era o superior da Irmandade, afagando os cabelos do Jesus menino, soltou uma cautelosa gargalhada e disse:

– É tudo verdade, meu menino. O convento está precisando de gente como vocês. Não mais precisarão bater pernas por este mundo cheio de desigualdades e injustiças.

Apanhou o menino pelas mãos e conduziu-o até uma janela que dava para um campo cultivado na parte posterior do convento e, apontando para uma casota, envolta na mansidão do arvoredo, ordenou que a ocupassem de imediato.

– Amanhã, porque hoje à noite comemoraremos o nascimento de Jesus Cristo, o teu xará, determinaremos qual o trabalho de vocês no convento. – Sem mais o que dizer, encaminhou-os para o lar que acabavam de ganhar.

Retornando para o interior da casa dos religiosos, o frade superior, certo que fora o Jesus da Cristandade quem aconselhara e guiara os passos do seu pequenino xará, ameigou com as mãos o Crucifixo que pendia de um rosário de grossas contas que trazia preso ao hábito, persignou-se como que unguido por um sopro divino e exclamou, lábios a tremerem:

– Senhor, seja feita a Vossa vontade.

A Última do Totó

Quando a noite cai numa modorrenta magia de paz, floresce nas almas sonhadoras a sensação de que Deus desce do trono gerenciador do universo para exercer a modesta função de acendedor de lâmpadas. Percorre o espaço sideral fazendo, de asteróides, fachos luminosos, incandescendo-os em forma de estrelas. E, com a mesma presteza e diligência, quando a noite se vai, levando consigo os suspiros dos amantes envoltos em luxúria e os lamentos dos que padecem fome, arranchados em terrenos periféricos, abre a cortina do dia para que os rútilos raios de sol arribem à terra para aquecê-la e fertilizá-la. Labores pacientes e caridosos para que os homens, mergulhados em luz, encontrem horizontes escancarados, para jornadas sem cambadelas. Mas, longe dos ocupantes do planeta Terra receberem como bênção legitimada pelo poder divino e não como simples mercê, esse aconselhamento anímico para que se afastem das tentações que conduzem ao amargor da desonra.

Preferem a deriva que desapruma a solidariedade para com o próximo, num refugo pelo que foi ensinado por sábios, profetas e puros de coração, numa repelência aos apelos à prática da caridade. Numa indiferença ao amparo dos que sofrem no abandono. Numa escamoteação que finge não ver ao seu redor, os arredados das delícias da abundância. Encafiar que deslustra a inteligência com que o homem foi dotado como privilégio único da criação. Preferem a chafurda em barreigues e ladroagens, à missão de instituir um

mundo justo e menos preconceituoso. Sobrepõem o egoísmo às veras que mandam o bem fazer.

Reboam por campos, montanhas, praias e desertos os gritos dos excluídos do direito de um viver digno, sem encontrarem ouvidos que acolham essas indagações para uma resposta resolutiva: por que tantos, atentos à divisa bíblica – ganharás o teu pão com o suor do teu rosto – ao procurarem trabalho rentável, vêm as portas fecharem-se? por que os desejosos de abrigar os seus amores e os corpos esmigalhados pelo infortúnio, não conseguem sequer um casinholo, mesmo que erguido ao desconforto? Por que garotos em plena formação, apinham-se nos becos sórdidos marcados pela dissolução dos costumes, para a pilhagem e perversões insólitas? Por que gurias, no viço do crescimento, entregam os corpos à sanha dos sádicos rebuscadores de prazeres descompromissados e pecaminosos?

Nesse encadeamento de porquês não haveria espaço para tantos extravios se os governantes que andam mais de olho nas urnas do que nas obrigações que juraram cumprir, procurassem eliminá-los com procedimentos positivos, numa chegança ao salutar encaminhamento de ações afirmativas. Só assim não teríamos drogados para tratar, traficantes para combater, desempregados para adequar às atividades compatíveis com as suas forças e conhecimentos, ladrões e homicidas para meter atrás das grades, meretrizes na flor dos anos a convidarem para comportamentos desregrados e, tampouco pouco, desabrigados para que não vivam ao léu, invadindo alheias propriedades.

Pois, foi nesse torvelinho de perguntas sem respostas que o Totó veio ao mundo. Menino nascido num

telheiro lindeiro a um riacho, ninho predileto de miasmas transmissores de toda sorte de enfermidades, onde os pais viviam, emborcados em bebedeiras, numa vadiagem sem fim. Da infância à adolescência, a sua vida foi um rosário de maldades. Menino que só sobreviveu porque estava predestinado a um eito de sofrimentos sem paradeiro. Sem pão para comer e com o corpinho crivado de pancadas que lhe desabavam no lombo, pelas mãos cruéis do pai, quando as esmolos recolhidas eram poucas para a satisfação das esbórnias paternas. Maldades que nunca contaram com a aprovação materna. Sempre que possível, a coitada e submissa mulher do malandro evitava a judiaria. E quando o marido, implacável surrador, se afastava, recolhia ela as lágrimas do Totó, enxugando-as nas dobras do vestido quase sempre sujo e malcheiroso. Do pai tinha ódio pela truculência com que o tratava, da mãe piedade pela vida que era obrigada a suportar. Nesse emaranhado de desditas, caminhou lépido para a criminalidade. Meteu-se numa súcia de gatunos. Conheceu os malefícios da perversão sexual, estuprando garotas de rua como ele, transformando-as em prematuras mães solteiras. Seviciou gente que seqüestrava. Serviu de esparros a malandros calejados que, para escapar dos rigores da lei, acoitavam-se na impunidade do menor, que era ele, o pobre Totó. Chegou ao ápice da perversidade. Cansado de dividir o bolo da ladroagem porque, nas partilhas do surrupiado, os chefões levavam quase tudo, para ele restando apenas migalhas. Já se considerava um curtido agente do mal, capaz de agir por conta própria. Passou a assaltar a mão armada. Matava impiedosamente. Deliciava-se com o sofrimento dos que torturava. Nenhum vislumbre de

decência ou piedade resplandecia naquela alma modelada para o mal. Contender com ele para que seguisse o bom caminho, era perda de tempo.

Com a ausência do filho, que esmolava para suprir as necessidades da casa, o pai, despido de pudor, e por ser um vagabundo habitual, obrigou a mulher a prostituir-se. Na falta das moedas que o Totó pedinchava, que viessem elas da devassidão da pobre mãe, que obedecia o marido na base da pancadaria. Embora lhe repugnasse o meretrício, a ele entregava-se para não ser massacrada a pauladas. Nesse mister nefando, gastara o pouco que da sua mocidade restara, pelas ruas escuras das zonas suburbanas da metrópole. Ainda restara-lhe uma talisca de decência. Vendia o corpo, mas fazia questão de mostrar-se pouco. Andava sempre por ruas escuras e silentes.

Em conluio com velho companheiro de anteriores atrocidades, Totó ajustou o assalto a uma fábrica. Tudo lhes era propício: o local sem iluminação, uma perua furtada para servir de transporte para a mercadoria larapiada e, por ser material de fácil venda, já contavam com um receptor certo a quem entregá-lo. Costeando um muro, perceberam que um vulto se aproximava. Viram que era uma mulher. Logo a perversão tomou conta dos dois patifes.

– Vamos bimbar a vadia, – convidou o Totó.

– Topo, – respondeu o comparsa.

E quando a pobre mulher menos esperava, sobre ela saltaram os dois homens. Dominada e estirada no chão, o Totó foi o primeiro a possuí-la. Quando, na seqüência, o companheiro tentou cevar seus instintos

sádicos no corpo da pobre mulher, esta, num assomo de revolta, resistiu. Debatia-se ferozmente para escapular das garras do segundo aproveitador do seu corpo ofegante e indefeso. Totó, pensamento preso ao projetado assalto à fábrica, sacou do revólver, pediu ao companheiro que se afastasse da mulher e crivou-a de balas. Numa voz firme mas com denotações de tremura, determinou ao comparsa:

– Acende a lanterna e mete ela em cima da putona, pra gente vê a cara da fera.

Assim que o facho de luz espalhou-se pelo rosto da vítima, um grito angustioso reboou no silêncio da noite: – Manhê, ó manhê.

O Totó havia ultrapassado o limite da sua nefanda vida criminosa.

Meteu o revólver na cabeça, puxou o gatilho e caiu pesadamente sobre o corpo da mãe.

Acadêmico

José Alaercio Zamuner

Camaleão – Poemas

Lord knows I'm a Voodoo Chile, baby.

Jimi Hendrix

A Criação das Coisas

O criador,
Lá do alto,
Acima dos cimos,
Criou, peça por peça,
O mundo...
Soprou eikon:
A roda espiral,
Em universo
Veio a funcionar,
Funcionar...
... funcional!...

(Sob olhos de Lúcifer, o tal!...)

Aí, zangado em dobro,
Tre-cima dos cimos,
Pestanas em chamas (ferventes):

(Mosaico de maravilhas à frente!.....)

.....)

... tirou as margens dos rios
E criou à tira-teima
Rosa-Hendrix: Curumins e Sacis,
Para cada qual navegar,
Em si e no' sis,
Sem margens de aportar...

Ode

*“O talento que o senhor Deus
lhe deu, ele o executou em
favor do seu próprio Deus:
tocando e cantando o nome do
Senhor seu Deus.”*

(Palavras do pároco dos Francos)

Após o mergulho do sol
Lá pro céu de Itapira,
O manto da tardinha;
Depois em noite, cobriu suave
O céu dos Francos...

O cruzeiro do sul eleva-se:
Altair, Antares, Riguel de Quiron
Acendem suas fogueiras
Em códigos: e assim, todas estrelas
Companheiras do céu, tecem,
Naquela noite,

O Caminho de São João.

O Caminho de São João;

No iluminado de sempre,
Naquela noite, baixa
Pra rente à terra:
Árvores-casas-leitos...

E na fôrma forma
Duma poltrona-mão fofa,
Alva alva-sedosa de luxo;
Em convite, apanha seu Zico...
Bate rédeas e viaja luz-instante

Para o céu dos Francos...

(–“Uuii, uuii, seu lui!!...”

– “Ciranda, cirandinha...”

bicicletas e violas:

– “vaga-lume tem tem,

seu pai tá aqui, sua mãe também...”

“Trago sempre na lembrança

A festa lá no sertão.”

bidu abana a cauda:

– “chorom booom!”

e um afago irmano lhe cai sobre as
plumas...

“Lua, mande a tua luz prateada...”

“Tu és divina e graciosa...”

– “Viva São João!!...”)

Tantos, tantos, tantos companheiros:
Eitos bilians e trilhans:

– “Oota mundo!...”

A invernada celeste rodeada;
um clarão límpido. Cerca não há!

.....

– “Quá’!...”

Ancinho na mão:

– “Carece jardim
Caminho de São João!”

Bichin’ d’São Francisco:

– “Carece de milho
Caminho de São João.”

Violão encordado:

– “Carece de canto
Céu dos Francos.”

Capelinha de melão:

– “Carece d’cravo, d’rosa
Caminho de São João.”

Estrela D’Alva:

– “Carece caiação
Caminho de São João.”

Seu Zico olha em roda... caçoa...

Infla o peito canoro,
Sopra seu assovio
Floreado, flore-alma...

E sai cumprir dever,
Leve em pluma...

pelo Caminho de São João.

Reflexão: retas ou tortas?!...

A primeira vez
que proferi palavra
veio meio no meio
torta comum a retas/curvas
desvairadas das gentesin’
comum a pensar sem retas
de palavras tortas comum vida.
Tortas/retas com’um
desenho de rio na vida:
única reta
traço na vida: tortas ou retas?!...
... até o mar!!...

Um Dia Atrás do Outro

Um dia atrás do outro
e no outro pendura-se
uma feira de peixe
pescado por um pescador.

Eles não falam,
são imóveis;
trazem simplesmente
nas escamas cenas
como as paredes de Lascoux...

O pescador carrega-os,
se passados ou não;
dobra todas as esquinas,
sem olhar sua feira.

Paisagem At Nine

At Nine paisagem de
teus olhos com braços
envolve minha casa. Eu dentro!

Subo as escadas das
plantas surrounded by
fios de cabelos samambaias: hanging (me)
Paisagem At Nine. Toda parte.

Sim, the span of life
dentro do minuto limite
é um fio do Octopus. Teus olhos!

Invade minha rua
aperta minha casa
afaga meus olhos:
solta minha alma!!...
Ein Wirbelwind. É o limite!

...e daí?!... Levanto os braços:
teus olhos Octopus fogem...
Não sou octopus!
Aguardo Paisagem At Nine.

Elegia

Na rosa dos dragões
em embriões caldados
morgados répteis
ágeis trafegariam
e rangeriam seus dentes:
à frente uma rã
verdade sã sábia mas atada
urra acuada presa no berço
um terço a coaxar
devagar no lento lamento
do vento insano:
profano como ' mal
inventar um vau e a boca

sedenta e oca entoa
 um canto à-toa
 na proa dum barco
 que roda em arco para a Íris
 no poder de Isis com mentes
 e dentes suculentos: um oceano
 formano mil razões
 na rosa vil dos dragões.

Hoje É Domingo Pé de Cachimbo

Dentro de mim
 não há espaço;
 o horizonte se abriu
 em estilhaços espalhados
 pelo meu carro:
 o vento atravessa
 minha tela
 trazendo quarks
 que fuçam meu coração.

Dentro de mim
 não há tempo;
 pois o gato comeu,
 e Lennon cavou meu espelho
 que Ramsés lançou como um deus
 para me travestir de touro:
 navegar no sempre em remoinho.

Quo vadis?

No deserto com nuvens de poeira
 Sua mente rodopia veloz
 Os caminhos turvos, zumbindantes;

Faz espiral, gira em redemoinho,
 Encontra no epicentro nuvens.
 Dentro: diabos, hienas, vermes.

Não!... Gira em redemoinho
 Seus anjos, os arcanjos em plumas.
 No epicentro voam suaves.

Neste deserto... Que deserto?!

O sol no topo da montanha
 Ilumina a campina: verde!...
 Pastam ovelhas, renas em calmaria...

O sol radioativo no alto
 Ilumina a romaria dos Pterossaurus,
 Ceto-ssaurus.

No epicentro do pântano!

Não! São os anjos em vôos
 No céu aberto da supernova!
 O sol: os pólos engoliram!...

Neste deserto... O sal virou açúcar.
 Quo vadis?!

Lenz

Lenz no milharal
 Observa a dança
 Das folhas
 Farfalhando com o vento
 E seus cabelos numa onda
 Serena das almas
 Modulam e se confundem
 O milharal em Lenz
 Lenz no milharal
 Com olhos d'um Pinta-Silgo-
 Cibernético
 Voa com o olor
 De chão afora loonge...
 São penas: folhas e Lenz
 Para Antanhos e Andrômedz
 Ali!...
 Lenz está em casa.
 O milharal em Lenz!

Verbos da Pinha

Eu parti a palavra ao meio
 do pé pinheiro:
 de bola fruta pinhão pulou
 uma-uma toldo
 em mosaico colorindo
 fragmentos ao léu
 após a explosão do pinho...

guarda-chuvou no céu: uma-uma
 desceu pandora plen'em mim
 molhou minh'alma de sons
 e cores qu'em olhos vibravam

mil cores centrefugam
 ao chão. Cata que cata
 pinhas d'ex-bola pinhão:
 sons aqui ali gritando uma-uma:
 – “Me pegue!...” – “Me pegue!...”
 – “Rasgue-me o véu!...”
 – “Sou de Vênus!...” – “Sou de Apolo!...”
 – “Sou trovador...”
 – “Sou de vapor!...”

E cada qual em demanda
 de verso vaporoso levita
 cata que cata o impossível
 instante.... Elfos (elas) sons
 invisíveis levitam à copa-tropos
 uma-um' em bela bola fruta pinhão
 no pé do pinheiro...

E cada qual em verbo retoma uno-verso
 suspenso sempre em cantos: juntos
 cantam aos Pinhos de sempre-junhos.

Estratosfera

Monto teu ventre
trafego entre
casas aladasssss...
Quase escapo!

As Águas do Tanque

Que desciam:

I

As águas desciam

fluídas

Ferreiras abaixo e
No tanque se entancam,
Afluídas,
Pros monjolos (e peias de Isa)
Feitos sapos gameleiros
Em milho, do milho
Plastas que Isa,
Já avó de rugas
É nas tantas rusgas-rugas,
Colhia embebidas de
Milho-suor dias após dias...

As águas do Tanque
Se enchem do tanto milho,
Do rodopio, de bijus;
E Isa de rugas e rusgas e rugas.

As águas do Tanque
Rodopiam meio universo, sem verso:
Choram cachoeira... e batem monjolos,
Que encascam Isa, emplastam Isa!...
– “mmm toc..., mmm toc..., mmm toc...”
... nos dia enfileirados.

II

A noite é alta, o céu... risonho?...

E a noite baixa
Sempre sombria.
A coruja no curral: – “rrrrrrr...”
Pia, pia... noturna,
Chama Sá-Maria; dos confins,
Que rodeia chinelos
Arrastados no terreiro
De chão amarelo...
– “Lep, lep, lep, lep...”
Sacis, curiangos, urutagos:
Mula-sem-cabeça!...
– “Uaahhhh!... haa!..., Uaaahh!... haa!...”
Isa só... a noite alta...
Soturna de seres... Medo?...

III

A Água do tanque... golpeia.

Lá embaixo no
Mar do tanque a
Água fala a Isa:
– “Chóóóó...” de cachoeira... e/que se
Contraí, puxa/levanta/repuxa a
Cabeça em cascavel... com seu véu...

IV

É dia, mas o véu é cascavel:
Angélico!

Isa (corpinho ereto) observa as rolinhas...
Isa vê além da cerca
O choro das águas, l'em baixo,
Que na queda refluem,
Respingam seu rosto diáfano:
Se ri!...
Se encontram..., se riem!...

∞

O longe está aí, sempre...
rodopiando!..

– “Havia uma praça ao pé da igreja.
Quem mora mesmo além do 'Santo,
Pra lá de mim,
Perto do fim dos meus olhos,
Nas nuvens da Nata,
Feitas de algodão?...

Ah!... O morro do macaco
Posso ver... é um silhão!...
E vê-los pular como num circo,
De árvores em árvores,
Léguas de distância,
Mergulho no minzinho de mim;
Laço minha meninice... êêta bichinhos!...

E mais agora o si'ão do monte
É perfeito. Cabe-me em mim toda...
Monto e saio a galope,
Encho as ruas calçadas:
– “*pa-ta-tas, pa-ta-tas...*”, laço na mão,
Rumo pro Tanque de
Águas afluídas onde
Heráclito na comporta
Estica um braço...

Rodopi 'o círculo no ar
Jogo laço...
Ato a ponta no meu si'ão.
Chupo 's lábios pra ordem...

E o monte-cavalo lança força-fogo,
Relincha, bate patas..., fagulhas....
Heráclito firme, preso à comporta.

Mas é o Monte na
 Força da terra de
 Ancas de arranque
 Que arranca's portas
 Comportas do destino
 Faz fluir as águas
 Verter enchente levar lavar
 O chão deslizar seda fluvial
 No ciclo indomável:
 Réptil-cascavel!!..." ... É um véu liso
 mesmo.

∞

... e com ela (as águas) tudo
 Dali fluiu de então:
 Homens, casas, animais: o ex-tanque.
 Para tudo em outro brotar – "hã!"
 (Os ciclos rodopiando)
 E Isa se rindo...
 Dá sinal híptico
 E afro'xa 's rédeas
 Pro monte-si'ão...

O Gira-mundo

Chã-chã, chã-chã...!

(Canto do pássaro Chã-chã)

Tem muita coisama na terra, e vem tudo do céu,
 também tem da terra suspenso no ar, junto com nuvens:
 um cisco, um passarinho... mas tudo voando. Onde é
 o canto seguro do céu? Nem dá pra ficar nele parado.
 ...Nem neste chão aqui, se pensar bem. Parece bicicleta,
 de duas rodas, rodar todos os cantos. Carece andar, se
 não cai... Eh!... Hoje tem festa. Lá nos Pontes. Depois,
 lá no Peroval... Andar, girar, pedalar o mundo... que
 gira, gira... Girou!

A sombra desta mangueira esfria a gente, sentado
 aqui não chega no Peroval.

Lá no tempo da criança, brincavam de gira-gira
 senhor do mundo: ...água no balde ficava girando
 rodante, sem fim, – quaje – De de-baixo, via corrente
 rotante. Era puro prazer, prova grande, maior de reter
 água em balde e estar girando... emborcado: sem cair.
 – caía não!... – gostava de brincar de ver água estar
 pendurada em céu de balde... E quando parava, assim...,
 de boca para baixo, rolava tudo para o precipício do
 terreiro... – e ria... – e riam....

O Quim-da -'nhé falou... bem pra lá das nuvens,
 tem seu Cosmo. Fica num brinquedo de bicicleta,
 bicicletando o pedal – “que nem a sua, Chã” –,
 pedalandando sem descansar por entre campos de castelos
 no céu, poeira, geleiras, pedras... Areado, de céu a céu:
 tão longe, muito!... por isso não cai, e quando bicicleta

anda, não cai. Só assim é chão puro, duro, firme. Que nem a água do balde... – Eh!... assim rodando, com tudo enroscado nos raios? –, num gira-que-gira dos gira-mundos, rodopiantes, estonteante... – Que moda!... Por quê? –

Rodam na estrada um monte de andarinos, que giram o mundo. O Fubá passa embora andante estrada afora. Lá no fim despassa tudo, doido, no revés, para não querer nunca chegar... É juízo mole? – É tonto não!

– Que moda!... Por que, ele-cujo faz só de pedalar, sempre... e chegar? – O Laz-da-Nica falou, aspirado, baixinho, apontando o dedo para cima, ciência pura dele: quando bicicleta roda, um caminho, chega num lugar. – “*tem mais não, acabou...*” – Baixinho. Então... por que tem caminho se cada volta, pedalada, acaba e fica sem trecho..., sem estrada? E se carece tanto de estradas. Chegou lá... depois, festa acabou... É mais gostoso querer pedalar pelos caminhos afora, sempre só. Como vai à festa dos Pontes, se não tem mais estrada? A estrada é de querer levar a gente longe mesmo... de andar, rodar, pedalar. – ‘Tro dia fui lá, láá... num sei onde. Quaje finzão de tudo, aí estrada ia inda pra outro longe, que nem de caminhão chegasse. ...E queria ir de mais além.

– Eh!... pó‘ parar! Assim não! – O pé dói. Tem formiga!... Parece um buraco, fundo – ‘Tá gasto, será?... – Tanto rodar, que nem pneu... De ficar zonzin’, zonzin’: *vummm, vummm, vumm!*... – Até quaje gumitar!...

Mas a sombra desta mangueira esfria a gente, deitado aqui não chega no Peroval. Nem de nunca.

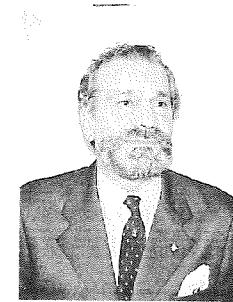
Ah!..., Sassá falou, falou, o Nardo, disse então o Tição também que escutou de diz-que-diz que se ele não pedalar a roda cai, assim... – e num hai modo de apear – sem um onde deixar bicicleta. Não tem chão!... Já viu isso?... uma festa em nenhum lugar, sem terreiro. Sem onde pôr bicicletas, carros, cavalos... gente! Ele, ele, ele falou. Não tem chão, campo, prado, parnaso, nem cumes, nem mares, nem Fontes, Francos, Ferreirinha.. Morro Pelado, Ponte Nova. Nem casa do Ticão. Nem nada de nada. Só abismo, fundo de fundo de não-mundo... Fuuundo de a gente é fraco, cai no buraco, buraco é fundo, acabou se o mundo. ‘Tá lá só quando gira que gira na volta que faz volta corrente em mil de mil voltas de elos junjos... girando dentados rotantes “*vummm, vummm, vumm!*...” – Até gumitar!...

– Mas à sombra da mangueira a terra esfria a gente... Só cismando aqui não chega no Peroval. Carece pedalar, sim. Cadê a bicicleta? ...Escuta o Laz-da-Nica, põe fé! – Sassá, dá bicicleta, aqui!... – Vai Chã, pedala! Num tem onde apear. Não!... Vai acabar o caminho num fim de tudo, no sem-mundo de o buraco fundo, no pé do pneu. Vai, pedala, pedala...! Não, não... despedala tudo, volta!... Pedala a volta, gira balde de balde de águas rotantes, gira, gira... vai cair!... pedala... Carece mais caminho, mais estrada. Volta, volta, gira corrente rotante... Não!!!!.... – Eh!... O Laz, cadê a estrada? O gato comeu?!...

.....

... – Dá já u’a guarapa, aí então!... Eh, isso sim, que diverte a gente, se acabar nos confins de grotões, com os caminhos, neste brinquedo de estar... e de biciletar, Sassá...

Acadêmico
Lineu Roque Aceiro



Lembrança e Saudade,
Todo Tempo.

A viagem de Guarulhos a São Paulo se fazia, ainda, de trem e, já naquela época, era esse serviço de transporte considerado deficitário, impotente, ultrapassado. Que pena..., tão romântico foi!

Numa madrugada frígida do ano de 1959, havia, na Estação Galvão, um aglomerado de jovens que iam embarcar em sentido contrário ao grande fluxo, pois tinham como destino o Quartel General da Base Aérea de São Paulo – Cumbica, onde deveriam, como de fato ocorreu, prestar o serviço militar obrigatório.

Nessa locomotiva, num vagão denominado “Dos Pasteleiros”, viajavam vários rapazes aspirantes, militares, sendo alguns de Jaçanã, outros de Vila Galvão, Cabuçú, Gopouva e Guarulhos - Centro. Formavam um belo grupo juvenil, sabidos e espertos que, logo nos primeiros dias após a apresentação, se afeiçãoaram muito com aquele graduado, visto ter o mesmo, um modo peculiar de fazer relações com a gente moça. Durante os trinta dias iniciais em que estivemos no Batalhão, detidos, ele foi, para todos, um pai, um amigo, professor e conselheiro. Sendo assim, era comum ver-se, no pátio do regimento ou no salão de audiências, toda a rapaziada atenta ao redor daquele homenzarrão, que logo tornou-se conhecido de todos os recrutados, dado o modo com que ele os tratava.

Vivamente impressionados com a figura do dedicado militar, passamos, então, a indagar dos praças mais velhos, cabos e superiores, sobre a vida, costumes e origem daquele homem singular. A admiração dos futuros soldados aumentou mais ainda quando tomaram conhecimento de que aquele cidadão morava em Guarulhos, casado com Dina, filha nobre da cidade, descendente de Paulo Faccini, um estudioso da vida do poeta Castro Alves, que adorava esportes, gostava de futebol e professava, com arrebatamento, a atividade de Educação Física, formado que era. Suas aulas de marcha, infantaria e ginástica livre, além da matéria de Educação Moral e Cívica que ministrava, eram repletas de estímulos e ensinamentos revigorantes, que ficaram marcados para sempre em nossa memória, auxiliando, em muito, na nossa formação estrutural, cultural, pois mesmo assim, sabemos, muitos se perderam na bebida, no roubo, no vício e na maconha.

Lembro-me bem, como se fosse hoje, que um dos recrutas mais ousados e extrovertidos disse, admirado: “Nossa, que homem culto, inteligente, e como é alto, parece um coqueiro, esse sargento Meirelles.”

Veio à luz Norlandio Meirelles de Almeida, numa bonita manhã primaveril, quando, na Bahia dos coronéis e poetas, corria sereno o dia 9 de novembro de 1919. Desde muito cedo na escola, ao tomar conhecimento das primeiras letras, já nutria gosto e admiração pela poesia do poeta dos escravos, Antonio de Castro Alves.

No princípio, apenas o que o empolgava era a poesia vibrante e amorosa do jovem baiano, autor de Navio Negreiro; porém, depois, mais adulto, desejou ardentemente aprofundar-se no conhecimento íntimo da caminhada do poeta. A partir de então, iniciou uma operação de fôlego, dando origem a um trabalho incansável de pesquisador, consultando e adquirindo tudo o quanto havia sido escrito sobre a vida de seu ídolo, visitando museus, bibliotecas, arquivos públicos, repartições onde, surpreso, muitas vezes, encontrou revistas, jornais e manuscritos da época ou bem próximo dos acontecimentos.

Contudo, esse pesquisador verdadeiro não se contentou, apenas, em saber tudo sobre a vida de Castro Alves e em ler toda a obra desse vulto baiano. Passou a percorrer todo o chão onde tivesse passado e pisado o poeta, além de pesquisar e reunir todas as obras que outros autores tinham escrito sobre ele. Tanto amor dedicava a sua empresa de busca e investigação, que retornou à sua terra natal, oportunidade na qual encontrou-se com parentes distantes do poeta e

estudiosos, que comungavam com ele nos ensejos e ideais. Daqueles descendentes, recebeu de presente telhas tipo cumeeira, tiradas com carinho da casa da Fazenda Cabaceiras, onde nasceu o poeta da liberdade. Meirelles, depois, doou uma dessas telhas para o museu histórico de Guarulhos, quando este funcionava, ainda, na esquina da Felício Marcondes. Eu a vi lá... eu juro! A telha, no entanto, sumiu...

Graças a esse trabalho paciente, pôde no decurso de anos, acumular e organizar a maior bibliografia sobre o assunto de sua predileção, seu deleite, sua paixão. Essa busca incansável fez com que Norlandio conseguisse juntar quase todas as edições dos livros de Castro Alves, tornando-se, também, um zeloso bibliófilo.

Preciso dar o meu testemunho sincero, pois estive lá em visita de cortesia, no dia 23 de abril de 1996. Vi o homem de semblante doutoral, seus canários de gaiola entoando sons melodiosos, seu entusiasmo falando sobre Castro Alves e suas prateleiras, em linha, abarrotadas de obras, alfarrábios conservados, escritos pelos versados Pedro Calmon e Xavier Marques.

Mostrou-me, soberbo, um volumoso exemplar raro que trata de tudo sobre a vida do poeta, dizendo: "Deste, existem somente 200 livros publicados e espalhados por todo o Brasil, sinta então a sua importância." E me mostrou outros, singulares e pouco vistos. Havia felicidade na prosa do já cansado literato, sentado tranqüilo na sua confortável poltrona, daquela coleção de livros da Avenida Guaianazes, 1.013, em São Paulo. Tanto que, como retribuição à visita

inesperada doou-me, com desvelo, autografado, um exemplar do seu último trabalho, intitulado "Uma Polêmica em Torno de uma Poesia de Castro Alves", obra que trata de esclarecer dúvidas sobre uma crítica injusta e desabonadora, publicada no *Diário de São Paulo* em 1868, sobre uma poesia do vate baiano.

O gramado verde do Campo de Futebol de Cumbica amanheceu molhado e frio, devido à garoa que teima em sempre cair à noite, por toda aquela região, onde sobrevoam os aviões. Naquele dia, Meirelles marcou e organizou uma disputa futebolística, contra o 10º Batalhão de Infantaria. Nós fazíamos parte do 12ª Pelotão, todos de infantaria e da mesma classe. Enxugamos a grama, corremos, driblamos, e que partida fizemos! É tão bom lembrar, chutei na trave, depois empatamos, lutamos e lutamos... Vencemos. Meirelles, feliz, cumprimentou-nos, todos, um por um. Depois do banho, e que banho, fomos comer no "Rancho", nas bandejas de alumínio.

Naquele tempo, nós, pouco ou quase nada, sabíamos sobre o Norlandio, apenas que era o nosso sargento, professor, nosso técnico e superior respeitável. Hoje, no entanto, porque estudamos, podemos discorrer comedidos e livremente: Meirelles é professor de Educação Física, diplomado pela Escola Superior do Exército Brasileiro, em 1964. De há muito é colaborador de revistas e da imprensa paulista. Exemplo como Oficial da Aeronáutica, galgando na Corporação inúmeros postos, até se aposentar em 1969. Pelo muito que produziu, foi eleito Membro Honorário da Academia Castro Alves de Salvador (BA), sendo, da mesma forma, eleito para o Grêmio

Literário Castro Alves de Porto Alegre (RS). Ademais, participou de debates e palestras sobre a ascensão do poeta, eventos realizados em clubes de Serviços, Faculdades e Academias, recebendo, inclusive, algumas condecorações.

De maneira brilhante, participou, em 1958, do programa *O Céu é o Limite*, apresentado pelo animador Aurélio Campos, na extinta TV Tupi de São Paulo. Naquele palco iluminado, durante dezoito semanas consecutivas, Norlandio Meirelles de Almeida foi dono da atenção e respeito dos milhares de telespectadores que assistiam à transmissão daquele inesquecível programa semanal. Será que hoje ele sai, ou permanece? Seria a pergunta mais ouvida, nos corredores, na platéia e nas reuniões em família. Entre os ouvintes, uma pausa, reina um silêncio provocador e profundo, instante em que o apresentador responde... Está certa a resposta. Meirelles continua.

Assim foi, durante semanas, o ídolo de muitos, o grande herói daquele instrutivo programa, cuja audiência liquidou todos os números e recordes da época. Sem vaidades e com a sua maneira simples, cativou a todos que, rapidamente, perceberam naquele pesquisador baiano, muita coragem, além, da memória prodigiosa.

Manifestando-se na orelha do livro "Cronologia de Castro Alves", de autoria de Norlandio Meirelles de Almeida, disse Aurélio Campos: "*O auditório repleto. Emoção bailando no ar... Norlandio Meirelles continuava e a pergunta ia ser feita... Aquele homem alto, jeito simplório, era um dos heróis do programa. O Céu é o*

Limite. Conhecia tudo sobre a vida e a obra de Castro Alves, detalhando-as em minúcias que causavam assombro."

Evidente que Meirelles respondeu até a última pergunta, para o regalo e satisfação de sua torcida que, com o passar das semanas, tornou-se enorme e participativa.

Liderados por Gasparino José Romão, os mais importantes nomes das letras da cidade, não se negaram a participar da fundação da Academia Guarulhense de Letras. Assim, em 8 de dezembro de 1978, o nome de Norlandio Meirelles da Almeida, aparece altivo entre os escritores guarulhenses que integraram o primeiro corpo de imortais daquela notável confraria. Por merecimento incontestado, é oferecida a ele a cadeira de nº 05, cujo patrono, é Antonio Frederico de Castro Alves.

Seu nome, digno de apreço, não podemos negar, valorizou nossa impoluta Casa de Letras, entretanto, muito pouco a frequentou. Meirelles não parou, nem se acomodou por aí. Ele ainda continua a sonhar, vive, pesquisa, lê, estuda, respira Castro Alves. Muda-se para a Capital, seguindo as pegadas do seu admirando, porque ele, agora, deseja e precisa concluir, quiçá, a sua mais importante obra, *São Paulo de Castro Alves*. Doze anos de pesquisas em arquivos históricos e bibliotecas, muitas horas de vôo à procura de uma prova, uma edição de *Espumas Flutuantes*, de um documento capaz de elucidar uma dúvida, um assunto, onde lhe mostrar a verdade.

Derradeiros Dias

Aproxima-se a noite de São João e no dia 22 de junho ele, já muito abatido, teima em ir ao teatro. E no dia 23, véspera do dia do Santo, quando São Joãozinho é festejado, a noite estava límpida, fria e estrelada! As ruas encheram-se de fogueiras, de mastros de São João, pés de pati plantados ao lado das fogueiras e, no braseiro destas, abóboras, batatas e milho verde eram assados. As mocinhas botavam sorte para o Santo dizer se casavam, e, se possível, o nome do noivo. Também ao redor das fogueiras, homens, mulheres, jovens e crianças juravam se tornar compadres, comadres, afilhados e primos. Risos, assobios, a noite alegre, radiosa, mas também fumacenta pelos fogos de artifícios que eram queimados: bombas, buscapés, rodinhas, pistolas de prata e ouro e estrelinhas de delicadas fagulhas. E foguetes de estrondo e os líricos foguetes de lágrimas!

Castro Alves não resistia ao barulho da vida que se fazia lá fora. Levantando-se de seu leito, chegou à janela para admirar a longa fila de fogueiras que descia ladeira abaixo. A fumaça densa acabou por envolver a sua fraca respiração e ele começou a tossir, quase sufocado. Recuou. E sem poder melhor firmar-se nas muletas, caiu, exangue, sobre o sofá. Mas, mesmo assim, com todo aquele sofrimento, conseguiu balbuciar os inesquecíveis versos de Álvares de Azevedo, “Se eu morresse amanhã..”Sinhá, que estava sempre por perto do irmão, correu a acudí-lo, e controlando-se, ouvia-o dizer:

... viria ao menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã;
 Minha mãe de saudades morreria,
 Se eu morresse amanhã!

E então Sinhá viu uma lágrima correr de seus olhos tristes. Lá fora – ele insistia na janela aberta –, via o céu de sua Bahia cheio de balões, miríades de balões navegando rumo ao mar, rumo ao nebuloso mar alto... E Castro Alves sofria; estava próximo o fim.

Meirelles também viu fogueiras, braseiros e vários assados. Admirou o artifício dos fogos, comeu pamonhas, paçocas de amendoim, olhou balões num céu azul, longe da sua Bahia e mesmo padecendo com paciência em seus últimos dias, nunca esteve sozinho, quando morreu em São Paulo no dia 19 de junho de 2004. Coincidência ou não, no mesmo mês dos santos e das fogueiras, que o ídolo Castro Alves tanto curtia.

Seu corpo foi transportado para o Cemitério Memorial de Guarulhos, cidade em que constituiu família, criou os filhos e residiu durante mais de trinta anos, dos 84 que viveu. Deixou obras importantes, escritos e trabalhos por terminar: *Educação Física do Sargento, Cronologia de Castro Alves (Biografia) – Guarulhos, 1961, Editora D. Pedro II; Eliane (romance), Editora Clube dos Artistas; Uma polêmica em torno de uma poesia de Castro Alves, Editora Pannartz – São Paulo, 1990; Eugênia Câmara – biografia, inédito e São Paulo de Castro Alves – SOGE – Guarulhos – São Paulo, 1997.*

Norlandio Meirelles é citado em inúmeras obras como o maior pesquisador e estudioso da obra e vida de Antonio de Castro Alves. A Vida dos Grandes

Brasileiros, obra de grande vulto, supervisionada por Afonso Arinos, Editora Três, anotamos à página 38v.: “O escritor Norlandio Meirelles de Almeida, pesquisando sobre a vida de Eugênia Câmara, descobriu no Recife, recentemente, poesia de Castro Alves inédita em livros. Esta poesia foi publicada no jornal do Recife, número 213, de 14 de setembro de 1865, primeira página.”

Mario Souto Maior, na cidade de Olinda, em dezembro de 1989, afirmou prefaciando a Polêmica sobre a sua poesia: “Estou certo de que se Norlandio Meirelles de Almeida viver mais 100 anos, todos eles serão dedicados a Castro Alves. Mesmo porque ele sofre de um castroalvismo crônico. Palmas, pois, ao maior castroalvista do mundo.”

E, retornando para a nossa Academia, meu caro Meirelles, o seu nome foi, efusivamente, lembrado e o presidente Baddini, num breve discurso fúnebre, consolidou: “Com a morte de Meirelles, Castro Alves faleceu novamente”.

Talvez!... Quem sabe!... O pó tudo resume!...
Mas o teu coração, ainda saudade,
Ficou –murmúrio e flor, brisa e perfume!
In *O Americano*.

A Vida é Um Baile de Máscaras

Homem de refinada prosa, poeta, Aloísio de Castro destacou-se, também, como notável conferencista, professor e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O ilustre prosador sucedeu a Osvaldo Cruz na Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira nº 05, cujo patrono é o escritor Bernardo Guimarães.

Em 15 de abril de 1919, Aloísio, dirigindo-se à tribuna daquela Egrégia Casa de Letras e com raro entusiasmo, fala sobre Machado de Assis:

Foi um dia, já bem longe, que conheci o mestre da nossa geração literária, quando, menino de colégio, entrei com meu pai na livraria Garnier. Era uma casa velha e escura, cujo soalho gretado tremia sob os pés. A um canto folheava livros certo homem de grande aspecto, a quem o Dr. Francisco de Castro logo se dirigiu com significações de estima. Não sabia eu quem era ele, mas, recordo-me que lhe beijei a mão, ou porque adivinhasse que agradaria à vontade paterna, ou porque já no mais verde dos anos desponte, às vezes, o instinto das grandes venerações.

Enterneceu-se com o gesto o senhor Machado de Assis. Mimou-me na face, dizendo-me que me vira quando ainda lhe cabia no bolso do casaco. Larga conversa conversaram os dois amigos. Ao despedir-se,

bem me lembra, sorria o mais velho a dizer: “Sim, a vida é um baile de mascarar, uns vão saindo depois dos outros. Já me sinto no fim do baile”. E repetia, com voz meio gaguejada, “a vida é um baile de mascarar.”

“Na rua, interpelei meu pai sobre que baile era aquele. Respondeu-me que eram cousas de filósofo. Não ajuizei de certo o que fossem filosofias, mas, nunca me esqueci do encontro e das palavras...”

Nossas Obras Para Sempre

Inaugurar este espaço que ganhamos na Biblioteca Cerqueira Cesar é, para nós, acadêmicos guarulhenses, motivo de satisfação e orgulho. Na verdade, é como se estivéssemos inaugurando um templo, porque uma biblioteca é um edifício misterioso, respeitável, dedicado ao saber e à ciência.

Coberto de razão estavam os povos antigos quando davam às bibliotecas um caráter mais ou menos religioso, como bem o demonstra o fato de serem instaladas dentro dos Templos Religiosos.

Na biblioteca de Mênfis, que data de 2000 anos

antes de Cristo, lia-se a entrada: “Remédio da Alma.” Sim, realmente são os livros, remédios da alma. Por aí, logo pode se perceber que a leitura não só é alimento mas, também, um lenitivo para o espírito cansado das empresas do dia-a-dia.

Os gregos, cultos e inteligentes, melhor do que qualquer outro povo, compreenderam que a criação de bibliotecas proporcionaria o melhor meio de difundir os conhecimentos em todas as áreas. Entre as mais célebres, figuram as de Pergamo e Alexandria, coleção de livros que tiveram uma irradiação tão benéfica à humanidade que, até os dias presentes, se faz sentir. Os romanos não quiseram ficar atrás e o grande César teve a iniciativa feliz das bibliotecas públicas, antes reservadas aos iniciados e, já no século IV, a cidade dos Cesares, maravilha das colunatas, possuía nada menos que 28 desses estabelecimentos culturais.

Não é, contudo, de admirar que esses dois povos tenham produzido tão altos valores, tanto na esfera das letras como na das artes. Atuam, assim, as bibliotecas como molas propulsoras de progresso e da organização das civilizações, conforme nos provam os povos mais adiantados que aí estão, para provar essa verdade indiscutível.

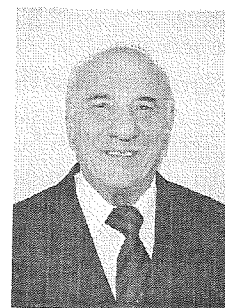
De tal valia se reveste, pois, a inauguração que hoje levamos a efeito, que não há palavras que enalteçam tão belo empreendimento. Apresentamos, agradecidos, nossas felicitações ao confrade Antonio Darci Pannocchia e demais mantenedores desta Faculdade. A FIG, ao inaugurar, no Salão Nobre da Biblioteca Cerqueira Cesar, este espaço especial, notável mesmo, para a guarda e exposição de obras dos acadêmicos da

cidade, disponibiliza esses trabalhos literários, não só para os alunos deste crescente estabelecimento de ensino superior, como também, para estudiosos de toda a comunidade. Como consequência, colocar ao alcance do povo, alunos e professores, livros sobre os mais variados assuntos, é proporcionar um maná para a alma daquelas pessoas, muitas delas sequiosas de saber; é concorrer para ilustração dos seus espíritos e, em suma, facilitar-lhes a aquisição de conhecimentos que por outra forma não poderiam obter.

Numa biblioteca, o leitor entra em contato com o que a inteligência criou de mais sublime na literatura, na poesia, na história e na ciência. Pela leitura, poderão familiarizar-se tanto com Homero como com Cervantes, da mesma forma, tanto com Ranali como com Gasparino, Castelo Hansen ou Ibrahim, Noronha e tantos outros. Honras, então, aos que lutaram para dotar esta Faculdade com esse valoroso templo do saber, este espaço, na certeza de que praticaram o ato mais meritório de que é capaz o esforço humano. Agora, os autores guarulhenses não ficarão mais no esquecimento. A cerimônia de descerramento da placa comemorativa do evento foi realizada quando Guarulhos recordava os 443 anos de sua fundação, em 8 de dezembro de 2003.

Assim, com a instalação desta altiva e envernizada estante, aquilo que produzimos ficará preservado para o futuro, e as gerações que estão por vir poderão revisar e tomar conhecimento, a qualquer tempo, de tudo que sentimos, vivemos e pensamos.

Acadêmico Milton Ziller



José - O Justo

Não se trata, como à primeira vista possa parecer, de um santo ou de um rei como o foram José I da Hungria ou o I de Portugal nem Bonifácio, menos ainda o de Arimatéia ou quaisquer outros Josés. Este é o Giuseppe Giusto, Giusti, Justi ou Justo, nada tem a ver como o escritor italiano, de Florença, e muito menos com José, o corno. Este José é natural da Calábria, região meridional da Itália, que ocupa o espaço do “pé da bota”, bota que é a forma a que se assemelha a península itálica. É a porção sul a mais pobre do país e, portanto, José era calabrês e pobre.

Casado com Isabel Albanese, natural de Bari, porto do sul itálico, na região de Puglia. Estamos, pois, diante de um casal singular: um calabrês e uma baresa, gente oriunda de

áreas que se caracterizam por ser alardeadas pela valentia e brabeza, ou até bravura, de seu povo, é considerado como do tipo briguento, que não leva desaforo para casa; é uma região onde a honra se garante com o bigode, com a palavra e, se ofendida, é lavada com sangue. O velho Justo, porém, nunca foi violento. Eu o conheci já velho. Velho e alienado. Louco. No entanto, hoje quase setuagenário, estou para ver pessoa tão bondosa, generosa, igual ou mais do que ele fora.

Esta narrativa, por motivos óbvios, estará permeada de “Portuliano”, um misto de Português e Italiano, com o objetivo de alcançar muitas vezes a verossimilhança das falas e detalhes dos acontecimentos.

A sua vinda ao Brasil ocorreu no fim do século XIX ou, quando muito, no início do XX, provavelmente já casado, coincidindo com a entrada de variadas correntes migratórias, tendo presumidamente ido para o interior de São Paulo, no momento da expansão cafeeira no rumo do oeste e, posteriormente, vindo a fixar-se no bairro do Bom Retiro, na Capital Paulista para, finalmente, estabelecer-se no bairro conhecido como do “Chora-Menino”, distrito de Santana (Santa Teresinha), num sítio de mais ou menos 10 mil metros quadrados. A terra era barata naquela época e, dada a distância do centro da cidade de São Paulo, o sítio ficava numa situação de difícil acesso. O local era, praticamente, considerada zona rural. E aí, José e a família dedicavam-se à criação de gado leiteiro e a uma diminuta agricultura de subsistência, de fundo de quintal.

O casal José e Isabel levava uma vida dura e diferenciada, uma vez que, por serem ambos trabalhadores e Isabel tendo maior participação ativa junto ao gado, era ela quem cuidava das vacas e comercializava o leite, enquanto o marido dedicava-se a um pequeno comércio de frutas e verduras, com auxílio

de uma carrocinha puxada a burro ou por ele mesmo e, posteriormente, ao trabalho de servente de pedreiro.

Seis foram os filhos do casal: Bruno, o mais velho, Conceição, Rita, Iolanda, aleijadinha, que não tinha os movimentos motores coordenados e que faleceu ainda menina, com onze anos de idade, Olga e Anísio, todos nascidos no Brasil.

José, calabrês pacato, segundo narrativas da e posteriores à época, nasceu no sul da Itália, região miserável, de uma pobreza assustadora, de pasmar, foi abandonado pela mãe, que não conheceu, numa lata de lixo. Achado e criado por uma família generosa, não se viu abandonado pelos constrangimentos, uma vez que, vítima de uma grande gripe que assolou a Europa, semelhante à “Espanhola” de 1918, que aqui vitimou muita gente, quase foi enterrado vivo.

A Gripe Espanhola, no Brasil, provocou uma situação catastrófica (Pandemia de 1918), epidemia generalizada, terrível, que ensejava estados catatônicos, de estupor, pelo medo de contaminação, pelo terror que se apossava da população, com o conseqüente sepultamento em vala comum, coletiva, de muitos cadáveres e infelizes, alguns, não tão cadáveres ainda. Crê-se que muitos foram sepultados vivos com outros, sem assinatura, indigentes, em função da pressão e da pressa, no afã de se eliminar o mal. Parecendo morto, enterrava-se.

José, segundo relatos dos seus contemporâneos, estava sendo velado, o corpo estendido sobre uma mesa, com velas acesas e tudo, ao ter seu rosto atingido por “água-benta”, acordou e...” ressurgiu dos mortos”, e abrindo desmesuradamente os olhos, teria perguntado: “o que é eu estou fazendo aqui?” Ao lado, um caixão rústico, de pobre, aguardava sua vez de participar da festa fúnebre, para o encaminhamento aos sete palmos tradicionais. Ante a perplexidade geral,

levantou-se sob o burburinho de “a água benta ressuscitou o Giuseppe” e o velório teve fim.

Em verdade, José, ao ser atingido pela água, e poderia ter sido qualquer água, acordou do transe, espécie de estado de coma, por que passara, sem que isto se constituísse um milagre. Retornou na hora H ou G, caso contrário teria sido enterrado vivo, não teria vindo ao Brasil e nem eu estaria aqui.

Isabel, um “homem” para trabalhar, cuidava das vacas, da ordenha e do trabalho de comercializar o leite. Não era letrada, aliás, até bastante ignorante (sem ofensa), pois não raciocinava com lógica e nem tinha tempo para os filhos, exceto o primogênito Bruno, justamente a ovelha negra da família: prepotente, mentiroso, embrulhão, vagabundo e irresponsável, que vivia a perturbar e sugar os demais naquilo que produzissem. Tudo sob o olhar condescendente da “vecchia”, que nada disso percebia. Bruno era o seu xodó e Rita sua vítima.

Bruno; o mais velho dos seis filhos, o mais alto também, forte fisicamente e, talvez, por ser o primogênito, era o queridinho da mamãe. Isso era muito importante naquele lar em que a matriarca dava as cartas e jogava de mão. Pintava e bordava, fofoqueiro, funcionando sempre como o “dedo-duro” dos irmãos, culpando-os das bobagens e falcatruas que fazia. Era tão mesquinho que, na hora da comida, cuspi nos alimentos com o intuito de ficar com tudo para si. Se o “vecchio” tivesse boca para falar, diria: “lungo... lungo e ‘fetsa”.

Rita (Ritita), filha do meio, de pequeno porte e estatura, muito trabalhadora, era a “menina-dos-olhos” do pai, querida na mesma proporção que era desprezada pela mãe. Não concluiu o quarto ano primário porque desde cedo precisou ir trabalhar. No entanto, ou porque era muito discernida ou

porque o curso básico naquele tempo ensinava muito mais do que hoje, aprendeu a ler, escrever e principais operações aritméticas. Aprendeu a profissão de tecelã e sempre encontrou trabalho, entregando tudo quanto recebia nas mãos da mãe. Envelope fechado. De volta recebia apenas o suficiente para a condução e, quando muito para adquirir uma caixinha de pó-de-arroz “Lady”, o mais baratinho da praça. Enquanto isso o arrogante Bruno vagabundeava e fofocava.

Com uma carrocinha de frutas e verduras José saía cedo para o trabalho e, no mais das vezes, não trazia de retorno nem o equivalente ao capital empregado. – “Seu José – gritava uma criança –, me dá uma banana?” – “Seu Zé – pedia outro – me dá uma laranja?” E ele dava. O seu imenso coração e o seu senso de solidariedade, este que sobrepujava as suas próprias necessidades, impediam-no de negar. Não, não era bobo. Era bom. Sabia que existia pobreza maior que a sua e cedia. Pela razão de não obter resultados positivos, foi obrigado a encerrar sua atividade comercial passando a ocupar-se de um trabalho que tem sido até hoje o refúgio não dos inábeis, sem preparo educativo, mas da maioria que se vê, de repente, sem trabalho e sem perspectivas de encontrá-lo, sem mercado de absorção, como nos dias de hoje em que os políticos e banqueiros metem a mão em tudo e nada sobra para o cidadão comum. Foi trabalhar como servente de pedreiro.

José nunca teve estudos, mas este fato nunca impediu que fosse um homem trabalhador. Era ágil com um machado a cortar lenha – isso, na época, era muito importante, porque nem se pensava ou falava em fogão a carvão, elétrico ou a gás. Era tudo na base da lenha. Sabia lidar com animais, mas não nascera para negociante.

Houve, na sua passagem pacata pela vida, um disse-que-disse que uma mulata enfeitiçara-o, dando-lhe chá ou café coado na sua própria calcinha. Também, que lhe preparara uma bebida alucinógena, para garantir seu amor, e que isso levou-o à loucura. Teria ele, pelo que pude depreender, um certo ar de ganhão em sua tenra idade; um arzinho maroto, alegre, divertido, a florava sob o seu enorme nariz, um nariz maior do que o meu, mas, afora as especulações, nunca se teve certeza da ocorrência desse fato – que talvez não tenha chegado a ser fato. Os primeiros sinais de demência, de alienação, advieram de um acidente sofrido na obra em que trabalhava: uma volumosa tábua teria se desprendido de um andaime, atingindo-lhe a cabeça.

Desde logo passou a manifestar apreensão, medo de aviões, que ele achava que lhe vinham pegar, para, a seguir, ser assombrado por ladrões que estariam roubando suas vacas. A propósito, Hugo, namorado de Rita e seu futuro marido, certa vez, atendendo aos apelos do futuro sogro, de um José já perdido, amoitou-se no sítio à espera dos ladrões. A noite passou e nada ocorreu. Não havia ladrões nem nada, e a família da percepção aparente passou a crer no seu desequilíbrio mental. Vez por outra comparecia na empresa em que sua Ritita trabalhava, para confessar o seu espanto e temor, assombrado com aviões e ladrões, não demorando muito a ser internado no Juqueri, hoje Franco da Rocha, cidade que faz parte da Grande São Paulo, onde havia cinco ou seis colônias que abrigavam pessoas mentalmente perturbadas.

O seu relacionamento com a filha Rita desde cedo se manifestou, de forma a não esconder a sua predileção. Rita, que era desprezada e espicaçada pela mãe, era a preferida do pai. Enquanto Isabel imergia no mar de mentiras e falcatruas

do risonho Bruno – aliás, ao que consta, todo malandro é cheio de trejeitos e, de sobra, sempre a boca com os dentes escancarados; nunca se soube de um pilantra sisudo ou um patife que não fosse simpático -, infringindo castigos a Rita, culminando com o absurdo de até lhe negar alimento. Rita chegava do trabalho cansada, não só pelo labor, mas, também, pela esticada caminhada que era obrigada a fazer para chegar à fábrica, uma vez que a situação daquele tempo não era a de ter condução à porta. Cansada e com fome, muita fome... e a mãe não a deixava aproximar-se do fogão.

Em momentos como esse, José que, na realidade, não queria polemizar, entrar em atrito com a mulher da qual era presa fácil, sem jamais alterar a voz, munia-se de um prato e, achegando-se ao fogão, enchia-o de macarrão e dizia para a “vecchia”: “Vou comer na sala.” Aí chegando, chamava a filha... “Ritita, Ritita, pegue um prato”, e passava quase todo o alimento para o prato da filha, exclamando: “mangia... mangia”, que depois eu pego mais. E, Rita, entrava no prato oferecido, com o apetite de leão, com a avidez de um subnutrido.

Posteriormente, saciada a fome da filhota, voltava para a cozinha com o prato vazio e com a cara mais lambida da paróquia, dizia: “minha vecchia”, estava tão bom, tão gostosa a “pasta asciutta” (macarronada quase seca, com pouco molho) que eu vim pegar mais um pouco.

Episódio memorável ocorreu quando Rita, já mocinha, começou a namorar Hugo, seu futuro marido. Não se tratou de um desses namoros vulgares de hoje em dia, em que adolescentes se emaranham no tal de “ficar” e em que tudo acontece... o defloramento da donzela, as transas imediatas, sem amor, sem outro motivo do que mostrar que “eu mando em mim”... “eu sei o que estou fazendo”. E depois, após

passar por muitas mãos e camas, sofás e bancos traseiros de automóveis..., vão para o casamento com outro infeliz, desvirginadas, arreagaçadas, sem pejo, sem pudor e já com mais de meio caminho andado para a infelicidade e o rompimento prematuro do enlace, rompimento que começa na primeira noite de cama: “Fulano fazia melhor do que você!” Não, não era nada disso naquela época. O casal permanecia não muito próximo um do outro, sob os olhares atentos de D. Isabel. Vez por outra, ela fingia dormir, apoiando a cabeça nos os braços cruzados sobre a mesa, com os olhos semicerrados, à espreita.

D. Isabel era uma criatura honesta, decente e sempre pronta a enfrentar qualquer trabalho duro, mas absolutamente insensível aos apelos dos filhos, exceto Bruno. Bravamente cuidava das vacas, da ordenha do leite que, acondicionado em latões apropriados, era comercializado junto a uma freguesia já composta. Numa dessas andanças, ao atravessar a Av. Tiradentes, em São Paulo, foi atropelada por um ônibus que trafegava em alta velocidade, morrendo instantaneamente. Antes do seu falecimento, porém, José, com os seus poucos mais ou menos cinquenta anos, passou a dar mostras da sua degeneração mental.

Os primeiros sintomas surgiram relacionados aos aviões que lhe vinham pegar, como se fosse ele um alvo de guerra a ser destruído, e ladrões que vinham roubar as vacas. Às vezes rumava para a fábrica em que Rita trabalhava a fim de manifestar sua inquietação com extrema convicção. Atendendo o pedido de Rita, Hugo veio passar umas noites de vigília, como o já estabelecido nesta narrativa. Não havia ladrão algum. No utra oportunidade, extremamente aflito, dizia aos filhos que a falecida Yolanda o estava chamando, e, constantemente, era apanhado confabulando consigo mesmo.

Paulatinamente, a degeneração espriava-se em sua mente.

O Juqueri – uma pequena estação da E.F. Santos Jundiá, vizinha de Caieiras, distante aproximadamente 20 ou 30 km da Capital, para onde José foi encaminhado e internado, era um pequeno povoado circunscrito às proximidades da estação e em cujo território abrigavam-se cinco ou seis colônias dispersadas pelas colinas terciárias que cobriam o seu relevo, colônias essas que distavam umas das outras aproximadamente 6 a 10 km e que acomodavam e davam tratamento possível aos alienados mentais do Estado de São Paulo. Os reclusos não permaneciam muito tempo em uma só colônia. Eram transferidos vez por outra, talvez pela razão de mudar de paisagem e ares, e foram as 2ª. e 4ª. colônias que mais vezes receberam e abrigaram José. Eram construções tipo “forte”, fechadas por altos muros e com áreas de serviço e alojamento de hospedagem, além de um pátio interno destinado ao “tomarsol” e de maior contato entre os doentes durante o dia.

Os visitantes, nos dias próprios para o encontro com o ente familiar ou amigo que ali se encontrava, ao chegarem à estação do Juqueri, eram encaminhados para algumas jardineiras (tipo de ônibus que se essemelha aos atuais micro ônibus) que, à espera, ali ficavam a fim de levá-los para as colônias e, numa hora aprazada, retornavam aos locais para buscá-los de volta à estação.

Rita, Olga, Conceição e Anísio, pelo menos uma vez por mês visitavam Giuseppe, revezando-se. Bruno, provavelmente quem o internara, jamais fora visitá-lo.

Com o passamento de D. Isabel, por ser o mais velho, Bruno foi nomeado, no inventário, inventariante e curador do “vecchio” e, aproveitando-se desse fato, pretextando neces-

sidade de dinheiro para tratamento dele, uma mentira deslavada, pois o abrigo dos loucos em Juqueri (Franco da Rocha) era serviço público gratuito, do estado, com auxílio de advogados chicanistas vendeu a porção territorial do pai e nunca dividiu quantia alguma com qualquer dos irmãos. O f.d.p., jamais gastou um tostão em prol da manutenção e tratamento de José. Pelo contrário, dilapidou todo o seu patrimônio e nunca, nunca sequer, apareceu no asilo-sanatório que o abrigava, para uma mera visita.

Torrou tudo, enganando o velho demente e os irmãos que, de certo modo ignorantes dos seus reais direitos, nada fizeram para opor-se à sua ganância destrutiva. Quando se diz “torrou tudo” é porque nem a ele Bruno houve proveito da falcatura criminosa, uma vez que juízo ali também se media com colherinha. Gastou, esbanjou tudo, não se sabe como e o fruto da sua esperteza perdeu-se.

José O Alienado

Anteriormente às visões que o assolaram, Giuseppe fora sempre um ser bondoso. Calmo e carinhoso com os filhos e de um senso espiritual, gozador e brincalhão, com perene disposição para contar ou ouvir piadas ou fatos pitorescos da “dolce vita”. Deve ser do seu tempo a história do peninsular que, às vésperas da comemoração do dia de Páscoa, querendo ofertar à mesa da família um peru e, não tendo o peru, achou-se no direito de apropriar-se da ave do vizinho, bicho

esse que vivia passando para o lado do seu quintal e ele jamais se incomodara com o fato. Mas, aquela era a semana da Páscoa... e a ceia requeria o quê? Um peru! O que fazer? Sabia que afanar o peru do vizinho era pecado, mas... e daí, não é? Se à mesa surgisse um belo peru assado, ninguém iria achar ruim, não é mesmo? Ninguém estralaria.

Ainda no meio da semana lá estava ele... o magnífico peru do vizinho no seu quintal, do seu lado da cerca e toda controvérsia foi para o bebeléu, não havendo mais óbice nem constrangimento, tratou de cercar o “tacchino” (peru em italiano). Encurralou-o junto à cerca, mas, ao tentar pegá-lo, o danado entalou-se por um buraco do “stecato” (cercado) de arames e bambus e o homem conseguiu apenas segurar-lhe o rabo. Naquele puxa-para-cá e a ave força-para-lá, o peru acabou fugindo para o outro lado, deixando de troféu somente algumas penas do rabo nas mãos do desencantado e agora espantado capturador – o italianinho.

No dia seguinte, muito frustrado e arrependido – claro, por não ter conseguido sucesso no seu intento –, não viu outra saída senão ir à igreja, a fim de tentar amenizar o malfeito e estar bem com Deus. No confessionário, o padre perguntou-lhe: *Figlio, o che fare qui? Parla, parla.*

– *Signore reverendo, é que il tacchino di vicino trapasare lo mio stecato e io non ...* E continuou explicando ao padre confessor... “O senhor sabe, é semana da Páscoa e como o tacchino estava do seu lado da cerca, não havia problema, pois ‘non sono ladro’ e, afinal, não havia conseguido capturar o peru que escapou-lhe das mãos.”

Vejamos, neste italiano macarrônico, como possivelmente desenvolveu-se o diálogo:

– *È peccato?* – pergunta o italianinho.

- Si – respondeu o reverendo –, è peccato mortale!
- I no tene perdono?
- No. È peccato mortale.
- Mas, signore reverendo, qui lo posso fare?
- Signore, se me portare cinquanta liras, te perdono.
- Si, mas qui io non ho cinquanta liras.
- Caro mio... Vá buscare.
- Presto.

Algum tempo depois, munido de uma nota de “cinquanta” liras, retorna o nosso pecador à igreja, aguarda a vez que, enfim, chega. Dirige-se ao confessor, ajoelha-se e, agitando na ponta dos dedos a nota, diante da treliça que separa o padre do pecador, diz:

- Signore reverendo, qui la cinquanta lira. Qui!
- Si, è vero, ma di qua io non posso prendere.
- Ecco, la cinquanta lira – insistia o pecador, balançando o dinheiro diante da telha.
- Si, ma la tela, di mio lato, é como uno stecato, é impossibile pigliare.
- Si, come me, reverendo, lo tacchino anche essere di altro lato de lo stecato e io non pude prendere. Qui la cinquanta lira, qui! Qui! – Prendere, reverendo... Prendere (pegue).
- E foi embora rindo marotamente.

Santo Onofre – o santo dos paus-d’guas, dos pingüços. – Dona Isabel, no sem limite de sua santa ignorância, praticava sua idolatria cristã. Era adepta fervorosa de Santo Onofre. Não era frequentadora de igrejas, nem mesmo aos domingos, pois, o trabalho não permitia, mas, possuía uma imagem miniaturizada do tal santo e fazia, diariamente, a sua oferenda ao idolatrado: um copinho de pinga que, misteriosamente, desaparecia. José não era beerrão, mas apreciava uma cacha-

cinha, e por essa razão é que se aproximava silenciosamente do ícone e saboreava, estalando a língua, a branquinha. A mulher, ao passar frente ao ídolo, notando o copo vazio, exclamava: “Como bebe, esse santo!” e tornava a encher o copinho.

Hugo, logo após o casamento, ficou desempregado e, com a idade quase passando do limite, teve que, como saída para o embarço, servir o exército. A miséria campeava e a falta de emprego tornava rígida a vida. Quando nasceu o primeiro filho, Nelson, o casal praticamente não tinha o que comer. O marido permanecia muito tempo no quartel e o soldo era miseravelmente baixo. Rita teve que voltar a trabalhar na tecelagem. Antes disso, porém, durante o período de maior necessidade, José, com a sua benevolência e escondido da esposa, sempre achava um jeito de fazer umas compras, fiado e fora da tradicional caderneta, despesa que ele iria cobrindo aos poucos, com os seus também parcos rendimentos oriundos dos trabalhos extras que executava rachando lenha para famílias conhecidas, e levar para a filha tão querida o alimento necessário para passar alguns dias.

Após a sua internação no Juqueri, uma vez por mês recebia a visita, as vezes, em conjunto, outras alternadamente, de quatro dos seus cinco filhos vivos. Rita, Conceição, Olga e Anísio se revejavam, na maior parte das vezes, nos dias de visita. Bruno, aquele que o internara e que, posteriormente à morte da mãe, arregaçara a metade das terras da família, vendendo-as não se sabe como, sob a alegação de que era para o bem-estar do “vecchio”, possivelmente falsificando documentos e assinaturas e iludindo os irmãos, nunca, mas nunca mesmo, dignou-se visitar o pai. E José ficou no Juqueri por trinta anos.

Com o passamento da “vecchia”, o pilantra, por ser o

mais velho, foi nomeado inventariante do espólio e curador do pai incapacitado e, daí, em conluio com advogados safados, chicanistas, findou por torrar mais ou menos 5.000 m², de terras da família. Pelo que se soube adiante, acabou ficando sem nada, desprezado por sua família e pelos seus próprios filhos. A derradeira notícia que dele se teve, é que se amasiara a uma macumbeira e esta, também não conseguindo suportá-lo, alojou-o no porão de sua casa, onde, apodrecendo sozinho, acabou morrendo sem nada e sem ninguém.

Nos dias de visita, chegávamos à colônia e, na portaria, fazíamos a solicitação da presença de José. Alguns minutos depois ele surgia na porta, trazido por um funcionário do nosocômio, apresentando-se com um sorriso de satisfação, desde logo pronunciando alegremente: “Ritita! Ritita! Filgia mia.”

Abraços afetuosos eram trocados e em seguida caminhávamos, abraçados a ele, em direção a uma curta alameda onde bancos colocados em baixo das árvores, eram utilizados como assento e mesa. Ali, as iguarias eram distribuídas: bolinhos de carne, pastéis caseiros, frango assado e farofa, carne assada e outros comestíveis eram servidos. O “vecchio” gostava demais dos pasteis que Ritita fazia.

José era louco, mas não era burro, e a sua insanidade não o impedia de certa lucidez e perspicácia. Numa das visitas em que as filhas compareceram vestidas de preto, ele perguntou o por quê daquilo. Explicaram-lhe que era porque estava frio e as roupas negras eram mais quentes que as claras.

– No – respondera –, a vecchia morreu.

A essa altura, e até quase o fim de sua vida, aos 82/83 anos ele só reconhecia, dos filhos, Ritita, pois, Conceição ele a denominava como sendo “a mulher do macarrão”, porque

em todas as suas vindas trazia-lhe uma lauta macarronada. Aos demais, sempre dispensando o melhor dos seus sorrisos de alegria pela presença, não os reconhecia mais. O seu regozijo era enorme e manifestava-o sorrindo, já com uma boca sem dentes. Era bem cuidado na colônia por funcionários dedicados e bondosos e sempre que vinha ao nosso encontro, apresentava-se com roupas limpas e devidamente asseado, embora não lhe fosse e nem aos outros asilados, ter as calças presas por um cinto e sim por um cordão não muito forte. Isso, talvez, para evitar que se suicidassem ou se machucassem.

Rita, nas rotineiras visitas que fazíamos, trazia sempre um pito novo, de madeira e um pacote de fumo para cachimbo, que José recebia com um riso de Papai Noel e, em todas as chegadas, quando ele aparecia na porta de entrada-saída do alojamento, vinha sempre com um cachimbinho feito de bambu na boca ou no bernal que trazia a tiracolo. A sua satisfação era imensa, mas nunca se ficou sabendo se ele dava o pito novo para algum companheiro ou se lhe tomavam. O certo é que a cada visita um cachimbo novo substituía um de bambu.

Ali, sentados em baixo do arvoredor, à sombra, realizávamos o piquenique com o velho José, que, cheio de contentamento saboreava o regalo e, ao sentir-se satisfeito de comida, procurava, imediatamente, o cachimbo e passava a “caricare la pipa”. Enchia bem o forninho, levava o pito à boca e dizia: “adesso (agora) una cachimbata”, feliz, como se podia considerar pelo prazer estampado em seu rosto e pela fumaça azulada e olorosa que exalava.

Sempre foi um ser bom o Giuseppe, mesmo na alienação mental continuou a ser doce, bom. Calmo e tranqüilo, jamais ofereceu perigo para as pessoas que o cercavam, tanto que Hugo e Rita enxergaram a possibilidade de trazê-lo

para ficar uns tempos em casa. E isso aconteceu. Durante a sua estada de seis meses, novos fatos ocorreram que vieram comprovar o quanto aquele homem era maravilhoso. Cumulávamos o “vecchio” de atenções e afetos e a reciprocidade era verdadeira.

Ocupou um cômodo que dava saída direta para o quintal, com uma cama confortável, mesa e cadeiras e, ali, estava alojado contando sempre com a atenção de alguém da família. Toda vez que lhe traziam umas balinhas ou qualquer guloseima, aceitava sorrindo e, imediatamente, guardava ou no bolso ou na mesa, dizendo que “era para a bambina”. A menina era sua bisneta Cirene, com dois ou três aninhos, e que, também não saía de perto dele. Nunca perdera o hábito de distribuir aos outros o que possuía, e não era por motivos religiosos. É que ele era assim mesmo. A bondade personificada.

Numa oportunidade em que o levamos para a frente da casa, onde, junto ao portão, havia uma caixa do registro da água, ao perceber Cirene nela subir, rápido o quanto poderia ser, acercou-se, com os braços abertos em concha e se postou como uma proteção, a fim de impedir que a criança caísse: “Questo é periculoso per la bambina”, dizia.

E assim a vida ia caminhando, com o “vecchio” dando pouco trabalho e muita alegria quando, repentinamente, tudo mudou. Algo acontecera com ele e nunca ficamos sabendo bem o que fora. Ele passara o dia tranqüilo, mas pela madrugada, lá pelas duas horas e tanto, saiu do quarto e foi ao quintal e começou uma “briga” imaginária, esbravejando contra um inimigo invisível.

Dono de uma voz rouquenha e poderosa, xingava muito alto, numa linguagem italianada, ininteligível e, no final do

acesso, olhando para os lados onde se situava a sua antiga casa, sua propriedade desmantelada pelo seu primogênito, irado desferia, agora já em língua portuguesa, um “vai tomar no”..., para, em seguida, retornar ao seu quarto, colérico, acalmando-se aos poucos ante os nossos apelos, e dormir sossegadamente. Essa situação curiosa passou a repetir-se em quase todas as madrugadas, provocando, com justa razão, reclamações da vizinhança. Acabou por consumir o seu retorno a Franco da Rocha, para a imensa tristeza de todos nós. Foi uma pena. Deixou-nos um vácuo, uma enorme tristeza.

Numa das visitas em que nos recebeu, na colônia, alegremente, ao nos encaminharmos para a alameda onde nos reuníamos para o almoço, ficamos sabendo, em função de algum boato ou mera brincadeira, que José andava de namorico com a lavadeira dos uniformes dos asilados. Ao ser inquirido a respeito, José deu uma sonora e marota risada, respondendo: “Io sono vecchio.”

Noutra oportunidade, ao chegarmos à colônia, fomos cientificados que ele ali não se encontrava mais, pois fora transferido para a residência do Feitor e lá estaria morando. Deslocamo-nos para a casa do Feitor e, ao nos aproximarmos, fomos muito bem recebidos por sua esposa, uma senhora simpática e agradável, que nos indicou o quintal onde José estava prestando algum serviço. Fomos recebidos, surpreendentemente, por um homem de chapéu na cabeça e machado em punho. Era ele! Não, não para nos agredir. Era tal a confiança que o casal nele depositara pela sua mansidão, que não receram quando o “vecchio” se pôs a rachar lenha. Não representava qualquer perigo.

Ao final de sua vida, velhinho, com mais de 80 anos, alegrava-se ainda ao ser visitado, mas já não reconhecia os filhos, nem mesmo a sua Ritita. Vai longe o momento em

que nos deixou, lá pelo ano de 1961. Uma campa perpétua, no cemitério de Franco da Rocha, o abriga e representa o derradeiro elo e sinal da sua passagem pela vida. Hoje em dia, das filhas vivas, Olga e Rita, nem recebe, o seu túmulo, visitas, porquanto, ambas, com 90 e 95 anos respectivamente, já nem andar direito conseguem.

No Reino de Deus, se existir, o que não creio, José (Giuseppe) deveria estar ao seu lado, senão para oferecer-LHE uma laranja, uma banana ou uma outra fruta qualquer, pelo menos para, de machado em punho, cortar achas de lenha para manter acesa a lareira de sua sala ou para aquecer o seu desconhecido, sombrio e glacial paraíso.

Não se trata de um santo, nem se transformou em um anjo, embora tenha tido as qualidades de um, desses retratados pela ficção. O foi para Rita (Ritita), minha mãe, Hugo, meu querido e inesquecível pai. José Justo, Giusti, Justi, meu inolvidável avô, louco, um entre os poucos homens justos, honestos e bondosos que conheci e conheço. Ele foi o mais. Ele foi José – o Justo.

Agosto/2004

Acadêmico Plínio Tomaz



A batalha de Aljubarrota

A grande admiração que tenho pelos portugueses começou realmente, quando visitei o “Mosteiro da Batalha” em Portugal, feito em homenagem à “Batalha de Aljubarrota”.

Constatai a valentia desse povo tão sofrido, com altos e baixos e sempre sendo assediado pelos espanhóis, que toda hora queriam tomar posse de Portugal. As peripécias que os reis portugueses faziam, os casamentos da nobreza portuguesa com a espanhola, tudo isto para manter, o máximo possível equilíbrio e respeito mútuo.

D. Pedro I, rei português, nascido em Coimbra em 8 de abril de 1320 era filho de Afonso IV, casou-se com a espanhola D. Constança. Teve três filhos sendo um deles D. Fernando que assumiu o trono quando D. Pedro I morreu.

D. Fernando teve uma filha chamada Beatriz que se casou com o rei espanhol D. João I, rei de Castela.

D. Fernando infelizmente morreu cedo ficando vago o trono, e D. João I de Castela queria o trono português.

O rei de Castela, D. João I, invadiu Lisboa e foi obrigado a se retirar devido a uma peste que houve. Aguardava-se então outra batalha decisiva, em que Portugal iria passar para a Espanha, acabando a grande nação portuguesa.

Os portugueses reuniram os três estados (clero, nobreza, letrados e cidadãos) chamados as "Cortes", e em abril de 1385 aclamaram D. João I (1357-1433), filho bastardo de D. Pedro I, como rei de Portugal.

A batalha de Aljubarrota se deu em 14 de agosto de 1385 e foi a última batalha no estilo medieval.

O próprio D. João I de Castela comandava todo o exército castelhano, à frente de 30 mil homens, sem contar milhares de animais, 700 carroças, 8.000 cabeças de gado, pagens etc e um comboio completamente desorganizado. Todos estavam muito bem equipados e bem armados enquanto os portugueses estavam com poucas armas e mal equipados.

Os espanhóis tinham 5.000 lanças, 2.000 cavalos, 8.000 besteiros e 15.000 peões.

Os portugueses tinham somente 6.500 homens no total, incluindo 1.700 lanças, 800 besteiros, 4.000 peões.

Cerca de uns 200 besteiros eram ingleses que tinham sido contratados para a luta.

Antes da batalha os espanhóis fizeram um desfile de horas sob um sol forte para mostrar o seu poderio e humilhar os portugueses, que realmente ficaram impressionados com as armas novas e reluzentes do exército espanhol.

O comando da batalha do lado português, embora tivesse presente o rei D. João I era dirigido pelo contestável Nuno Álvares Pereira (1360-1431) que era filho do prior dos Hospitalários, uma ordem semelhante aos templários. O rei D. João I usou também táticas ensinadas pelos ingleses, pois tinha acabado de fazer um acordo com a Inglaterra e prometido casamento com a inglesa Felipa de Lancastre.

Como havia cinco espanhóis para cada português e possuíam as melhores armas, passaram a noite comendo e se divertindo com a batalha que ganhariam facilmente no dia seguinte. Dizem que os portugueses vendo que iam todos morrer passaram a noite orando e pensando como tornar cara a sua morte.

Mesmo numericamente superiores, os espanhóis foram derrotados pelos portugueses graças às táticas militares usadas por Nuno Álvares Pereira. Foi feito um quadrado de tropas portuguesas e a cavalaria castelhana foi atraída para uma vitória fácil. Os portugueses fizeram uma estacada de madeira onde no meio ficavam os arqueiros para derrubar a cavalaria.

Os espanhóis como uma cunha entraram num dos lados do quadrado e foram isolados e todos os cavaleiros castelhanos foram flechados e mortos.

Nas tropas espanholas estavam franceses e nobres portugueses como os dois irmãos de Nunes Alves Pereira, que foram os primeiros a morrer na batalha.

Milhares de espanhóis morreram, ficaram prisioneiros ou fugiram, largaram suas carroças e suas armas. A vitória foi esmagadora.

Dizem que Nunes Alves Pereira tinha acabado de ler as táticas de Alexandre, o Grande para os grandes exércitos, formando um quadrado e adaptou-as para a batalha de Aljubarrota.

Em homenagem à batalha de Aljubarrota, D. João I, rei de Portugal, mandou construir o Mosteiro da Batalha.

Existe ainda em Aljubarrota uma estatua em homenagem à “Padeira de Aljubarrota”.

No dia 14 de agosto de 1385 uma mulher chamada Brites de Almeida que tinha uma padaria encontrou sete espanhóis escondidos dentro do seu forno e que morriam de medo dos portugueses.

Quando resolveram sair do forno, a mulher matou um a um com uma pá para levar pão ao forno. Dizem que o rei espanhol, D. João I de Castela, fugiu vestido de padre para Santarém e depois pegou um barco e fugiu pelo rio Tejo o mais longe possível de Portugal e foi para a cidade espanhola de Sevilha.

A grandiosidade do Mosteiro da Batalha foi para mostrar aos espanhóis a vitória e o poderio português.

Crescimento e Declínio das Civilizações Antigas

Porque as civilizações antigas cresceram, chegaram a um ápice e depois caíram no esquecimento?

Vamos citar algumas civilizações bastante importantes que existiram no mundo e que acabaram há muito tempo. Na Mesopotâmia, isto é, a região localizada na Ásia Menor, que fica entre os rios Tigre e Eufrates, se desenvolveu uma civilização realmente extraordinária há 3000 a.C., os Sumérios, que fizeram a primeira escrita conhecida até hoje. Ao mesmo tempo surgiram os Egípcios no vale do rio Nilo na África do Norte. Em 2000 a.C. surgiram na Ilha de Creta a civilização denominada Minoana. Em 1000 a.C. surgiu no México os Olmecas, e a 900 a.C., surgiu no Peru a civilização Chavin. Em 1500 a.C., surgiu na China a civilização Shang.

Todas essas civilizações cresceram e acabaram. Por que acabaram é que os historiadores modernos procuram saber. Há um número enorme de teorias, e nenhuma delas funciona plenamente.

Lembro que quando comecei a estudar as civilizações, usávamos na escola o livro de Edward Macnall Burns, *História da Civilização Ocidental*, no qual estavam as hipóteses discutidas na década de 1950, tais como as teorias geográficas, climáticas, topográficas, teoria dos povos nômades, sendo que nenhuma delas apresentava nenhuma explicação razoável para todos os casos, sendo a explicação de algumas delas até engraçada.

Hoje surgem teorias sobre a estrutura social, as práticas agrícolas de irrigação ou não. Existem teorias da evolução urbana e a teoria marxista que liga a economia com as sociedades existentes na época. Mais recentemente temos a teoria da organização espacial, que analisa a expansão das cidades e as similaridades de uma cidade com outra. Temos ainda as teorias da alimentação, baseadas no comércio e na tecnologia. Mesmo usando métodos cronométricos de dotação, ainda fica difícil achar as verdadeiras causas da queda das civilizações antigas.

Alguns autores citam o crescimento da população com a intensificação da agricultura e depois a queda na produção agrícola. Citam também o uso de recursos minerais e a escassez dos mesmos. Aplicam-se atualmente computadores eletrônicos, com modelos de sistema dinâmico, onde entram um número enorme de variáveis, inclusive com dados sobre o meio ambiente, mas que também não chegam a nenhuma conclusão aceitável para todos os casos.

Sobre essas antigas civilizações, que alcançaram um nível alto de sofisticação e minha pergunta é por que o que elas aprenderam não foi ensinado para outros povos. Assim, os Minoanos da Ilha de Creta, que fica no Mar Mediterrâneo, possuíam o Palácio do Rei Minos em *Knossos*, que tinha banheira e bacia sanitária com descarga, quase igual às que se usa hoje. Por que estes conhecimentos não foram difundidos para outros povos?

Numa segunda-feira de manhã, no dia 15 de outubro de 1764, estava em Roma o escritor inglês Edward Gibbon, quando ouviu uns monges cantando

e daí escreveu o livro "*O Declínio e Queda do Império Romano*" que atribuiu a queda do império romano a três fatores:

a) crescimento da religião cristã, diminuindo os interesses do homem no governo;

b) preocupação constante do romano com a luxúria e os prazeres e uma corrupção total da sociedade;

c) pressão dos povos germânicos ao norte, que ficavam nas fronteiras sempre ameaçando atacar os romanos.

O que parece ser mais certo é que a queda dos romanos se deveu a constante pressão dos exércitos dos germanos.

Existem autores como *Tymothy R. Roberts*, que no seu livro *Ancient Civilizations*, publicado em 1997, optam por uma causa extrema, que é as pressões dos povos externos. Assim aconteceu com os Romanos, com os Babilônicos, com os Assírios, os Egípcios e com Atenas. Para estes povos parece bem evidente a causa da queda devido a pressões dos vizinhos. Mas será esta a causa real? Eu não sei.

De modo geral os países ricos ficam cercados por países pobres que querem a sua riqueza. Esses ataques constantes e duram séculos, e um dia surgem os resultados. Nos tempos atuais olhe-se a Áustria, cujo ódio aos estrangeiros cresce a cada dia (xenofobia), pois acham que estão sendo invadidos pelo povo pobre do leste, que irá acabar com os benefícios sociais e diminuir a riqueza da população, coisa que fatalmente ocorrerá. Segundo um filósofo alemão, que não me lembro o nome as grandes invasões do leste ainda não começaram.

Na televisão vi um professor de história da Universidade de Berkeley, da Califórnia dizer: “Mas o que se devia perguntar é por que o império romano não caiu antes, por que demorou tanto?”

É que os romanos, assim como os Estados Unidos tinham a visão do “destino manifesto”, conforme diz Edward McNall Burns. Os romanos achavam que o seu império era o último, e quando terminasse, o mundo acabaria em caos. E esta era a visão de toda a elite romana, que fez com que seu império durasse tanto.

É a mesma visão que os americanos dos Estados Unidos têm do mundo. O mundo tem que ser, o que eles acham que deve ser e se julgam os guardiões da humanidade. Como diz o poeta guarulhense Ibrahim Khouri num poema “cuidado com a polícia do planeta”. Todos devem lhe obedecer. Todos têm que tomar coca-cola, comer em *fast food*, ler em inglês, aprender a usar a internet e comer no *McDonald's*. Será que todas as civilizações têm o mesmo desejo? Será que a civilização islâmica pensa assim?

As causas da queda do império romano são tantas, como por exemplo, o imperialismo. Com as conquistas, a máquina militar e a administração saíam caras aos romanos. Houve um declínio da indústria, do comércio, crescimento da escravidão, desaparecimento da moeda, pestes de origem asiática devastaram os romanos no período de 166 d.C. a 252 d.C. despovoando povoações fronteiriças aos povos denominados bárbaros.

Embora alguns achem que é bobagem, muitos estudiosos continuam a falar da queda do império romano. Até o uso do chumbo em canalizações e vasilhames para guardar água potável e vinho são apontados como causas da queda

do império romano. A média de chumbo encontrado nos cadáveres dos romanos antigos era altíssima e o chumbo causa o saturnismo, que é cegueira bem como doenças no sistema nervoso. Houve uma degeneração da elite romana.

Em conclusão, até hoje não sabemos as causas exatas das quedas das grandes civilizações, e a meu ver não é um único fator e sim um conjunto de fatores que causou a sua destruição.

Radiestesia

A radiestesia é um fenômeno que as pessoas usam para localizar objetos perdidos, ouro, petróleo, água, pessoas perdidas, etc. As pessoas que acreditam na radiestesia são tantas que, o Ministério do Interior nos Estados Unidos fez um estudo detalhado sobre o caso e concluiu que tudo era “chute”. Os professores de geologia de engenharia na Escola Politécnica tinham insistido bastante nas pesquisas do *Bureau de Reclamation*. Nada havia de científico e as probabilidades de erro eram imensas. Lembro-me que o primeiro ministro da Inglaterra, *Winston Churchill* acreditava piamente na radiestesia, procurando nas horas vagas, poços de água potável.

A radiestesia usa diversos aparelhos para suas buscas, sendo o mais conhecido um galho de goiabeira em forma de Y, onde se segura uma haste em cada mão, e a varinha, misteriosamente, enverga e aponta onde tem água.

Segundo a associação americana dos radiestesistas (American Society of Dowzers com site <http://www.dowzers.org/>), o operador tem que pensar na quantidade de água, na profundidade, no pH da água, para o devido dimensionamento. Após ter localizado onde está o veio da água, o radiestesista, começa a pensar na vazão do poço, 1000 litros/hora, 2000 litros/hora até o dispositivo usado acusar. Ai então teremos a vazão certa. Da mesma maneira se acha a profundidade do poço tubular profundo, do pH da água.

As explicações para a envergadura da varinha, seriam que o portador da mesma, consciente ou inconscientemente, faz a mesma abaixar onde ele acha que existe água. Na maioria das vezes a pessoa realmente acredita que o movimento é involuntário. Existe o método do pêndulo, o qual oscila mais quando encontra a água.

Cheguei, por curiosidade, a experimentar duas varinhas de cobre descascado com cerca de diâmetro de 3/16” ou ¼” com comprimento em linha reta de 50 cm em forma de “L”, sendo que a parte que se segura na mão com cerca de 10 cm, está envolvida com o tubo plástico que na prática é uma caneta Bic sem a carga, podendo as hastes de cobre girar livremente sem contato com as mãos. Quem trouxe essa idéia para o Brasil foram os engenheiros da firma de consultoria *Montgomery* dos Estados Unidos, que nas horas vagas ensinavam os engenheiros da Sabesp a usar as varinhas. Quando encontram a água, as varinhas se abrem misteriosamente.

Fiz uns testes nos lugares onde tinha rede de água e deu certo. Nunca fiz aplicação prática. Um amigo meu, professor de hidráulica, que trabalhou na Sabesp, descobriu uma adutora a mais de 5 metros de profundidade em Pernambuco, usando as varinhas de cobre, e ele me jurou que o método funcionava.

A confiança na radiestesia é grande, não só em leigos, mas em muitos geólogos e engenheiros também.

A Indústria *Philips* do Brasil, uma multinacional holandesa, antes de comprarem o terreno em Guarulhos, contratou um Radiestesista que, com uma

varinha, localizou onde estava a água para se fazer o poço tubular profundo. Concluída a construção da indústria, começaram a fazer o poço tubular profundo e não acharam nada, só rochas. Contrataram um geólogo, e foi feito um poço na várzea do Rio Tietê a uns dois quilômetros de distância, sendo a água bombeada do poço até a *Philips*.

Quando executamos os primeiros quatro poços tubulares profundos no Jardim Santa Francisca, em 1968, com a cidade em época de crise, perguntaram-me qual o método de radiestesia que eu havia usado, se era a varinha ou o pêndulo. Respondi: – Nenhum dos dois. Foram aplicados os princípios da geologia.

Num encontro patrocinado pela ABAS (Associação Brasileira de Águas Subterrâneas) realizado em Fortaleza, Ceará, conversei com um geólogo cearense, filho de alemães, professor do Instituto de Geociências do Ceará, que usa a radiestesia para localização precisa do local de perfuração dos poços utilizando a identificação das falhas geológicas em mapas. Disse-me que ninguém quer discutir com ele o seu sucesso em achar poços, misturando geologia com radiestesia, que é de 100%. Se ele tinha razão eu não sei, pois, nenhum dos presentes quis discutir o assunto comigo.

Ultimamente, conversando com proprietários de firmas de perfuração, informaram-me que funcionários antigos que executaram um número enorme de poços na região da Grande São Paulo, usavam o método da varinha ou pêndulo para localizá-los, usando a experiência adquirida em anos de trabalhos, junto com os geólogos. Ninguém procura poços artesianos no alto do Pão de Açúcar e sim no sopé do morro. Existem

peçoas, que mesmo sem formação em geologia, têm uma sensibilidade muito grande em escolher o local em que se deve perfurar para achar água subterrânea.

Novamente presenciei em Guarulhos, no conjunto Marcos Freire, outro “fora” no uso da radiestesia. Conversei na época com o Diretor de Obras do CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano do Estado de São Paulo), responsável pelas obras, me afirma que estava levando o problema de água muito a sério. Já tinha contratado o homem da varinha e ia mandar fazer os poços tubulares profundos imediatamente nos locais indicados. Um não podia ser feito, pois caía dentro de uma casa, mas os outros estavam liberados.

Os poços foram perfurados e nenhum deles forneceu uma gota d’água. Solicitada minha ajuda indiquei que fossem consultados os geólogos do DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo). O poço foi localizado e perfurado com absoluto sucesso.

Mas em 27 de março de 1995 foi publicado no *Journal of Scientific Exploration* da Universidade de Stanford na Califórnia nos Estados Unidos, um artigo extenso que mostra as pesquisas realizadas por um físico alemão, Professor Hans-Dieter Betz, formado na Universidade de Munique. As pesquisas foram custeadas pelo governo alemão.

Em resumo foi o seguinte. O Professor Betz, durante dez anos, construiu 691 poços no Sri Lanka, todos baseados em radiestesia e obteve sucesso em 96% dos poços, em lugares áridos, onde a taxa de sucesso baseado em geologia seria de 30 a 50%. O mais

interessante é que os radiestesistas acharam também a profundidade dos poços com erro de 10 a 20%.

O professor Betz fez, durante os dez anos, um total de 2.000 poços nos seguintes países: Sri Lanka, Zaire, Quênia, Namíbia, Yêmen e outros países áridos.

O professor aproveitou também para experimentar os radiestesistas, colocando-os sobre uma plataforma onde não podiam ver as tubulações de água que eram removidas para lugares diferentes. Houve total insucesso em se localizar as redes de água que não tinham contato com a terra.

Da experiência, não houve nenhuma resposta científica quanto aos resultados, afirmando todavia de que não se trata de uma sensibilidade biológica.

No final do trabalho, o professor Betz aconselhou o uso da radiestesia juntamente com os estudos hidrogeológicos, para se localizar os poços de água subterrânea.

A radiestesia ainda é muito usada, e continuará assim para sempre. Afinal, não há mal em usá-la. Eu ainda prefiro a geologia.

Natal

No dia 25 de dezembro é comemorado no mundo cristão o Natal. Mas, afinal de contas qual a origem do Natal?

A origem do Natal é a data oficial de comemoração do nascimento de Jesus Cristo, o filho de Deus.

Quem estabeleceu a comemoração do nascimento de Jesus Cristo foi o imperador romano Constantino que reinou de 312 d.C. até a sua morte em 337 d.C. Antes de assumir o poder em 312 d.C. Constantino sonhou com uma cruz luminosa que era usada pelos cristãos. Ordenou que todos os escudos dos soldados tivessem a cruz luminosa e as duas primeiras palavras do nome de *Krhistos* que seriam as letras gregas qui e rô. Constantino ganhou a batalha de Maxêncio e daí a religião cristã passou a ser a religião oficial do governo romano embora as outras ainda continuassem a existir.

O interessante é que Constantino só se converteu ao cristianismo antes de morrer. Antes disso Constantino adorava o deus Sol que era chamado de “Sol invictus”, ou seja o “Sol Invencível”.

O culto ao “Sol Invictus” era de origem Síria. Fora introduzido em Roma um século antes da época de Constantino. Era um culto monoteísta.

O Sol Invictus misturava-se também com uma antiga religião de Zoroastro que era o culto de Mitra. O Mitraísmo

estava na época tão próximo do culto ao Sol Invictus que os dois freqüentemente se confundiam. O Mitraísmo tinha a sua grande festa no dia 25 de dezembro assim como o culto ao Sol Invictus. O Mitraísmo enfatizava a imortalidade da alma, o julgamento futuro e a ressurreição dos mortos.

Na verdade, o cristianismo está, em alguns assuntos, muito próximo desses sistemas pagãos de pensamento.

Naquela época dos romanos, os cristãos comemoravam o dia sagrado da semana no sábado; era o sabá judaico. A própria palavra “sábado” no hebraico possui o sentido de “descanso”. Na verdade, Deus ensinou aos homens a importância de guardar um dia para descanso e para a adoração, ou seja, para o seu próprio Deus.

A partir do edito promulgado por Constantino em 312 d.C., foi adotado o domingo o dia do sol como o dia sagrado. Em inglês domingo é *sunday*, isto é, o dia do sol e a palavra “domingo” vem de “Deus Domenicus” que significa o “dia do senhor”, que era logicamente o sol.

O culto ao Sol Invictus era comemorado anualmente no dia 25 de dezembro que para os pagãos era o nascimento ou seja o renascimento do Sol, pois os dias começavam neste dia a se tornar perceptivelmente mais longos. Constantino adotou o nascimento de Jesus Cristo como sendo o dia 25 de dezembro, sendo que naquela época os cristãos comemoravam a data de nascimento de Jesus Cristo como sendo o dia 6 de janeiro.

Uma questão bastante investigada é o dia de nascimento de Jesus Cristo, que provavelmente não é o dia 25 de dezembro, nem 6 de janeiro. Talvez seja um dia de março ou abril. Talvez seria o dia em que apareceu aquela estrela brilhante em que os três reis magos se orientaram.

A discussão da verdadeira data de nascimento é irrelevante, como também o fato de que Jesus nasceu 4 (quatro) anos antes do início do seu nascimento oficial. O nascimento de Jesus Cristo é na verdade um evento, um fato histórico que foi testemunhado e documentado. Houve de fato o recenseamento romano.

O que mais me impressiona a respeito do nascimento de Jesus Cristo é que cerca de 780 anos antes, dois profetas judeus um chamado Miquéias e outro chamado Isaías, de classe social distintas e lugares diferentes, previram o nascimento de Jesus Cristo na cidade de Belém, onde tinha nascido também o rei David.

Há uma impossibilidade de o homem através dos seus pensamentos chegar a Deus. O homem precisa de alguma coisa que venha do céu e nos ensine a mensagem de Deus. Veio Jesus Cristo, veio o evangelho, que quer dizer “boas novas”. Portanto, o Natal é a comunicação direta de Deus com cada um de nós. O Natal é a vinda de Deus a este mundo.

O Natal não é um dia para se passar em branco. É o dia que aquelas pessoas que não aceitaram Jesus Cristo, passem a ter a experiência pessoal, de nascer de novo e Cristo deve estar dentro da gente. Nascermos de novo quando entregamos nossa vida ao controle absoluto de Cristo.

A troca de presentes, os jantares ou almoços são coisas humanas. No Natal temos que renascer com Jesus Cristo e sentir a mensagem de Deus.

William Wallace

No ano 2000 foi lançado nos cinemas do Brasil o filme chamado *Coração Valente*. O herói é *William Wallace* (1272- 1305).

Antes de explicar quem era *William Wallace* vamos mostrar alguma coisa sobre o rei inglês *Edward I* (1239 a 1307) e que reinou de 1272 a 1305.

Edward I iniciou o que se chama de guerra perpétua, isto é, a Inglaterra estava sempre em guerra com alguém.

O sonho de *Edward I* era tomar a Escócia, mas *William Wallace* derrotou a Inglaterra na Batalha de *Stirling*, quando a cavalaria inglesa sofreu uma derrota humilhante pela infantaria escocesa, graças à sua astúcia. Os ingleses não podiam manobrar suas tropas devido ao pântano existente e as tropas de apoio ficaram prejudicadas, pois tinham que passar numa ponte muito estreita. Após essa batalha *William Wallace* invadiu a Inglaterra e tomou *York*.

Em 1298, *William Wallace* foi derrotado pelos ingleses na batalha de *Falkirk*, mas foi preso e vendido aos ingleses em 1305. Foi julgado traidor pela coroa inglesa, mas no julgamento *Wallace* disse que não era traidor pois não reconhecia o rei *Edward* como o seu rei. Mesmo assim, no mesmo ano, lhe cortaram a cabeça aos 33 anos de idade.

No filme *Wallace* grita *Freedom* ou seja, *Liberdade*, antes de morrer.

Em 1298, os ingleses foram derrotados pelos escoceses na batalha de *Bannockburn* comandados por *Robert Bruce*. As forças de *Robert Bruce* eram 1/3 das inglesas, mas os escoceses estavam bem preparados. *Bruce* tinha aprendido durante anos nas florestas as técnicas de *William Wallace*.

O tratado de *Northampton* foi feito em 1328 com a Inglaterra através do rei *Edward III* e a Escócia reconheceu o Rei *Robert Bruce I* (1274 –1329) como o primeiro rei deste país.

Robert Bruce I reinou na Escócia de 1306 a 1329. Foi coroado em 1306, um ano após a morte de *William Wallace*.

Quando morreu *Edward I*, assumiu seu filho *Edward II*, que era casado com *Isabelle* da França.

O rei *Edward II*, que governou de 1307 a 1327, foi deposto pelo parlamento inglês com o apoio da rainha *Isabelle* e de seu filho *Edward III*, que tinha em 1327 somente 15 anos de idade.

O rei *Robert Bruce I* da Escócia incentivou a Irlanda a se revoltar contra a Inglaterra.

Quando os templários de *Jacques de Molet* foram queimados na França uma parte fugiu para Portugal onde fundaram a Ordem de Cristo e outra parte fugiu para a Escócia. Lá se uniram ao rei *Robert Bruce I* que fundou a maçonaria escocesa.

Joana D'Arc

Todos já viram algum filme, alguma peça de teatro ou leram livros sobre Joana D'Arc, que foi queimada viva pelos ingleses, mas o último filme retrata quase que fielmente a sua vida.

O fato é que Joana D'Arc não é lenda, pois realmente existiu. Existem dois documentos principais, o primeiro chamado "Julgamento da Condenação", e o segundo o "Julgamento da Reabilitação". A sua prisão e dados de sua vida estão extremamente detalhados através de declaração dela mesma.

A França naquele tempo tinha mais da metade do seu território dominado pelos ingleses desde 1415 e Joana D'Arc recebeu uma mensagem de Deus para que fosse comandar suas tropas francesas e derrotar os ingleses.

Havia várias profecias antes de surgir Joana D'Arc. Uma delas lembrada por Gérard Machet, era de que "uma pessoa simples da França virá ajudar o rei da França". Outra profecia mais famosa é de Marie d'Avignon, que profetizou ao rei Charles VII, alguns anos antes, que: "virá uma pessoa do povo que libertará a França de seus inimigos". Na verdade quando Joana D'Arc apareceu todos já a esperavam devido às profecias.

Joana D'Arc nasceu, na França na cidade de Domrémy, perto do rio Meuse, em 1412. Em 1425, começou a ouvir vozes. Em dezembro de 1428, deixa a cidade

onde nasceu e vai em direção ao Delfim da França, que seria depois o rei Charles VII. De Chinon foi mandada para Poitiers onde seria examinada por três semanas por um comitê da igreja indicado pelo rei.

Ela então fez duas profecias que se concretizaram: a primeira seria que os ingleses seriam derrotados; a segunda, que o delfim seria coroado rei na Catedral de Rheims.

Fizeram uma armadura para ela e quando foram lhe dar uma espada ela disse que a espada, que queria tinha cinco cruzeiros e uma flor-de-lis marcada e estava num lugar secreto da igreja de Sainte Catherine-de-Fierbois. O pessoal foi até lá e achou a espada. Joana D'Arc não conhecia a igreja de Santa Catherine e sua espada ficou famosa como uma espada mágica.

O sítio a Orleans começou em outubro de 1428. Os ingleses eram comandados pelo melhor general, o duque de Salisburry Thomas Montacute. Havia duas torres chamadas "The Tourelles" e foi lá que Joana D'Arc o atacou. O inglês que comandava "The Tourelles" era Sir William Glasdale. Os franceses sob o comando de Joana ganharam a batalha.

Em 1429 os franceses ganharam a batalha de Patay e esta foi a última batalha da chamada Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra. Os ingleses perderam todas as suas possessões na França ficando somente com o porto de Calais.

Após tomar Orleans, Joana D'Arc fez várias outras investidas contra os ingleses mas sem o apoio do rei Charles VII. No ataque a Campiègne perto de Paris no ano de 1430 ela foi tirada do seu cavalo por Jean de

Luxembourg, um hábil capitão que estava a serviço do Duque de Burgundy.

Mais tarde foi negociada e vendida para as autoridades inglesas que estavam em Rouen. Foi julgada por heresia e bruxaria e queimada viva, amarrada em uma estaca na praça do Mercado Velho na cidade de Rouen em 30 de maio de 1431.

Foi presa na Tour de Coudrai na mesma cela em que estava o grande mestre dos templários Jacques de Molay que também foi queimado vivo em uma estaca. De Molay escreveu na parede as seguintes palavras "Peço a Deus que me perdoe".

Quando estava sendo queimada pediu ajuda a São Michael e Santa Catherine. Gritou pela água sagrada e gritou antes de morrer: "Jesus." São Michael era um símbolo da resistência francesa contra os ingleses e Santa Catherine morreu virgem da mesma maneira que Santa Margaret.

O Delfim que se tornou depois Charles VII nasceu em 22 de fevereiro de 1403 e morreu em 1461, e foi rei da França desde 1422 até sua morte em 1461.

Um dos grandes mistérios de Joana D'Arc são as vozes e as visões que tinha. Alguns especialistas afirmaram que na Inglaterra 52% das pessoas entre 15 anos e 30 anos têm algum tipo de experiência de alucinação. A verdade é que ninguém sabe a verdade e o importante é que suas visões se cumpriram, não totalmente, mas quase todas.

Joana D'Arc, a donzela de Orleans, foi canonizada pelo Papa Benedito XV em 1920, e é considerada a Santa Padroeira da França.

Ramos de Azevedo

O dr. Ramos de Azevedo nasceu no dia 8 de dezembro de 1851, quando se comemorava a festa da Imaculada Conceição na cidade de São Paulo e Guarulhos, fazia mais um aniversário desde a sua fundação em 1560.

A grande importância de Ramos de Azevedo para Guarulhos é que ele projetou e construiu de 1908 a 1910 a sede da Fazenda Cabuçu, onde morava o diretor gerente da Empresa Cerâmica Paulista, o sr. Francisco Gonzaga de Vasconcelos, cujos descendentes moram em Guarulhos.

A sede da Fazenda é hoje o Teatro Municipal Nelson Rodrigues, que conserva ainda algumas das características do projeto original, o qual tinha as varandas grandes, porões e vasos decorativos, escadaria de entrada e janelas coloniais, que não existem mais. Cheguei a ver uma fotografia da época quando a mãe do sr. Moacir Vasconcelos estava dando milho aos gansos num gramado muito grande, que hoje é o Lago dos Patos, que não existia na época e, nos fundos, se via a casa construída por Ramos de Azevedo.

A cerâmica Paulista (1911), que ficava em Guarulhos, fabricava tijolos e telhas com máquinas alemãs. Foi a primeira indústria mecanizada de cerâmica no Estado de São Paulo. O Liceu de Artes e Ofício, a cripta da Sé, o Colégio Mackenzie e a Santa Casa de Misericórdia foram feitos com tijolos guarulhenses, como diz o livro *Ritos de Passagem* de Lineu Roque Aceiro.

Seu nome completo é Francisco de Paula Ramos de Azevedo e gostava de falar que era campineiro, embora tivesse nascido em São Paulo. Estudou o curso primário em Cam-

pinas, depois foi para o Rio de Janeiro onde cursou a Escola Militar na Praia Vermelha, em 1869, quando tinha então 18 anos e o Brasil estava em guerra com o Paraguai.

Ramos de Azevedo não se deu bem com os militares e saiu da escola sem terminar o curso, voltando para Campinas, onde, a convite do Conde de Parnaíba, trabalhou em ferrovias.

Como era de costume na época, os filhos dos fazendeiros de café iam estudar na Europa e Ramos de Azevedo foi estudar na Bélgica que tinha o curso mais barato. Matriculou-se no curso de engenharia na *Universidade de Gand*.

Em 6 de junho de 1878 recebeu o diploma de Engenheiro-Arquiteto (*Ingenieur Architecte*) *avec grand distinction* (com grande distinção), sendo o primeiro aluno da classe.

Vindo da Bélgica, Ramos de Azevedo foi para Campinas trazendo as idéias novas de arquitetura. Fez várias obras em Campinas, desde os casarões dos barões do café a algumas obras públicas. Fez, ainda, amizade com um engenheiro nascido em 6 de dezembro de 1843 na cidade de Itu, chamado Antonio Francisco de Paula Souza, que tinha estudado engenharia na *Escola Carlsruhe* na Alemanha e voltado para o Brasil em 1869. Mais tarde em 1894, Paula Souza fundou a Escola Politécnica no solar do Marquês de Três Rios. A Escola Politécnica foi criada pela lei número 191 de 24 de agosto de 1893.

Ramos de Azevedo era republicano e voltou ao Brasil com as idéias positivistas da Europa que estavam em moda no Brasil.

Tudo indica que foi o seu grande amigo General Francisco Glycério, que o introduziu na maçonaria. Ramos de Azevedo também pertenceu a Escola Politécnica, na qual o Dire-

tor Paula Souza tinha trazido da Alemanha e fundou uma sociedade secreta chamada *Landmanscraft*, cujo presidente era ele mesmo. Quando morreu Paula Souza, em 1917, assumiu a direção da Politécnica o vice diretor Ramos de Azevedo, assumindo também a presidência da sociedade secreta. Quando Ramos de Azevedo morreu em 1928, outro diretor da Politécnica assumiu a presidência. Estudei na Politécnica de 1962 a 1966 e nunca ouvi falar daquela sociedade secreta chamada *Landmanscraft*.

Em Campinas, depois da cerimônia de inauguração do matadouro em 8 de março de 1881, Ramos de Azevedo convidou os seus amigos para um modesto “copo d’água”, em sua casa. Os jornais estranharam o termo, não sabendo que é usado para uma festa comum depois de uma reunião maçônica.

Quando a Politécnica foi instalada em 15 de fevereiro de 1894, logo depois Ramos de Azevedo conseguiu criar o curso de arquitetura com lei especial nº 3 de 23/7/1894 e lecionou para os arquitetos e para os engenheiros civis a cadeira de “Elementos de Arquitetura”.

Depois de morar um certo tempo em Campinas, Ramos de Azevedo mudou para São Paulo, onde trabalhou em seu escritório técnico.

As obras de Ramos de Azevedo foram imensas. Vamos citar o Teatro Municipal, o Palácio das Indústrias (1910-1924), o prédio da *Light*, o asilo dos alienados do Juqueri, o prédio do Liceu de Artes e Ofício (atual Pinacoteca), o prédio da Escola Politécnica (1908), a Escola Normal da Praça da República (1900), o Quartel da Luz (Batalhão Tobias de Aguiar-1892), o *Hotel de La Plage* no Guarujá.

Por incrível que pareça, o monumento do Ipiranga não

foi feito por Ramos de Azevedo, embora tenha entrado no concurso e sim pelo arquiteto italiano *Tommaso Gandenzio Bezzi*, que era amigo de D. Pedro II.

Em questão de estilo é sempre bom salientar, que o escritório de Ramos de Azevedo não tinha um estilo definido. Os edifícios públicos de modo geral seguiam o modelo “clássico”, enquanto que, nas casas dos ricos, usava-se o estilo “neocolonial” com seus sobrados grandes e isolados das divisas. Usavam também o estilo “campestre” com varandas, alpendres como a casa da família dos Vasconcelos (Teatro Nelson Rodrigues). Algumas vezes usava o estilo florentino, que alguns não gostam, como no Palácio das Indústrias com 6.500m² de área construída.

O prédio da Light foi projetado por arquitetos de Nova Iorque, mas a construção é de Ramos de Azevedo.

Quando era criança cheguei a ir com meu pai, mãe e irmã ao Guarujá e vi o antigo *Hotel de La Plage* (Hotel da Praia), na praia da Pitangueira, onde havia um cassino que tinha sido fechado. Foi neste Hotel, em 13 de junho 1928, que morreu o dr. Ramos de Azevedo, de uma infecção gripal forte e em 23 de julho de 1932, no mesmo hotel, quarto 152 Santos Dumont suicidou-se.

O mais importante de tudo é que Ramos de Azevedo era um homem culto, um grande arquiteto, um grande comerciante que trouxe uma nova vida para a arquitetura paulista e para o Brasil. A execução de suas obras tinham uma dificuldade maior do que hoje, pois quase tudo era importado, inclusive o cimento que vinha em barricas e faltava mão de obra especializada.

Psicologia das multidões

O estudo da *Psicologia das multidões* ou das *Psicologia das Massas* foi feito pela primeira vez pelo sociólogo francês *Gustave Le Bon* em 1886.

Os fatores que determinam as *opiniões e crenças* são dois, os *fatores imediatos* e os *fatores remotos*. Os fatores remotos são: raça, tradição, tempo, instituições políticas e sociais e educação.

A *raça* tem uma importância fundamental, principalmente nas crenças, nas artes, enfim em tudo.

As *tradições* representam os sentimentos do passado e são uma síntese da raça. Um exemplo de conservação das tradições são os romanos antigos e os ingleses modernos, que mantiveram a sua tradição.

O *tempo* é importante, pois o mesmo remove montanhas, grão por grão. As opiniões e crenças são adquiridas pelas multidões, de acordo com o tempo.

Os *fatores imediatos* das opiniões e crenças são: imagens, palavras, fórmulas, ilusões, experiência e razão.

Imagens, palavras e fórmulas

O *poder da palavra* é impressionante. As palavras evocam imagens, que variam conforme a idade das pessoas e de povo para povo. Certas palavras estão associadas a imagens que agem como o botão de uma campanha elétrica. Mas não são todas as palavras que

provocam imagens e sim algumas, como república, liberdade, pátria e democracia cuja definição é muito longa e cada uma tem a sua explicação.

A razão e argumentos são incapazes de combater certas palavras e fórmulas.

Assim a idéia de república dos romanos, que possuíam escravos e uma aristocracia que dominava o poder, não é a mesma de hoje. A palavra pátria variou muito desde os espartanos e atenienses até hoje.

Foram os romanos que unindo os gauleses através de uma única religião, constituíram uma unidade política na Gália.

O conceito de democracia não é o mesmo dos ingleses. Para nós, democracia significa que o indivíduo está subordinado ao Estado e que o Estado deve tomar todas as medidas para a população. Para os ingleses é ao contrário, a democracia significa que o Estado está subordinado ao indivíduo e que alguns serviços como segurança, forças armadas, relações diplomáticas pertencem ao Estado e todo o resto pode ser feito pelo indivíduo.

Ilusões

As civilizações sempre foram impulsionadas por *ilusões*. Quantos templos, estátuas e altares foram construídos por todas as classes sociais.

Na Idade Média se construíram mais de 26 mil igrejas e conventos em menos de 150 anos.

Experiência

Existe numerosas experiências que fornecem muitas lições, como a Revolução Francesa de 1789 e o comunismo implantado na Rússia (1917 – 1992).

Razão

As multidões nunca usaram a razão e sim a emoção. As leis da lógica não se aplicam às multidões.

Líderes das multidões

Os líderes servem como guias. Grandes homens como o apóstolo Paulo, Lutero, Maomé, Cristóvão Colombo, Ferdinand Lesseps e Garibaldi exerceram a sua liderança. Todas as esferas sociais, da mais alta à mais baixa, são influenciadas pelos líderes.

Os meios de ação dos líderes:

afirmação, repetição e contágio.

A multidão é influenciada rapidamente por sugestão através do exemplo. Le Bon destaca a importância do *prestígio*. São básicos os três princípios: *afirmação, repetição e contágio*.

Afirmação

A *afirmação* tem que ser simples e concisa, e tem influência quando a mesma é repetida continuamente. A repetição contínua fixa na mente e é aceita finalmente

como se fosse verdade. Isto era muito usado pelo ministro da propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, que dizia que uma mentira dita mil vezes virava verdade.

A idéia da afirmação é usada nas propagandas continuamente pelos jornais, rádios e televisões.

As afirmações são repetidas tantas vezes, que acabamos esquecendo quem foi o autor das mesmas e passamos a acreditar nelas.

O *contágio* é muito importante, pois as idéias, sentimentos, emoções e crenças nas multidões produz um contágio intenso, como se fossem micróbios.

“Dize-me com quem andas, e eu te direi quem és,” falavam nossos pais. Pois isto é verdade. O contato com as pessoas traz influências umas nas outras pelo *contágio*.

As opiniões e crenças das multidões são propagadas por *contágio* e não pela razão.

O contágio é uma força tão importante, que mesmo os sentimentos pessoais desaparecem sob a ação do mesmo.

O *prestígio* é uma força misteriosa que se adquire através da afirmação, repetição e contágio.

O prestígio se deve a sentimentos de admiração e medo. Todos nós consideramos indiscutível prestígio de Alexandre, o Grande, Julio César, Maomé, Buda, por exemplo, mas as divindades estranhas e monstruosas, como Moloch, existentes na antiguidade são esquecidas.

O prestígio exerce uma dominação nas nossas mentes e pode ser individual, uma idéia ou uma obra.

O prestígio pode ser pessoal ou adquirido. O

prestígio pessoal de grandes líderes como Buda, Maomé, Joana D’Arc e Napoleão é indiscutível. O prestígio adquirido é dado pelo título, dinheiro e reputação. Quem ousa discutir o prestígio do Partenon de Atenas na Grécia e tem coragem de criticar um livro aborrecido como a *Odisséia de Homero*? Devido ao prestígio, ninguém discute os valores dos mesmos. Quem tem coragem de criticar o quadro da Monalisa, de Leonardo da Vinci?

Um outro fenômeno social importante é a *imitação*, onde independente da classe social, o homem é influenciado. A imitação é uma regra inconsciente que todos seguem. Como exemplo, temos os estilos de pintura, como a moderna, e livros, como os de ficção etc., onde as pessoas que imitam acabam adquirindo um grande prestígio.

A queda do prestígio provoca nas pessoas a destruição do herói e o mesmo não é mais admitido. Robespierre quando, por poucos votos, perdeu o seu poder, foi logo guilhotinado, pois perdeu o seu prestígio imediatamente.

De modo geral as multidões quebram as estátuas de seus líderes quando acaba o seu prestígio. É o que aconteceu com Stalin e Sadan Hussein. As estátuas são ídolos, e eles são sempre derrubados.

As opiniões e crenças das multidões podem ser divididas em duas classes: as *crenças permanentes* e as *transitórias*.

Os romanos antigos tinham uma crença fanática no culto a Roma, e acreditavam que eram os senhores do mundo. Quando esta crença acabou, caiu o império

romano. Assim acontece com as grandes nações. Os americanos de hoje possuem a mesma crença dos romanos antigos.

A crença para ser estabelecida por uma nação pode ser falsa, mas pode ser imposta para todas as classes sociais e aceita pelas pessoas mais inteligentes.

Observe que grandes gênios como Newton, Galileu e Leibnitz não discutiram as crenças das suas épocas, e as aceitaram.

Ainda hoje existem pessoas que tem a crença num socialismo utópico de eterna felicidade, embora já tivéssemos os exemplos, da Rússia e da Alemanha Comunista, onde não houve essa felicidade.

Mudanças de opiniões das multidões

A multidão muda constantemente de crenças, tanto na parte política como religiosa.

Um bom exemplo é o que aconteceu na França durante a revolução no período de somente 30 anos, de 1790 a 1820. O povo era católico e com a revolução virou ateu, como Voltaire e outros. Depois virou deísta, isto é, só acreditavam em Deus, e no fim voltou a ser católico novamente. Quem lê detalhadamente a revolução francesa verifica a mudança das crenças em tão pouco tempo.

Os artistas e escritores constantemente trocam de valores.

A diferença de opiniões se deve a três diferentes razões: velhas crenças, extrema mobilidade das crenças e os jornais, televisão, rádio etc.

No passado os jornais e os escritores tinham influência na nação; mas hoje não. A influência da mídia causa transformações tão violentas que a mobilidade das idéias é enorme e os políticos aproveitam essas idéias. Para vender mais jornais e ser ouvido ou assistido, a mídia muda de opinião constantemente.

Antigamente os jornais como o *Estado de São Paulo* tinham uma opinião definida, mas depois da revolução de 64 passaram a ser como os outros, só se interessando pelas ondas de crenças que são divulgadas.

Classificação das multidões.

As multidões podem ser *homogêneas* ou *heterogêneas*.

As *multidões homogêneas* são as religiões, os partidos políticos etc.

As *multidões heterogêneas* podem ser de dois tipos: *multidão anônima*, como o povo da rua, ou *multidão não anônima* escolhida por um tribunal de júri, uma assembleia, um parlamento etc.

Multidão dos eleitores

A multidão dos eleitores constitui uma *multidão heterogênea* e os métodos de persuasão são os seguintes. Primeiramente é necessário que o candidato tenha prestígio, não sendo muito importante o talento ou ser um gênio.

Mas o prestígio somente não garante o sucesso,

sendo preciso que se façam as promessas mais fantásticas sem nenhuma hesitação, usando afirmação, repetição sem parar.

Os argumentos do candidato adversário não devem ser combatidos. A técnica de persuasão deve ser muito usada. Palavras-chave como *exploração do operário, elites dirigentes, socialização da riqueza* devem ser usadas.

Muitas vezes a palavra escolhida tem para cada grupo social uma *significação* e é a melhor alternativa.

Para a compreensão do comportamento de uma multidão, nunca deve ser esquecido que ela é influenciada somente por *medidas emocionais*.

Coimbra e a integração nacional no Brasil

A língua portuguesa foi o principal fator da união dos estados no Brasil, impedindo que os mesmos se separassem em países, como aconteceu na América Espanhola.

Um outro fator preponderante, era o vínculo que se estabeleceu entre os portugueses e os filhos gerados no ventre de negras e das índias, que era veementemente criticado por Gregório de Matos, o Boca do Inferno.

Bem como no parecer do poeta e historiador Flavio Cleto Giovanni Trombetti, a presença do Príncipe português. D. Pedro I, manteve todo o território unido.

Outros autores citam o centralismo do governo português como uma das causas da integração nacional. Mas existe um outro fator que é a Universidade de Coimbra localizada em Portugal.

Todas as famílias ricas que moravam no Brasil colônia iam estudar em Portugal na Universidade de Coimbra. Lá, durante os cinco anos de estudos, faziam amizade entre si, que continuavam no Brasil, mesmo estando em províncias diferentes.

Praticamente todos os estudantes de Coimbra eram pessoas importantes e sempre ficavam no domínio das leis para manutenção da ordem pública.

Dessa maneira, os estudos dos brasileiros na

Universidade de Coimbra proporcionou a união das províncias.

A Universidade mais antiga de Portugal, foi criada em Lisboa pelo rei D. Dinis em 1 de março de 1290. Chamava-se "Estudo Geral" e ora funcionava em Lisboa e Coimbra, e a distância entre as duas cidades era de 196 km. Ensinava: Leis, Medicina, Cânones e Artes.

Em 1303, a Universidade fixou-se definitivamente em Coimbra, mas efetivou-se a sua instalação somente no ano de 1537, ao lado do rio Mondego que nasce em Portugal e deságua no oceano Atlântico.

O rei D. João V (1706-1750) mandou construir a famosa Biblioteca D. João V, conhecida como Joanina com 300mil livros que existem até hoje e que podem ser consultados somente por pessoas especializadas. A Biblioteca Joanina foi construída entre 1716 a 1724.

A cidade se desenvolveu em torno da Universidade e em 1765 tinha matriculados 4629 alunos, sendo que a população da cidade toda era de 8000 pessoas. No ano 2002 Coimbra tinha 150 mil habitantes.

Em 1772 o Marquês de Pombal, o grande iluminista, expulsou os jesuítas de Coimbra, ampliou a Universidade e mudou todo o ensino. Criou-se o curso de Filosofia e Matemática. D. Francisco de Lemos, nascido no Brasil, foi o reitor-reformador da Universidade de Coimbra a mando do Marquês de Pombal.

Em 1783, José Bonifácio e mais 22 brasileiros matricularam-se na Universidade de Coimbra quando a mesma estava em plena reforma do ensino. Após praticamente cinco, anos José Bonifácio formou-se não

só no curso Jurídico como também em Filosofia e Matemática, obtendo três diplomas de nível superior.

Depois de formado José Bonifácio foi para Lisboa onde ficou dois anos e conheceu o Duque de Latões que o convidou a custo do governo português a estudar dez anos em toda a Europa. Estudou mineralogia com Werner e metalurgia na Escola de Minas de Freiberg. Falava alemão e francês corretamente. Descobriu na Europa doze minerais pesquisando na Escandinávia um que lhe trouxeram da Groelândia.

As cerimônias importantes em Coimbra eram realizadas na Sala Grande dos Atos, conhecida também como a Sala dos Capelos. Dá a impressão que vamos encontrar o estudante José Bonifácio de Andrade e Silva, que foi aluno e depois professor catedrático de metalurgia. Tinha somente seis alunos, pois os portugueses não se interessavam pelo assunto.

Depois que a família real foi para o Brasil, José Bonifácio lutou contra os franceses em Portugal, chegando a ser Tenente-Coronel, e montou uma fábrica de pólvora para alimentar os canhões.

José Bonifácio depois voltou para o Brasil juntou-se à maçonaria e junto com D. Pedro I proclamaram a independência do Brasil, mantendo-se a união de todas as províncias em torno do imperador.

Assim como José Bonifácio, grande quantidade de brasileiros estudaram em Coimbra. De Portugal estudaram em Coimbra, Almeida Garret, Antero de Quental, João de Deus e Eça de Queiroz entre tantos outros.

Portanto, Coimbra tem para nós brasileiros, uma

importância maior ainda que o ensino e educação, que foi a unificação de todas as províncias num único país, o Brasil.

O símbolo característico da Universidade de Coimbra que é a Torre construída em 1728 ainda continua erguida e a Universidade de Coimbra está em pleno funcionamento.

Geopolítica dos soviéticos

Os estudos de geopolítica são interessantes e os resultados nos surpreendem.

Lendo há alguns meses um artigo no jornal *Folha de São Paulo* deparei com uma informação interessante sobre o *Red Army and the Wehrmacht*, isto é, o exército vermelho e o alemão e acabei adquirindo o livro citado, escrito em 1995 por dois escritores russos: *Yuri Dyankov e Tatyana Buschuyeva*..

Os autores do livro consultaram os arquivos secretos da Rússia e obtiveram dados e relatórios que comprovam o ótimo relacionamento entre os soviéticos e os alemães após o término da Primeira Grande Guerra em 1918.

A Alemanha foi humilhada no Tratado de Versailles de 1919, motivo pelo qual, a Segunda Guerra Mundial já estava delineada como predisse o economista inglês *John Maynard Keynes*.

Em 11 de agosto de 1922, a Alemanha e a União das Repúblicas Soviéticas assinaram um tratado de cooperação que persistiu até a guerra entre a Alemanha e os soviéticos em 1941.

No tratado secreto entre a Alemanha e os soviéticos havia três códigos principais que são: *Lipestk; Kama e Tomka*.

Sob o código *Lipestk* os alemães treinaram o combate aéreo dentro da Rússia. Os pilotos iam para a Rússia treinavam o bombardeamento e ataques aéreos.

Quando um piloto morria o corpo era devolvido para a Alemanha e não revelado o local da morte.

Com relação aos tanques de guerra, era usado o código *Kama*. Como os alemães não podiam fabricar tanques, os russos forneciam o projeto e encomendavam falsamente o tanque na Alemanha e eram enviados para a Rússia, onde os alemães treinavam os oficiais e tanquistas para o seu uso em combate.

O projeto mais secreto era o denominado *Tomka* que era a escola química que os alemães tinham na Rússia. Lá faziam experiências com gases venenosos.

Todos os projetos contaram com a cooperação dos grandes grupos industriais alemães. Após o *Tratado de Versailles* de 1919 os alemães fizeram o projeto *Albatross*, onde desenvolveram aviões dentro da própria Rússia, bem como através da *Krupp* fizeram fábricas de munições e construção de submarinos. Pelo Tratado de Versailles as forças alemãs que se chamavam *Reichswehr*, não podiam ter mais que 100mil homens. Em março de 1935 os Alemães começaram a preparar maciçamente suas tropas, mudando o nome de *Reichswehr* para *Wehrmacht*.

O plano maquiavélico dos soviéticos começou com *Trotsky* e depois continuou com *Lênin*, finalizando com *Stalin*.

O plano geral era o seguinte: os russos iam treinar os nazistas sabendo que eles invadiriam depois a Rússia, e esta depois tomaria toda a Europa e no fim seria a segunda potencia mundial, o que acabou acontecendo.

Em janeiro de 1933, Hitler assumiu o poder total na

Alemanha, havendo então uma diminuição do relacionamento com a Rússia, mas o Tratado\ continuou.

Hitler começou a Segunda Guerra Mundial em 1939. Como explicar que somente em seis anos tivesse sido armada uma máquina de guerra tão possante e bem organizada? A explicação é que os russos ajudaram financeira e tecnicamente os alemães dentro da própria Rússia.

Antes do fim da Segunda Guerra Mundial, *Stalin* se livrou dos militares que tinham participado do tratado com a Alemanha.

Segundo o escritor francês *Balzac*, há duas histórias: a Oficial, que é mentirosa e a Verdadeira, que é secreta.

A verdadeira história a meu ver é sempre mais interessante, mas na prática o ser humano escolhe aquela que mais lhe convém.

Opiniões e Crenças

Crença é um ato de fé de origem inconsciente, que nos força a admitir em bloco uma idéia, uma opinião, uma explicação, uma doutrina, conforme Le Bon, 1913.

Quando uma crença é verificada pela observação e experiência ela se torna *conhecimento*.

A *crença* é uma intuição inconsciente independente da nossa vontade enquanto o conhecimento é uma aquisição consciente verificada por métodos racionais.

Todos os homens possuem *crença*, mas o *conhecimento* exige labor.

Segundo Le Bon, as verdadeiras revoluções são aquelas que despertam as crenças fundamentais de um povo.

As *opiniões* de modo geral provêm do inconsciente e de elementos afetivos ou místicos e não racionais. As *opiniões* são chamadas de *pequenas crenças*.

Os elementos psicológicos do homem são o *Prazer e a Dor* que são a linguagem da vida orgânica e afetiva, a expressão de equilíbrios satisfeitos ou perturbados do organismo.

A fome é a dor mais temida e o amor é o prazer mais procurado.

Shiller disse: “A máquina do mundo se sustenta pela fome e pelo amor.”

O *prazer e a dor* são descontínuos. O único prazer um pouco durável é o *desejo*, isto é, um prazer não realizado.

Os homens têm o desejo de alcançar o prazer e de evitar a dor. Não confundir vontade com a palavra desejo, pois vontade traduz deliberação, estado de consciência, que não se observa no desejo.

Spinoza dizia que julgamos uma coisa boa, não por julgamento, mas porque a desejamos.

A *esperança* é filha do desejo, mas não é o desejo, diz Le Bon.

Hábito é regulador da vida sendo o verdadeiro sustentáculo da vida social.

Costume explica os nossos atos mais fortes e mais violentos. Foi o costume que fez tantos cristãos, diz Le Bon.

Segundo Le Bon só existem duas grandes certezas, o *prazer e a dor*. Todos procuram o atrativo do prazer e o receio da dor. Desapareceria a atividades dos seres se não existissem o *prazer e a dor*.

A *felicidade* consiste conforme Le Bon em procurar o prazer e evitar a dor.

Segundo Le Bon a história do homem é uma narração de esforços empregados para edificar um ideal e destruí-lo em seguida quando o tendo atingido, descobre a sua fragilidade.

Le Bon compara uma ilhota no oceano, sendo que o vértice é o consciente e resto invisível da montanha. Disse que no inconsciente temos uma parte do resíduo ancestral.

A *intuição* é a soma da cultura existente e na hereditarie-

dade que estão no subconsciente. Os sentimentos estão todos no inconsciente. O amor e o ódio existem em nós e estão no inconsciente.

Separa três tipos de inconsciente: *orgânico, afetivo e intelectual*.

O *inconsciente orgânico* são os fenômenos da vida como a respiração, pois não pensamos para respirar.

O *inconsciente intelectual* forma o nosso caráter.

O *inconsciente afetivo* forma os nossos sentimentos e é indiferente à razão.

A educação é a arte de fazer passar o consciente para o inconsciente.

Os animais possuem sentimentos tão desenvolvidos quanto os nossos, mas a sua inteligência é muito fraca. É, sobretudo pelo desenvolvimento da inteligência que o homem se separa deles.

Existem o *eu afetivo* e o *eu racional* que atuam independente um do outro. No eu afetivo estão os sentimentos, paixões e emoções. *No eu racional (intelectual) está a inteligência.*

Quando um sentimento adquire grande intensidade torna-se *paixão*.

A *inteligência* é, sobretudo, caracterizada pela faculdade de refletir, da qual decorre a de raciocinar, isto é, perceber, na obediência a certas regras, as relações visíveis, ou ocultas das coisas.

O *caráter* é constituído por um agregado de elementos afetivos, mesclando-se aos intelectuais, mas são sempre os primeiros que dão ao indivíduo a sua verdadeira personalidade.

A *inteligência* é da mesma espécie para todos. O que distingue os povos é o caráter e não a inteligência.

Os homens, na sua imensa maioria, somente possuem *opiniões coletivas*. A mais independente professora, em geral, as opiniões dos grupos sociais a que pertencem. Estas opiniões coletivas se transformam na *alma nacional*.

Para Le Bon a existência da *alma nacional* é uma realidade palpante e da sua solidez depende à *força de uma nação*. Em pequenas discussões pode haver divergências, mas não em grandes discussões, onde há a unanimidade.

A alma popular é afetada por elementos afetivos e místicos, não obedecendo a argumentos racionais.

A *afirmação* e a *repetição* são agentes muito poderosos para a formação das opiniões.

A *afirmação* não precisa ser racional, mas deve ser curta, enérgica e que impressione.

A *repetição* é o complemento da afirmação. Repetir muitas vezes uma palavra, uma idéia, uma fórmula, é transformá-la fatalmente em crença. Isto foi usado pelos fundadores das religiões. O general romano Pompeio repetia tantas vezes que César não atacaria Roma que ele mesmo acabou acreditando e foi derrotado. Na guerra de 1870 da França com a Alemanha, os franceses espalhavam que o seu exército era o melhor do mundo e que o alemão era inferior. No fim os alemães ganharam.

Pascal: Fazei tudo como se acreditásseis, isso vos fará crer.

O *Contágio* e o *Prestígio* determinam na imensa maioria as nossas opiniões.

Contágio mental constitui um fenômeno psicológico cujo resultado é a aceitação involuntária de certas opiniões e crenças.

Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.

A emoção mais contagiosa é o *medo*.

O *contágio mental* existe não só nos homens, mas nos animais. Quando um animal foge, o resto vai atrás dele. O *contágio mental* é percebido em crenças religiosas e políticas que se espalham na multidão por contágio. Os grandes movimentos religiosos foram sempre o resultado de *contágio mental*.

A *moda* faz coisas importantes, mas a mesma deve-se à ação do inconsciente.

Explosão de opiniões é importante também, pois o próprio Napoleão temia as correntes de opiniões. Dizia que a *opinião pública é uma força invencível, misteriosa, à qual nada resiste, nada é mais móvel, mais vago, nem mais forte; embora seja caprichosa, é justa, muitas vezes mais do que se pensa.*

É nula a influência da razão sobre a crença dizia Le Bon.

Le Bon disse que o *politeísmo* é melhor que o *monoteísmo*, pois só existe o islamismo que é monoteísta, pois as outras, têm o diabo, anjos, santos etc.

Uma crença pode ser transformada em religião. Isto foi o que Robespierre tentou fazer criando a deusa Razão. Para Le Bon se o socialismo possuísse alguma divindade para adorar obteria sucesso completo.

Para Le Bon os deuses surgem quando necessários.

Mesmos os sábios podem ser transformados pelas crenças. Le Bon provou que não existem espíritos e nem materialização ou levitação, mas para quem tem fé no espiritismo isso não adianta nada. Mesmo pessoas com muita cultura possuem a sua crença, assim como um operário ou trabalhador rural qualquer.

Inês de Castro

Camões, no livro *Os Lusíadas*, imortalizou Inês de Castro como aquela que, depois de morta, foi coroada rainha.

Mas, afinal de contas, quem foi realmente Inês de Castro (1325-1355)?

Inês de Castro era filha de um fidalgo galego chamado Pedro Fernandes de Castro, uma espanhola jovem muito bonita e elegante, que tinha o cognome de “Colo de Garça”.

Veio a Portugal para a capital da época, que era Coimbra, em 1340 fazendo parte da comitiva de Dona Constança que iria se casar com D. Pedro I.

D. Pedro I nascera em Coimbra em 8 de abril de 1320 e era filho do rei Afonso IV. Não confundir o D. Pedro I do Brasil que é chamado de D. Pedro IV em Portugal.

Logo que chegou a Coimbra D. Pedro I se apaixonou por Inês de Castro, embora se casasse com D. Constança em 6 de fevereiro de 1336 e assim obrigasse Inês de Castro a se retirar para Castela.

Do casamento com Dona Constança nasceram três filhos: Dona Maria, D. Luiz, que morreu e D. Fernando, que mais tarde seria rei.

Dona Constança morreu e D. Pedro I, trouxe para Coimbra a sua amante Inês de Castro e com ela teve quatro filhos nascidos entre 1349 e 1354 sendo que

um deles morreu. Os filhos foram: João, duque de Valença, Dinis e Beatriz que se casou com o conde de Albuquerque. Inês de Castro era prima de segundo grau de D. Pedro I.

Embora morando maritalmente com Inês de Castro, D. Pedro I não tinha se casado oficialmente com ela, devido aos filhos que tivera com Dona Constança.

Como D. Pedro I era apaixonado por Inês de Castro, a família castelhana Castro começou a ter um enorme poder em Portugal. Isto trouxe uma ciúmeira enorme e três nobres: Diogo Lopes Pacheco, Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves pediram permissão ao rei D. Afonso IV para assassiná-la. O rei permitiu o assassinato de Inês de Castro, pois tinha medo de que a Espanha tomasse conta de Portugal, uma tentativa que a Espanha sempre estava querendo fazer. O rei sabia que D. Pedro I tinha solicitado permissão ao papa em 1351 para se casar com sua prima Inês de Castro e o papa negara devido a pedidos dos próprios portugueses.

Após o assassinato em 7 de janeiro de 1355 em Coimbra no local denominado “Fonte das Lágrimas”, D. Pedro I, se uniu aos espanhóis parentes de Inês de Castro e iniciou uma guerra contra o seu pai Afonso IV. Tempo depois fez as pazes com o rei, pois o povo estava com o rei Afonso IV e não com D. Pedro I.

Em 1357 com a morte do rei Afonso IV, D. Pedro I sobe ao trono e procura os três assassinos da sua amada. Muitos historiadores acham que D. Pedro I era um joguete nas mãos de Inês de Castro, mas a verdade ninguém sabe. Outro fato importante, é que

Inês de Castro estava envolvendo D. Pedro I nas disputas da corte espanhola o que implicaria em guerra que os portugueses queriam evitar.

Um assassino fugiu para a França e nunca mais se soube dele. Os outros dois foram presos e levados à presença de D. Pedro I, que fez com que se arrancasse o coração dos dois enquanto vivos, sendo um pela frente, pelo peito e outro pelas costas.

Em 1360 na localidade de Cantanhede, D. Pedro I afirmou que tinha contraído matrimônio com Dona Inês de Castro, declaração esta que segundo a maioria dos historiadores não é verdadeira. Com isto D. Pedro I queria legitimar os filhos que tivera com Inês de Castro. Foi daí que nasceu a lenda de que Inês de Castro foi coroada depois de morta. A cerimônia do beija a mão da rainha morta é lenda. Dezenas de livros foram escritos no mundo inteiro sobre Inês de Castro.

Dentro da Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, estão os túmulos dos dois amantes. Dona Inês de Castro está à esquerda e D. Pedro I à direita, como se tocasse os pés dos amantes.

Dizem que se por acaso os dois se levantassem dos seus túmulos, estariam frente a frente.

O Mosteiro de Alcobaça é o primeiro edifício em estilo gótico construído em Portugal.

Mas o interessante da história é que ela não para aí. Com a morte de D. Pedro I em 1367, o seu filho D. Fernando assume o reinado de Portugal e tem uma filha chamada Dona Beatriz, mesmo nome da sua irmã.

Dona Beatriz, filha de D. Fernando casa-se em

30 de abril de 1383 com o rei de Castela, D. João I que era viúvo e pouco tempo depois em outubro do mesmo ano, morre o seu pai, o rei D. Fernando de Portugal.

Para quem ficaria o trono? Portugal ou Espanha?

A esposa do rei D. Fernando era Leonor Teles que deveria conservar a regência até que o filho homem de Dona Beatriz tivesse mais de 14 anos de idade. Dona Leonor Teles tinha um amante, o Conde de Andeiro, o que era um escândalo na corte portuguesa, e mesmo quando seu marido D. Fernando estava vivo. Dona Leonor Teles declarou a filha Dona Beatriz como rainha de Portugal e ela seria a regente. A idéia de Dona Leonor Teles era assumir o trono com seu amante, o Conde de Andeiros.

No dia 6 de dezembro de 1383 D. João I vai ao palácio onde está Dona Leonor Teles e mata o conde de Andeiros e Dona Leonor Teles foge e convida o seu genro D. João de Castela a invadir Portugal.

Começou a revolução popular na cidade de Lisboa.

Em Lisboa o povo, juntamente com os nobres, escolheram como *regente* D. João I (1356-1433), filho bastardo de D. Pedro I com Tereza Lourenço.

Lembremos que após a morte de Inês de Castro, D. Pedro I arranja uma amante chamada Tereza Lourenço e tem um filho da mesma, nascido em Lisboa no dia 14 de agosto de 1356 no Castelo de Alcáçova. D. João I foi criado por Lourenço Martins, grão mestre da Ordem Militar de Aviz. D. João I era filho de Tereza Lourenço e não de Inês de Castro, pois esta morrera em 7 de janeiro 1355.

Em abril de 1385, na cidade de Coimbra, os grupos sociais: clero, nobreza, letrados e cidadãos, denominado as “cortes” ou os três estados, proclamam D. João I rei de Portugal.

D. João rei de Castela, que era marido de Dona Beatriz, queria ser o rei de Portugal e ataca Lisboa. Devido à peste que se deu nas suas tropas, os castelhanos se retiraram do cerco a Lisboa em fins de maio de 1384.

Os castelhanos comandados pelo seu rei D. João I de Castela, continuam a atacar Portugal e são derrotados por Nunes Álvares Pereira na batalha de Atoleiros, onde com um grupo de forças populares e motivada derrotou os espanhóis. Esta vitória deu ânimo aos portugueses.

O rei de Castela, D. João, ataca os portugueses novamente e são derrotados na batalha de Aljubarrota em 14 de agosto de 1385.

D. João I de Portugal foi o fundador da dinastia de Aviz ou Joanina e pai do famoso D. Henrique, o navegador que todos conhecemos no Brasil.

Fascismo e Integralismo

Quem ler o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, verá que define-se *fascismo* como Sistema Político nacionalista, imperialista, antiliberal e antidemocrático liderado por Benito Mussolini (1883-1945) na Itália e que tinha por emblema o feixe, que em italiano é *fascio*, de varas que os antigos oficiais romanos carregavam quando acompanhavam os magistrados.

Li vários livros sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e sobre a vida de Hitler, ditador da Alemanha e que foi o causador da mesma. A sua personalidade sempre deixou todos perturbados e por isso ainda se escreve sobre ele.

Como Hitler sozinho, levou ao extermínio seis milhões de judeus? É um absurdo pensar logicamente nisso. Fiquei também bastante, impressionado ao saber que os últimos soldados que morreram no *Bunker* (construção enterrada de concreto armado) de Hitler em Berlim, eram franceses e não alemães.

Um outro detalhe que nunca entendi, foram as forças militares de Hitler na invasão da Rússia em 1941. Dos 500.000 soldados, 200.000 eram alemães, o resto eram romenos, italianos, espanhóis e outros povos. Como juntaram tantas pessoas diferentes lutando lado a lado? Conheci até brasileiros, descendentes de alemães que lutaram na frente russa na Segunda Guerra Mundial.

Poucos comentam, mas 80.000 brasileiros filhos de alemães lutaram ao lado de Hitler, maior que a força

expedicionária que o Brasil mandou para a Itália. Tudo isso foi graças, à mentalidade fascista.

Procurei vários livros que ensinassem o que foi o fascismo ou o nazismo. A vida do *Fuhrer* (líder, em alemão) Hitler no livro “Minha Luta” (*Mein Kampf*), não é a filosofia fascista e sim um livro chato e racista. É difícil agüentar e ler o livro até o fim.

Os livros que existem sobre Hitler ou Mussolini contam as suas vidas, as suas guerras, mas não, a filosofia fascista.

O fascismo, na sua forma mais pura é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio, podendo ser este alemão, italiano, espanhol, anglo-saxônico, judeu, japonês e árabe. Os ricos, os militares e os industriais se aliaram aos nazistas para se aproveitarem do poder para os seus próprios fins.

Para dominar a classe média baixa, Hitler insistia incansavelmente que se deve dirigir as massas não com argumentos, provas e conhecimentos, mas por meio de *sentimentos e crenças*.

O combate ao comunismo foi a maior influência que teve sobre a classe média baixa, que temia a proletarização, isto é, perder aquilo que tinham há pouco tempo conseguido.

A idéia de que o ariano era uma raça superior teve uma concepção mística e confusa que fascinou a classe média baixa. Os nazistas criaram um símbolo, a suástica, que basicamente é um símbolo sexual.

Como Hitler não gostava dos judeus e existia a igreja cristã na Alemanha, Hitler alimentou a idéia de que devia existir a Igreja Nacional Alemã independente de todas as igrejas e que representasse a alma ariana. Jesus era filho de Deus e,

portanto o mesmo não era judeu. O Antigo Testamento foi rejeitado por ser judeu.

O símbolo da Cruz deveria ser abolido gradativamente e substituído por novo símbolo a ser criado. Ao término da Segunda Guerra Mundial acabou o fascismo.

Penso que, em milhares de anos somente uma vez, a classe média baixa conseguiu dominar uma nação e cometeu excessos, liberando o nível intermediário das personalidades das pessoas.

O brasileiro Hégio Trindade apresentou em 1972, em francês na Sorbonne, Paris, uma tese de doutoramento sobre o “*Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*”.

A tese de doutoramento foi traduzida para o inglês e, depois do sucesso obtido, foi traduzida para o português.

O fascismo não é obra de um homem só, mas nasceu numa época marcada pela revolução soviética e os contra-revolucionários fascistas. O fascismo através da classe média baixa, ou seja, a pequena burguesia, deseja o prestígio nacional, o retorno à terra, o passado histórico, as representações por corporações, o culto da ordem e da hierarquia e respeito ao poder.

Plínio Salgado procurou nos anos 30, implantar no Brasil o Integralismo, que seria uma espécie de fascismo brasileiro. Plínio Salgado esteve com Mussolini, o ditador da Itália e escreveu: Refleti sobre a necessidade que temos de dar ao povo brasileiro um ideal que o conduza a uma finalidade histórica.

“Essa finalidade, capaz de levantar o povo, é o ‘Nacionalismo’ impondo ordem e disciplina no interior, impondo a nossa hegemonia na América do Sul.”

Plínio Salgado aliou o nacionalismo e o espiritualismo na luta contra o socialismo e o liberalismo.

Todos os fascismos têm a idéia de se fazer um império. Os alemães queriam fazer a Grande Alemanha, a Itália reviver as antigas conquistas romanas.

Plínio Salgado de maneira semelhante e estimulado por Simon Bolívar e pelo mito de Atlântida, proclama com eloqüência que “Somos a Quarta Humanidade. Somos a Aurora dos Tempos Futuros. Somos a Força da Terra. Aristóteles pensou em nós, Cristo deu-nos a alma, César e Napoleão foram nossos precursores, Simon Bolívar o nosso anunciador, a América é o nosso Império, e nós aquele povo anunciado e esperado...” Segundo Plínio Salgado, o povo brasileiro veio para realizar uma nova civilização que substituirá a do Ocidente Moribundo.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, cessaram-se no mundo as idéias fascistas, e a situação não mais permite que esse fato se repita, ainda mais com a derrocada, em 1991, do comunismo, com a total dissolução da Rússia.



O Imperador César Augusto e os conselhos

Há uma diferença entre *ordem e conselho*. Segundo Thomas Hobbes no livro "Leviatã" lançado em 1651, a *ordem* é dada para benefício de quem a dá, e o *conselho* para benefício de outrem.

Daí deriva outra diferença: o homem pode ser obrigado a fazer aquilo que lhe ordenem, caso fez a promessa de obedecer, mas ninguém pode ser obrigado a fazer o que lhe aconselham, porque o prejuízo resultante de não seguir o conselho é apenas o seu próprio.

Quanto mais experiência de coisas passadas tiver um homem, mais prudente será e suas previsões raramente falham.

Em 1985 foi descoberta na Macedônia uma cópia da autobiografia do Imperador Romano César Augusto (63 a.C. a 14 d.C.).

Suetônio muitas vezes tinha mencionado a existência deste livro, mas nunca ninguém o tinha visto. Foi descoberto numa parede falsa onde se encontrava um cadáver de um homem de meia-idade, e o exemplar da autobiografia escrito no latim original.

Allan Massie fez um livro sobre o assunto com o nome de Augustus, e foi publicado em 1986.

Observei uma decepção muito grande do imperador César Augusto, que vou relatar.

Augusto estava velho e experiente. Aconselhou o general romano Varo que se dirigia aos povos bárbaros

onde habitavam os germânicos. Falou das táticas de guerra usadas pelos germânicos, das surpresas, das armadilhas, etc.

César Augusto requeria prudência na Germânia, pois conhecia todas as experiências passadas.

O general romano, com seu enorme exército foi para onde se encontravam os bárbaros na Germânia, e caiu em todas as armadilhas que Augusto já tinha previsto, sendo dizimado todo o exército. Varo suicidou-se. Morreram 27.000 legionários, sendo um verdadeiro massacre, com crucificação, decapitação e evisceração.

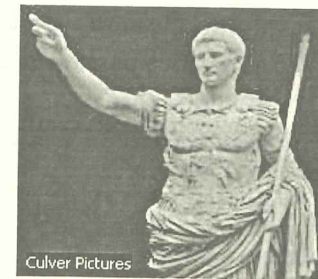
Nunca mais os romanos atacaram a Germânia.

Augusto reflete e escreve na sua autobiografia: *É esta a desgraça da velhice: ver que sua experiência não é levada em conta, que é considerada inútil?*

O interessante de ver nos livros de história, é que desde Abraão o homem continua a ser o mesmo. Temos aviões a jato, computadores etc, mas a inveja, o desejo de poder, etc. continuam os mesmos.

O imperador Augusto constantemente relembrava o acontecido dizendo:

– Ah, Varo, devolva as minhas legiões.



Arte gótica

Todos estamos cansados de ouvir falar das igrejas góticas existentes na Europa. Quem não as viu, provavelmente teve conhecimento delas através de filmes na televisão ou fotos em jornais.

A minha curiosidade nasceu quando vi o mosteiro de Santa Maria da Vitória, conhecido como mosteiro da Batalha em Portugal, obra feita pelo rei D. João I de Portugal em comemoração à vitória de Aljubarrota contra a Espanha.

Afinal de contas, quem inventou a arte gótica ou arte ogival? Os arcos romanos todos conhecem. Eram arcos em semicírculo em forma de meia laranja. Eram pesados e exigiam colunas de grandes dimensões e era praticamente impossível abrir janelas nos tetos. Quando mais largo era a abóbada maior seria as colunas e mais pesada era a construção. Essa arte românica prevaleceu até aproximadamente os anos 1100, quando começou outro tipo de arco. A catedral de Compostela, na Espanha, é um exemplo de estilo românico.

Iniciaram-se os arcos em forma de ogivas, ou seja, os arcos ogivais, também chamado de arco agudo ou arco quebrado. As construções passaram a ser bem mais leves, as colunas bem menores, o que possibilitou a colocação de vitrais para a entrada da luz.

Pesquisei e perguntei a vários professores de arquitetura.

Praticamente na Europa a arte gótica iniciou pelos anos 1100 e terminou pelos anos 1300. Não foram os alemães que a inventaram, pois o nome gótico era usado para o que estava fora de Roma, para os godos, ou seja, os bárbaros.

As catedrais góticas mais conhecidas estão na França: Amiens, Chartres, Reims e Nossa Senhora de Paris. Na Espanha, a mais famosa é a de Toledo e Leão.

Por tudo o que pesquisei a conclusão é a seguinte. a arte gótica foi inventada pelos árabes e com as cruzadas esses conhecimentos foram passados para a Europa, através dos pedreiros-livres, hoje conhecidos como os maçons.

O fim da arte gótica deve-se ao fim da ordem dos Templários em 1314, após ser queimado numa estaca o grão-mestre Jacques de Molay (1243-1314).

Os pedreiros-livres desenharam as igrejas de acordo com a idéia da imagem do mundo, segundo São Pedro e Damiano e introduziram as idéias circulares e retilíneas usando o esquadro, o prumo e o compasso. Para a arquitetura da Idade Média, o templo representava o corpo de Cristo.

Nas catedrais medievais tem-se a idéia de um corpo desenhado em três partes, sendo a cabeça arredondada na *ábside*, os *transeptos* os braços e o corpo a *nave* da igreja.

No livro *Apocalipse de João* é citado a Jerusalém que desceria dos céus em forma quadrangular.

Então os pedreiros livres imaginando Deus como o círculo que mostra a superioridade do Céu e dentro

dele a forma quadrangular que é a Terra e baseado no corpo de Cristo desenharam as suas igrejas góticas. Todas elas foram desenhadas com envolvimento por um círculo e dentro um retângulo.

Com o teto em forma de ogiva em vez dos arcos romanos, conseguiu-se forma arquitetônica mais bonita, construção mais leve e econômica. Como eles faziam os cálculos estruturais pelo que sabemos não existe nenhum documento a respeito.

Uma curiosidade das construções ogivais, ou seja, góticas é que quase não se conhece quem foram os arquitetos.

Da natureza os maçons tiraram idéias para introduzir nas catedrais góticas, como a rosa, o trevo, a salsa, a couve e a folha do morangueiro.

O número três, base da maçonaria, foi sutilmente colocado nos projetos arquitetônicos, pois em geral as igrejas são divididas em três partes.

Os macacos e os anões significavam os maus espíritos e o gênio do mal.

Está embutida na construção gótica além da geometria dos maçons, a concepção celeste de Jerusalém, as medidas da Arca de Noé em Gênesis 6, as medidas do Tabernáculo em Êxodo 25, as medidas do Templo de Salomão em Reis 7 e as visões proféticas de Ezequiel 40. A luz que é de origem Divina, segundo Santo Agostinho e o Evangelho de João, faz parte da arte gótica com os seus vitrais e rosáceas; a harmonia dos sons, conforme constatado pelos Pitagóricos e salientado por Santo Agostinho: oitava 1:2 ou 2:3 ou 3:4.

Para Santo Agostinho a expressão musical da relação 1:2, ou seja, a consonância da oitava mostra Jesus como Deus, no número 1 e o seu corpo e alma, que é o número 2.

A Catedral de Chartres é a primeira em estilo totalmente gótico e nela há luz e harmonia, conforme desejava São Bernardo de Clairvaux (Claraval). Os cistercienses, devido a Ordem de São Bernardo, fizeram a Escola de Chartres onde difundiram para toda a Europa a arte gótica. Foi uma revolução na arquitetura sendo abandonado o estilo românico, pois a arte gótica incluía um misticismo cristão para a criação da Cidade Celestial.

A mística numérica dos maçons foi colocada. Os números simbólicos 7, 10 e 12 figuram constantemente.

As medidas em forma de um paralelepípedo em côvados (1 côvado é aproximadamente 0,47m) são : Tabernáculo: 1,5 (largura) x 2,5 (comprimento) x 1,5 (altura) ; Arca de Noé: 50 x 300 x 30; Templo de Salomão: 20 x 60 x 30.

A catedral de Reims (França) tem sete capelas. As catedrais de Strasbourg (França) e de Chartres (França) têm igualmente o comprimento de cento e quarenta e quatro pés que é o quadrado de 12, que é o produto de 3 por 4.

A Santa Capela de Paris tem cento e dez pés tanto em comprimento como em altura e vinte e sete de largura, número este que é o cubo de três.

Uma particularidade das catedrais góticas, que o historiador e poeta italiano Cesare Cantu (1807-1895)

informa, é que nenhuma delas está totalmente acabada.

A construção das catedrais foi rápida. Chartres foi construída em 26 anos e Reims em 21 anos.

Uma outra curiosidade dos templários e da arte gótica é São Bernardo de Clairvaux (1090-1153), que foi encarregado da ordem de Cister em 1115.

A ordem dos Templários foi fundada em 1128 em Jerusalém, com objetivo de proteger as peregrinações aos lugares santos.

Quase ninguém sabe, mas quem organizou a Ordem dos Templários e que fez todas as regras, foi São Bernardo que se inspirou em Santo Agostinho. Tudo foi baseado no número três, assim um templário não deveria rejeitar combate com 3 inimigos, comungar 3 vezes por ano, ouvir 3 missas por semana, tinham que ter 3 cavalos, comiam carne 3 vezes por semana, adoravam a cruz solenemente 3 vezes por ano e assim por diante.

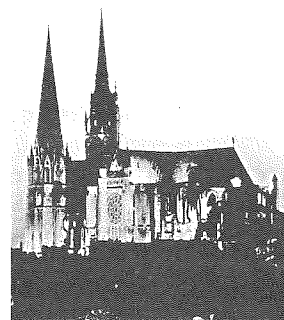
Uma outra ordem criada na França por São Bernardo foi “O santo dever de Deus”, que era composta por carpinteiros, pedreiros e talhadores de pedra. Mais tarde os membros daquela ordem foram chamados de “Companheiros do Dever” e foram para Jerusalém na segunda cruzada. O conhecimento que eles tinham da arquitetura na França foi juntado ao conhecimento dos árabes e deste intercâmbio nasceu a arte gótica. De 1160 a 1314 foram construídos cerca de 16.000 monumentos góticos na Europa, o que vem mostrar o poder dos templários, conforme afirma Walter Fonseca em seu livro *Jacques de Molay, os templários e a maçonaria*.

Um outro mistério nas catedrais góticas é a construção de labirintos abaixo do piso no subsolo.

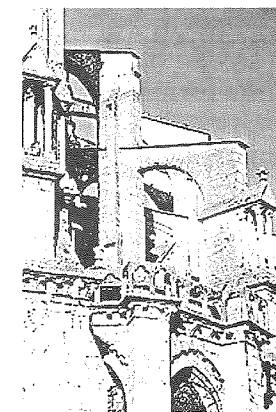
Isso existe na Catedral de Chartres e Amiens. Ninguém sabe o que realmente representam tais labirintos, mas todos eles levam para um centro, como o labirinto da Ilha de Creta e que lembra os mistérios do Oriente.

Na igreja de Pont-Hubert, próxima de Troyes, na França, no portal está escrito em latim: “*Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam*”, que era o lema dos Templários e que está no antigo testamento Salmo 115 – “Não a nós Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória...”

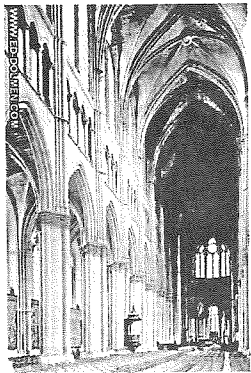
Em conclusão, a arte gótica é uma obra dos pedreiros-livres baseada no aprendizado do Oriente e nos ensinamentos de Jesus Cristo contidos no Novo Testamento.



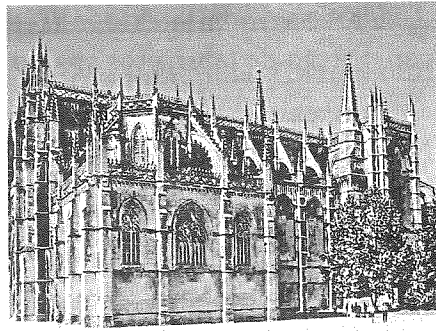
Catedral de Chartres- França



Catedral de Notre Damme - Paris



Catedral de Reims
França



Mosteiro de Santa Maria da Vitória- Portugal

Mussolini

As idéias socialistas são bastante conhecidas e divulgadas, sendo que praticamente todos conhecem alguma coisa, mas da doutrina ou filosofia fascista nunca vi nada escrito.

Na verdade o fascismo não tinha filosofia nenhuma. Era uma forma de governo oportunista que Mussolini (1883-1945) inventou. Mudava a toda a hora. Mussolini falava que existia uma doutrina fascista, mas pelo que constatei não existia nada.

As idéias fascistas eram contradizentes de tal maneira que uns achavam que os fascistas eram de direita, outros de esquerda e outros nem sabiam onde eles estavam. O programa fascista de 1919 contradiz completamente o programa de 1932.

Em 1922, após a chamada *Marcha para Roma*, os

fascistas tomaram o poder na Itália.

O primeiro filósofo que aderiu ao fascismo foi *Giovanni Gentile* em 1922. Depois foi *Benedetto Croce*. *Gentile*, anos depois caiu em desgraça pelos próprios fascistas e *Croce* em 1925 repudiou o fascismo.

Mussolini falava entre seus amigos que o segredo do seu sucesso do fascismo era que não tinha programa e que o fascismo era um método de exercer o governo e não uma doutrina ou filosofia.

Os discursos de Mussolini eram feitos geralmente no balcão do *Palazzo Venezia* e o seu dom oratório era eficaz. O que está escrito geralmente não tem grande significado, mas a oratória dirigida às massas baseava-se na “emoção” e não na “razão” como explica o livro “Psicologia das massas” escrito em 1886 pelo sociólogo *Gustave Le Bon*, que era o livro de cabeceira também de Hitler e Mussolini.

Gustave Le Bon criou a psicologia social com o seu livro, cujos fundamentos são usados até hoje. Cheguei a pensar que as idéias de propaganda do segundo homem na Alemanha de Hitler, *Joseph Goebbels*, ministro da Propaganda, eram dele, mas na verdade eram de *Gustave Le Bon*, que criou os fundamentos da psicologia das massas.

Tive um amigo na Prefeitura Municipal de Guarulhos que fez um curso de oratória e aprendeu que o maior orador do mundo tinha sido Mussolini. Mostrou-me uma vez uma gravação de um trecho do discurso de Mussolini e confesso que a gente fica arrepiado em escutá-lo. É tudo mentira, tudo falso, mas ele era um grande orador.

Os fascistas eram tão esquisitos que logo provaram que as descobertas de *Pasteur*, *Faraday*, *Ampere* e outras eram todas de italianos. Descobriram que *Shakespeare* na verdade era um poeta italiano que escrevia sob nome falso. Tudo mentira.

Mussolini teve o seu ministro das finanças chamado *Giuseppe Volpi* que foi sucessor de *De Stefani*. O programa econômico de *De Stefani* era comum como todos os outros, e *Giuseppe Volpi* obedeceu às ordens de Mussolini de manipular toda a economia e estabilizar a moeda.

O interessante na economia é que em 1929 houve o *crash* da bolsa de Nova Iorque. O mundo inteiro sofreu, somente não tiveram grandes problemas os países como Itália, Alemanha e Rússia que tinham uma economia dirigida e centralizada e não adotaram o *laissez-faire* de Adam Smith (1723-1790).

O grande economista inglês *John Maynard Keynes* (1883-1946) estudou as economias daqueles países totalitários e tirou algo de bom, adaptando-as para as idéias liberais.

São as famosas teorias de *Keynes* que eu pensava, há tempo, que os fascistas, nazistas e russos tinham copiado, mas foi o contrário. *Keynes* copiou as suas idéias dos regimes totalitários.

Em 1930, escreveu um *Tratado sobre o Dinheiro*, e em 1936 publicou a "Teoria Geral do Emprego, Lucro e Moeda".

Mussolini criou as leis trabalhistas italianas com a famosa *Carta Del Lavoro* (Código do Trabalho) aprovada em 21 de abril de 1927, que foi copiada pelo presidente do Brasil Getúlio Vargas e está em vigor até

hoje. Li a *Carta Del Lavoro* feita por Mussolini e é impressionante o que foi feito. Criou a previdência social, seguro contra acidentes, seguro desemprego, seguro maternidade, moléstias profissionais etc.

É típico do fascismo, nazismo e comunismo um só partido. Mussolini criou então que a câmara dos vereadores, deputados estaduais e federais teriam como representantes as "corporações". Assim haveria representante de todas as classes de trabalhadores em todos os órgãos legislativos.

Mussolini, com suas idéias imperialistas lançou a Itália na Segunda Guerra Mundial, sendo destituído do ser cargo em julho de 1943 pelo Grande Conselho Fascista e com a ajuda dos seus amigos nazistas fundou ao norte da Itália a República de Saló.

Os colaboradores de Mussolini, na chamada República de Saló, eram comunistas. Tinham idéias comunistas e adoravam a Rússia. O comunismo e o fascismo são semelhantes em muitas coisas, daí a afinidade entre os regimes, pois todos admitem um único partido político e são totalitários.

O fundador do partido comunista na Itália, *Nicola Bombacci* fazia parte do *staff* de Mussolini e dizia que o mesmo era o único socialista sério na Itália. Por aí se vê como Mussolini era oportunista, a ponto de que os próprios socialistas o consideraram como de esquerda e os estrangeiros o consideravam de direita.

A república de Saló não demorou muito. Em 1945 Mussolini, sua amante *Clara Petacci* e seus amigos foram todos presos e assassinados pela *LII Brigada Garibaldi* composta pelos guerrilheiros italianos

denominados *partizam*.

O meu avô, por parte de mãe, chama-se *Giuseppe Forli*, era sargento da Artilharia de Montanha na Itália e tinha lutado na África (Líbia), em Trieste e foi feito prisioneiro na batalha de *Caporetto* na Primeira Guerra Mundial.

Quando os fascistas tomaram o poder em 1922, a minha avó queria fugir dos mesmos e previu que ia haver nova guerra. O meu avô comprou passagem de navio e veio para o Brasil. Dois anos depois minha avó, mãe e dois tios vieram para o Brasil como imigrantes italianos.



Encarta Encyclopedia, Hulton Deutsch

Psicologia do Socialismo

Em 1899 *Gustave Le Bon* escreveu o livro “Psicologia do Socialismo” do qual vou comentar alguns trechos interessantes e atuais.

Le Bon analisa o socialismo desde o início dos tempos e afirma que nunca deu certo. As experiências feitas na Grécia antiga e em Roma foram mal sucedidas e duraram muito pouco.

Marx afirmava que o fim e o começo da humanidade começa no *estômago*. Nada mais que um enorme estômago, cujas necessidades físicas constituem o motivo principal para todas as atividades mentais. O estômago seria a primeira causa e o destino da humanidade. Marx sempre dizia que o socialismo nada mais é que a religião do estômago.

Quando Le Bon escreveu o livro, ainda não tinha sido criado o regime comunista da Rússia, que iniciou em 1917. Disse na época que gostaria de ver como funcionaria o regime comunista. No começo, tudo daria certo e depois haveria crise e o país ficaria em ruínas e foi tudo isso que aconteceu na Rússia.

O autor ainda cita que o livro de Karl Marx chamado “O Capital” é tão difícil de entender que ele não tinha dúvida que somente uma pessoa em dez mil que leram o livro é que entendeu. Li uma vez “O Capital” e confesso que entendi muito pouco. Sei que existem pontos controversos e discutidos pelos próprios especialistas na matéria.

A evolução do comunismo caminha para uma forma de

religião. Isto aconteceu na Rússia, que tentou abolir todas as religiões. Cita que como os “apóstolos”, surgem no comunismo pessoas tão fanáticas que são chamadas de apóstolos e que sacrificam a sua vida e o da família pelo seu objetivo. Essas pessoas chamadas “apóstolos” são comparadas por Le Bon a fanáticos como o espanhol Torquemada, chefe da inquisição espanhola que queimou e torturou milhares de pessoas em nome de Deus e Robespierre, da revolução francesa, que levou para a guilhotina milhares de pessoas em nome da Liberdade. Todos eles eram sonhadores e achavam que queriam a felicidade do mundo.

Le Bon comenta que, apesar de o socialismo não dar certo para a sua implantação sempre se cometem os mesmos erros, parecendo que a humanidade não aprende com a história.

Winston Churchill comentava que o capitalismo não é uma boa forma de governo, mas que as outras são piores.



Gaudi, o arquiteto

Antonio Gaudi (1852-1926), foi o maior arquiteto da Espanha, nasceu na cidade de Réus na Catalunha em 25 de junho de 1852.

Em junho de 2002 em Barcelona se comemorou os 150 anos do seu nascimento..

Era pobre e estudou no Colégio dos Padres Esculapios em Réus e depois na Escola de Arquitetura de Barcelona conseguindo se formar arquiteto em 1878.

A família de Gaudi fabricava caldeiras. O senso de espaço nasceu da oficina do seu pai quando ele manuseava os tubos de cobres.

Gaudi fez um banheiro público em Barcelona, baseado numa patente de Enrique Girossi.

Tomou inicialmente, o principio eclético, passando a seguir pelo neogótico, chegando no fim do século a uma interpretação bastante audaciosa. Um estilo, extremamente exuberante. Seu trabalho foi violentamente criticado em Paris, numa exposição realizada em 1910. O público não estava preparado para absorver as bases de sua arquitetura, cujas linhas e movimentos apóiam-se nos princípios dinâmicos dos organismos vivos da natureza. Isto significa que sua arquitetura se torna parte integrante da paisagem. Seu trabalho se aproxima da escultura, ora confundindo-se com a neve, ora com o verdor da natureza, fora o universo de plantas e animais.

Logo depois, projetou postes de iluminação na Praça Reial. Cada poste tinha seis lâmpadas tudo em ferro fundido e que até hoje existem.

Depois Gaudi projetou um escritório em vidro numa loja de luvas. O empresário Eusébio Guell, que era o industrial mais rico da Catalunha viu o seu projeto e ficou fascinado. Foi como um mecenas para Gaudi a amizade com a família Guell.

Projetou e construiu o Palácio Guell, o Parque Guell a Colônia Guell. Através do Eusébio Guell (1846-1918) todas as pessoas ricas da Espanha tratavam de contratar Gaudi.

Para entender realmente Gaudi tem-se que ir a Barcelona e ver as suas principais obras.

O interessante é que as suas obras parecem que foram feitas hoje. São supermodernas e arrojadas. Gaudi se inspirava na Natureza, num processo conhecido como “construção orgânica” no qual uma idéia é adicionada a outra, há transformação e crescimento.

Uma obra interessante é o projeto de um prédio de apartamento da família Milà feita entre 1906 a 1910 e que está em Barcelona no Paseo da Graça, 92. É a famosa Casa Milà, conhecida como “La Pedrera”.

Este é o estilo de Gaudi. Não há simetria. Ele fazia maquetes tridimensionais em argila. Todos os seus trabalhos davam a forma da sua criatividade. Construiu em concreto, aço, vidro. Fazia esculturas de diversos materiais.

O templo católico denominado “A Sagrada Família” é o ponto alto de visita das obras de Gaudi em Barcelona. Ainda está em construção. Era solteiro e viveu os últimos doze anos de sua vida dentro da igreja enorme que é a *Sagrada Família*.

Existe pouca fotografia sobre o mesmo.

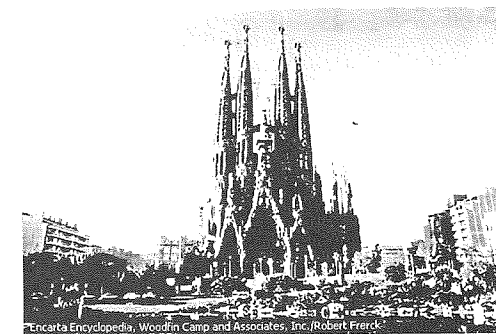
Gaudi foi reconhecido pela prefeitura de Barcelona como grande arquiteto em 1900. Somente em 1952 quando um professor da Universidade de Columbia em New York exibiu os seus trabalhos e foi reconhecido em todo o mundo.



Detalhe do projeto da Casa Milà
(La Pedrera)em Barcelona.
Projeto de Antonio Gaudi.



Facha da Casa da Família Milà
(La Pedrera) em Barcelona.
Projeto de Antonio Gaudi,
nascido na Catalunha.



Sagrada Família, Barcelona, Espanha

Palácio de Queluz

A 14 km de Lisboa em Portugal está situado o Palácio de Queluz. É uma imitação menos rica do Palácio de Versalhes da França, pequeno, porém bonito.

Na sala D. Quixote com teto circular e toda decorada em figuras inspiradas no livro do espanhol *D. Quixote de La Mancha*, nasceu D. Pedro I (D. Pedro IV em Portugal) que proclamou a independência do Brasil e foi lá que ele morreu. Por coincidência D. Pedro I nasceu e morreu na mesma cama.

D. Pedro I era filho de D. João VI e Carlota Joaquina.

D. Carlota Joaquina era espanhola e foi morar no Palácio de Queluz com 11 anos de idade, pois já estava prometida a D. João VI.

No Palácio de Queluz reinou também D. José I, que tinha como ministro, o Marquês de Pombal.

Não havia banheiros no palácio.

Perto das camas havia um móvel redondo e lateralmente podia-se abrir uma portinha e tirar um pinico para uso.

Os banhos eram tomados em canecas, pois não havia banheiros ou qualquer tipo de chuveiro. Por isso é que usavam muito perfume.

Quem visitar a cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, pode verificar que nos prédios antigos não havia banheiros. De manhã passava um negro com um burro,

com duas barricas de madeira e ia coletando as fezes das casas. Esta figura era conhecida na época como o Tigrão.

Um dos costumes interessantes que tinham os moradores do Palácio de Queluz era que não podiam tomar sol, pois quem tomava sol era quem precisava trabalhar, ou seja, os pobres. Daí as pessoas eram brancas e suas veias pareciam azuis e se dizia que tinham “sangue azul”.

As mulheres deixavam os cabelos ficarem muito compridos, pois os pobres, para trabalhar tinham que cortar os cabelos, os ricos não.

As camas eram curtas para quem vê, pois os nobres dormiam com vários travesseiros, praticamente sentados. Dormir na horizontal com travesseiros era coisa de pobre e de pessoa quando morria.



Palácio de Queluz, Portugal

República

Introdução

No dia 15 de novembro de 1889 foi proclamada a República no Brasil. Não houve uma revolução social e sim um golpe militar. O chefe da junta militar foi o marechal Deodoro da Fonseca.

É interessante analisar quais as razões que levaram os militares a implantar a república no Brasil mandando para o exílio o imperador D. Pedro II.

Contam-se vários fatores que levaram à queda de D. Pedro II tais como: as idéias positivistas dos militares; as idéias republicanas; a questão maçônica – as brigas entre a igreja e o Estado; a libertação dos escravos; o corrupto Conde D'Eu, marido da princesa Isabel e o mais importante, a doença de D. Pedro II.

Guerra do Paraguai

Podemos dizer que a queda do império brasileiro começou com a guerra do Paraguai.

Em dezembro de 1864, as forças paraguaias invadiram o Uruguai e daí começou o que nós conhecemos como guerra do Paraguai, e os países de língua espanhola chamam de guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai).

A guerra contra o Paraguai durou cinco anos e começaram

os empréstimos externos do Brasil com a Inglaterra com os Rothschilds, dando início aos problemas de endividamento até hoje não resolvidos.

Até 1865, antes do início da guerra do Paraguai, o Brasil devia aos ingleses 11 milhões de libras. Após o término da guerra em 1870, a dívida passou para 31 milhões de libras, isto é, 20 milhões de libras em somente cinco anos.

Como é conhecido por todos, a guerra contra o Paraguai foi preparada pelo Brasil e Argentina. Provocaram a guerra e o Paraguai caiu na armadilha. O Brasil queria umas áreas perto de Mato Grosso e tinha medo da liberdade dos escravos no Paraguai. A Argentina que tinha perdido o Paraguai queria uma parte do mesmo e conseguiu.

O Brasil e a Argentina achavam que a guerra seria como um passeio e rápida. Mas isto não aconteceu.

Os paraguaios tinham construído uma ferrovia, uma indústria de tecelagem e estavam se libertando da Inglaterra, que era naquele tempo os Estados Unidos de hoje.

Os paraguaios tinham um exército bem equipado e treinado composto por 64 mil homens na ativa e 28 mil na reserva, enquanto o Brasil tinha somente 18 mil, a Argentina 8 mil e o Uruguai 1 mil.

A única vantagem que o Brasil tinha era a superioridade naval.

No início da guerra participaram os argentinos e os uruguaios e depois com o passar dos tempos, os brasileiros assumiram praticamente toda a guerra.

Os paraguaios resistiram e praticamente a metade (alguns falam 2/3) da população morreu na guerra, chegando ao ponto de o próprio Duque de Caxias mandar uma carta malcriada ao imperador D. Pedro II, pedindo a sua substituição, no que foi prontamente atendido.

Com o término da guerra do Paraguai, o Brasil estava endividado, mas contente em ter derrotado um país tão pequeno, pobre e desolado.

Após a guerra do Paraguai os militares brasileiros começaram a fazer palestras por todo o Brasil, engrandecendo a necessidade do exército e mostrando o seu destino. Daí é que floresceram as idéias positivistas dentro do exército.

O positivismo

Auguste Comte (1798-1857), um francês tinha criado uma filosofia, que também era uma religião chamada positivismo. Não deu certo na França, mas foi muito bem aceita pelos jovens oficiais do exército brasileiro.

A doutrina positivista afirmava que toda asserção racionalmente justificável pode ser cientificamente verificada ou capaz de prova lógica ou matemática. Comte afirma que o curso da história, como a natureza da realidade social, estava sujeito a leis científicas. Deste modo Comte rejeitava tanto a teologia como a metafísica, defendendo no lugar destas uma religião da humanidade ou seja o positivismo (Thomas E. Skidmore).

A influência do positivismo no Brasil foi tão grande que, na nossa bandeira, as palavras “Ordem e Progresso” são ligadas à filosofia de Auguste Comte.

Pelo positivismo os militares brasileiros achavam que com a vitória sobre o Paraguai, tinham um destino manifesto e direito de interferir nos destinos do Brasil. Daí cresceu a idéia republicana.

Republicanism

As idéias republicanas no Brasil surgiram com ênfase a partir de 1873 quando foi fundado em São Paulo o famoso PRP (Partido Republicano Paulista). As idéias republicanas dos paulistas eram diferentes das cariocas e de outros estados brasileiros.

No período do império de D. Pedro II havia basicamente dois partidos, o liberal e o conservador, que se alternavam no poder. Assim o Brasil imitava o sistema vigente na Inglaterra.

Questão maçônica: a igreja católica e o Estado

Na verdade não tem muita importância a briga que houve naquele tempo da igreja católica com o império brasileiro devido aos padres maçons.

Um sobrinho de um ministro de D. Pedro II tinha estudado em Roma e voltou ao Brasil com idéias de que os maçons não poderiam pertencer às irmandades religiosas, isto é, nenhum padre poderia ser maçom.

Naquele tempo havia o que se chamava a união entre o “trono e o altar”. Era D. Pedro II quem nomeava os Bispos. Assim D. Pedro II nomeou Dom Vital, bispo de Olinda. Além de haver muitos padres maçons era comum no nordeste os padres terem filhos. Era até um orgulho ser um filho de padre. Li que na época cerca de 30% dos padres do nordeste tinham amantes. O bispo Dom Vital queria acabar com isso também.

Aí começou a confusão. Um outro bispo se aliou a Dom Vital e começaram as perseguições contra os padres maçons em todo o Brasil. D. Pedro II que era simpatizante dos maçons com a ajuda de Duque de Caxias que era maçom, puseram os dois bispos na cadeia por uns dois anos. O papa apoiou os dois bispos, como era de se esperar.

Na mesma época houve a implantação do sistema métrico e no nordeste houve tanta briga que o exército teve de interferir.

Na verdade as brigas com os dois bispos encabeçada por D. Vital, pôs um fim na colaboração de 50 anos da igreja católica com a maçonaria.

Libertação dos escravos

Quando estava no ginásio li em um artigo dos livros escolares que quando a princesa Isabel comunicou ao barão de Cotegipe que ia emancipar os escravos, o mesmo lhe disse que, com a assinatura desse documento, ela estava acabando com o império. Não era verdade. O império já estava acabado.

Há muito que o maçom Barão de Mauá sabia da

libertação dos escravos bem como todos os ministros. Era só questão de tempo.

Os paulistas já tinham se apressado, trazendo cada vez mais imigrantes italianos para São Paulo para trabalhar na lavoura, chegando a um ponto em que o governo brasileiro, à sua custa, trazia de navio os estrangeiros para São Paulo e para o sul do Brasil. Havia uma idéia reinante entre os fazendeiros que seria mais fácil controlar os imigrantes do que os libertos, pois a elite brasileira considerava os afro-brasileiros fisicamente inferiores e incapazes para hábitos sérios de trabalho (Thomas E. Skidmore).

Os únicos fazendeiros que ficaram realmente descontentes foram os do Vale do Paraíba que se desiludiram com o império.

Conde D’Eu

A princesa Isabel, filha de D. Pedro II, era casada com o Conde D’Eu, um francês. Embora na época todos falassem o francês na corte, deixar um francês assumir o governo era outra coisa. Como poderiam os brasileiros deixar que um francês corrupto como o Conde D’Eu assumisse o império.

Cheguei a ler em um livro uma carta do Duque de Caxias criticando uma compra de coturnos para o seu exército. O preço comprado foi várias vezes maior que o preço normal e o culpado era o Conde D’Eu, chefe de toda a corrupção no governo de D. Pedro II.

D. Pedro II era um nobre honesto que ficou 50 anos no poder no século XIX. Poucas pessoas ficam tanto

tempo no poder. Nos primeiros 20 anos de poder D. Pedro II realmente governou sendo que os restantes 30 anos foi levando com a barriga, alternando no poder os ministros conservadores e liberais, deixando a corrupção tomar conta do Brasil sem fazer nada. Quando a corrupção estava muita alta, tirava os ministros e colocava outros, mas a corrupção continuava a mesma. Como D. Pedro II era uma pessoa honesta e de bom caráter, ninguém lhe atribuiu a corrupção em seu governo e a sua figura sempre ficou separada dos laráprios que furtavam o governo. Mesmo assim o apelido dele era "Pedro banana".

Tinha seguido também os passos do seu pai D. Pedro I, chegando a ter um número muito grande de amantes, só que era muito discreto.

D. Pedro II sabia que não tinha herdeiros à sua altura para o substituir e a princesa Isabel não era muito inteligente. Um primo seu, que era geólogo e muito culto, ficou louco e disfarçadamente o mandaram para Portugal. D. Pedro II sabia que seria o último dos Bragança.

Doença de D. Pedro II

D. Pedro II tinha diabetes e estava bastante doente. Não tinha ninguém para assumir o governo, Duque de Caxias já tinha morrido, e daí surgiu o golpe de Estado de 15 de novembro de 1889, criando a República do Brasil.

Cansaram-se, os seus interlocutores, de reclamar um lugar ao sol no orçamento comu-nal. Pelo menos para editar a revista anual que, em última análise é um complemento das solenidades comemorativas da fundação da cidade. Paciência.

Com sacrifícios de ordem pessoal, os acadêmicos de Guarulhos continuarão oferecendo as jóias buriladas pelas suas inteli-gência, para deleite da nossa gente. Sem nunca esquecer de marcar a sua posição no nosso meio cultural. Para que possam cancelar a sua presença na contempora-neidade, porque cultura é a efer-vescência das idéias das quais o tempo vive.

É com esse propósito que oferecemos nossa Revista, com nuanças que vão do poético da ficção, à literatura científica. Recebam-na com o mesmo carinho com que a doamos.

João Ranali